

*Gustavo Barroso*

*Tamandaré*  
*Nelson Brasileiro*

*Getulio M. Costa*





Soldados do Brasil!

A nossa historia é repleta de cenas magnificas de heroismo e renuncia. Logo ao nascer tivemos que combater holandeses e franceses. Fizemos, logo a seguir, a epopéa de penetração. Só isso vale tudo um poema de tenacidade. Os bandeirantes, a selva, o indio e o sonho lindo das esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme e Borba Gato. E as campanhas do Sul? Por onde fomos andando, do solo dos caminhos, fomos escrevendo paginas de bravura e sacrificio.

Soldados do Brasil!

Esta coleção de livros é como um presente do autor ao Exercito de nossa Patria. Lendo-os, conhecereis ainda melhor a grandeza de nossa historia.

**EM TODAS AS  
LIVRARIAS**





c-11  
6000

**TAMANDARÉ**  
**○**  
**NELSON BRASILEIRO**



Digitalizado por Trovoada-SP  
<http://trovoadasp.blogspot.com.br/>



## A MARINHA E A INDEPENDENCIA

Quando se proclamou a nossa independencia politica, tinhamos os elementos dum exercito criados nas lutas constantes da fronteira meridional, dêsde o soldado ao chefe, do dragão de Lunarejo ao general Curado. Faltava-nos, porém, a marinha e sem ela mais difficil seria a união das provincias sob o cetro imperial. O dominio do mar decide a sorte dos povos. Lucas Boiteux escreve a proposito: "Os destinos do Brasil só dependiam de operações navais. Os gloriosos próceres da nossa nacionalidade não mediram obstaculos e, com uma energia inquebrantavel, com um patriotismo ardoroso, fizeram surgir de um amalgama de elementos heterogeneos uma esquadra que, victoriosa, varreu dos mares as forças navais adversas".

A carreira das armas, em terra, estava aberta aos filhos do país. Êles constituíam, sob o nome de ordenanças e milicias, a reserva territorial, formavam legiões e regimentos já experimentados em diversas campanhas, podiam atingir todos os postos locais nos corpos de tropa verdadeiramente brasileiras e já tinham mostrado aos blândengues, miqueletes e guaranis de Artigas seu valor em campo raso. A carreira das armas no mar,



pelo contrario, estava fechada aos naturais da colonia. Era prohibido por lei ao brasileiro ser marujo ou possuir navios. De maneira que somente os pescadores se aventuravam sobre as ondas da nossa imensa costa.

Para constituir a armada nacional, aproveitaram os estadistas da independencia os navios deixados pelos portuguezes no porto do Rio de Janeiro. Além de alguns imprestaveis e desarmados, que serviam de presiganga ou foram vendidos para aproveitamento do material, existiam: a náu *Martim de Freitas*, que, consertada e municuada, se tornou capitânea da nascente esquadra sob o nome de *Pedro I*; a fragata *União*, crismada em *Piranga*, que era como, na época, se chamava ao córrego em cuja margem o Principe Regente soltára o grito de *Independencia ou morte!* a fragata *Real Carolina*, dos estaleiros de Damão, que passou a chamar-se *Paraguassú*; a fragata *Sucesso*, de nome profetico, transformada na gloriosa *Niteroi*; a corveta *Maria da Gloria* comprada em 1818 pelo governo portuguez, quando, sob o nome de *Horacio* e destinada ao Chile, arribou á Guanabara com a tripulação em revolta; a corveta *Liberal*, antigo brigue *Gaivota*; os brigues *Reino Unido*, que recebeu o apelido de *Cacique*, e *Real Pedro*, que conservou o seu titulo; e o brigue-escuna *Leopoldina*, denominado *Rio da Prata*.

Além dêsse, o governo imperial pagou a Brown Watson o brigue *Nightingale*, que passou a ser *Guarani*; a David Jewett o imperador comprou com dinheiro de seu proprio bolso o brigue *Maipú*, que ofereceu ao Estado com o nome, depois



ilustre, de *Cabôclo*; e o general Labatut adquiriu na Baía o brigue *Atalanta*.

Com o tempo, paulatinamente, êsse material flutuante foi aumentado dêsde a fragata erçada de canhões às charrúas fluviais armadas de rodízios.

Faltavam, porém, os tripulantes de alta, média e baixa categoria, sobretudo desta última. Nas *Memorias* de Cochrane se lê: "... o tripular com maruja nativa êsse e outros vasos prestaveis era cousa impossivel, porque havia sido politica da metropole fazer até o comercio de cabotagem por meio exclusivamente de portugêses, nos quais o Brasil agora se não podia fiar para a luta que se aproximava com os mêsmos". Quasi não havia officiais brasileiros. De cento e vinte cinco portugêses que se encontravam no país, sem contar os da frota de Felix de Campos na Baía e os da divisão da Colonia do Sacramento, e fôram consultados sobre sua attitude, noventa e oito, entre os quais 2 vice-almirantes, aderiram á causa nacional com uma simpatia que Jaceguai fez ressaltar. Vinte e sete — e entre êles um nascido no Brasil — recusaram o serviço do Imperio e seguiram para Lisboa. Arvoraram-se mestres, contra-mestres, sargentos e patrões arrancados ao refugio da marinha mercante. Recrutaram-se tripulações na escoria dos portos. Embarcaram-se escravos. Receberam-se de braços abertos mercenarios e filbusteiros de todas as procedencias. Mas faltava ainda o chefe supremo.

Os almirantes lusos, os proprios capitães de mar e guerra ou de fragata, velhos, achacados, deshabituaados da vida ativa do mar, eram impres-



taveis como pontões antigos. Essa reliquias agaloadas duma marinha em decadencia como era, então, a de Portugal, “queriam o descanso, o socoço do lar, a dôce quietude das parcas reformas e não pretendiam abandonar as pequenas propriedades adquiridas com longas e amargas economias. Havia interesses a zelar: eram negociantes uns, agiotas, fazendeiros outros (\*)”.

Faltava-lhes já de todo a fibra guerreira, a ambilação da glória e o amor ao mar. Eram náus e fragatas encalhadas para sempre, destinadas a inevitavel apodrecimento.

Então, “lembrou o marquês de Barbacena a José Bonifacio que perto de nós se encontrava um homem cheio de vigor, de iniciativa e capaz de levar a bom fim a heroica empresa. Era o almirante Lord Cochrane. Ordens fôram enviadas ao nosso Agente Comercial em Buenos Aires, Antonio Manuel Corrêa da Camara, para dirigir-se a êle que se achava no Chile. Em 4 de novembro foi-lhe enviada uma carta e a 29 do mesmo mês respondeu que seguiria para o Rio (\*).”

Em março de 1823, Cochrane estava no Rio de Janeiro, acompanhado dum grupo de oficiais que haviam servido sob suas ordens — Hayden, Crosbie, Grenfell, Sheperd e Clewley, visitava José Bonifacio, apresentando-se ao imperador, conferenciava com o ministro da Marinha, recebia a patente de primeiro almirante da Armada Nacional e içava o seu estrelado pavilhão de comando

---

(\*) L. A. Boiteux — “A Marinha de Guerra Brasileira”.

(\*) L. A. Boiteux — “A Marinha de Guerra Brasileira”.



no mastaréu grande na nau *Pedro I*, saudado pelos canhões da nova esquadra.

A êsse grupo de dirigentes, o governo acrescentou varios officiaes de marinha contratados no R.o de Janeiro: o americano David Jewett, capitão de mar e guerra, os inglêses John Taylor, capitão de fragata, William Eyre e George Mason, primeiros tenentes, e o holandês Adriano Hendryk Mynsson, segundo tenente. Da Inglaterra, onde se encontrava em missão diplomatica, Barbacena enviava os capitães da fragata Thompson e Norton, o capitão-tenente Kelmare, os primeiros tenentes Gleddon, Cleare, Chrofton, Newell, Chester, Whright, Gillet, Clarence, os segundos tenentes Watson, Inglis, Macrieght, Challes, Cowan, Mosselen, Litcostan, Jell, Broom, e uns quinhentos artilheiros e lobos do mar.

Indultavam-se os soldados presos da antiga brigada de Marinha, que passavam a formar o batalhão de artilharia de Marinha, criava-se o cargo de cirurgião-mór da Armada, nomeavam-se lentes para a Academia Naval, reorganizava-se o ministerio respectivo, abriam-se subscrições para a compra de navios e munições, perdoavam-se os desertores que se apresentassem ao serviço, concediam-se a brasileiros e estrangeiros cartas de corso contra o pavilhão lusitano, prometiam-se recompensas a marinheiros e grumetes voluntarios, sequestravam-se escunas e sumacas portugêsas, e aprovava-se nova tabela, melhorando os vencimentos de marujos e officiaes.

Muitos moços atenderam ao chamado da patria em perigo, alistando-se na recenascida esquadra. Um dêles foi Joaquim Marques Lisbôa, fu-



turo almirante e marquês de Tamandaré, que contava apenas dezeseis anos de idade e se apresentou ao comandante Taylor, a bordo da *Niteroi*, como praticante de piloto, no dia 4 de março de 1823. Nascera a 13 de dezembro de 1807, ano em que D. João VI deixara às pressas Portugal, na vila de S. José do Norte, na provincia do Rio Grande do Sul, filho legitimo do capitão de milicias Francisco Marques Lisbôa e D. Eufrasia de Azevedo Lima.

Em 1808, seu pai fôra nomeado patrão-mór da barra do Rio Grande e segundo tenente honorario da Marinha Real. Assim, quando o menino Joaquim abriu os olhos para a vida foi num meio de praticos, pilotos e marinheiros, entre pequenas embarcações a vela e a remo, nas quais fez o primeiro aprendizado da carreira que haveria de percorrer gloriosamente.

Na data de 30 de março, recebeu Cochrane ordem do governo imperial para fazer-se a vela com os navios que achasse necessarios, afim de bloquear o porto da Baía, destruir ou capturar os barcos portuguezes e causar a êsses inimigos do Brasil independente todos os males e prejuizos possiveis. A 3 de abril, a esquadra composta da capitânea, a náu *Pedro I*, da fragata *Piranga*, das corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*, do brigue *Guarani* e do brigue-escuna *Real Pedro*, levantava ferros, largava os panos e punha-se na volta do mar. Na turqueza do horizonte, as suas velas apagaram-se ao cair da tarde, levando a esperança da liberdade. Com a tripulação ainda incompleta, a *Niteroi* não pôde acompanhar o almirante, de maneira que somente conseguiu juntar-se aos navios que êle co-



mandava em 29 de abril, já na altura da costa baiana.

Ao romper o dia 4 de maio, navegava a Armada Imperial, largado o pano todo, por um mar calmo e chão, sob um céu limpo e sorridente, ao sopro leve do vento de leste, quando das gáveas e váus de joanetes os gageiros assinalaram a esquadra portugêsa de João Felix Pereira de Campos. Dêsde 26 de março que o general Madeira ordenára sua saída da Baía por ter tido noticia da aproximação da frota de Cochrane. Reinava nela, porém, a insubordinação. Os oficiais divergiam dos chefes e a maruja indisciplinava-se a êsse exemplo. Levou dias para levantar as âncoras. Na manobra, a capitânea encalhou e só pôde safar em 30 de março.

Representava, apesar de tudo, uma força respeitavel. Contra os 246 canhões mal servidos dos imperiais (1 \*) trazia 399 com excelentes artilheiros (2 \*). Vinha bordejando ao largo da ponta de Santo Antonio, da qual nos separavam umas oito leguas. Pelas seis horas da manhã, a capitânea de Felix de Campos reconheceu as nossas velas e fez o sinal — *virar por davante por contramarcha*. Obedecendo ás bandeiras multicôres que tremula-

---

(1\*) Náu *Pedro I*, 74 canhões; fragata *Piranga*, 52; fragata *Niteroi*, 42; corveta *Maria da Gloria*, 32; corveta *Liberal*, 20; brigue *Guarani*, 16; brigue-escuna *Real Pedro*, 10.

(2\*) Náu *D. João VI*, 88 canhões; fragata *Constituição*, 56; fragata *Perola*, 44; corveta *Dez de Fevereiro*, 26; corveta *Restauração*, 24; corveta *Regeneração*, 22; charrúa *Ativa*, 23; charrúa *Princesa Real*, 22; brigue *S. Gualter*, 26; charrúa *Calipso*, 22; brigue *Audaz*, 18; escuna *Príncipe do Brasil*, 22; sumaca *Conceição Oliveira*, 6.



ram na verga da *D. João VI*, o navio testa da columna de sotavento principiou a manobra e, dentro em pouco, todos os navios lusitanos navegavam como a nossa esquadra com amuras a estibordo. Depois, o chefe mandava diminuir distancias e, por fim, retirar os caçadores da linha.

O vento rondava lentamente para lés-nordeste. As duas armadas avistavam-se perfeitamente, navegando em gáveas e joanetes, com as gatas atravessadas, as prôas de norte a noroeste (\*). Às oito horas da manhã, os navios inimigos punham-se á capa com amuras a estibordo. Vinham em duas columnas e era, sem duvida, seu intento atacar fortemente a nossa capitânea, metendo-a entre dois fogos e destruindo-a antes que o resto da esquadra pudesse agir. Os sinais de bandeiras multiplicavam-se na verga da náu portugêsa: *União; Diminuir distancias; A um terço de amarra; Força de vela!*

Deante da grande superioridade do armamento inimigo, Cochrane procurou a salvação na audacia da manobra e na habilidade tecnica da direção do combate. Resolveu tentar a fortuna, aproveitando os pontos fracos do adversario: o excessivo desenvolvimento das linhas que não permitia a utilização immediata de todos os navios; a facilidade do ataque aos flancos e caudas das columnas. Ao meio dia, a distancia entre as duas esquadras era de duas milhas e meia. Nas aguas da *Pedro I*, navegavam cobertas de pano a *Piranga*, a *Niteroi* e a *Maria da Gloria*. Distanciados, vinham os outros. A náu brasileira rizou uns panos e colheu

---

(\*) L. A. Boiteux — “A Marinha de Guerra Brasileira”.



outros, diminuindo a marcha. A portuguesa fez o mesmo, içando a bandeira real e a insignia de chefe de divisão. Cochrane mandou desfraldar o novo pavilhão do Imperio e o seu pendão estrelado de almirante. Depois, ordenou: *Atacar o centro e a retagurada!*

Começa o combate. Ribomba a artilharia e estaleja a fusilaria das amuradas, dos castelos e cestos de gávea. O mar cobre-se de rólos de fumaças rasgados por violentos relampagos. A náu *Pedro I* procura cortar a linha inimiga, concentrando seu fogo sobre a charrúa *Principe Real*, que se defende ora orçando, ora arribando, mas perde o mastaréu do traquete e a bandeira. "Cochrane, de porta-voz em punho, brada-lhe que se renda. A *Pedro I* avança sempre, corta a prôa do navio português e ataca-o pelo bordo oposto, enquanto a *Piranga* continúa a castigá-lo pela alheta. O bravo Beaurepaire, na *Maria da Gloria*, bate-se bravamente, perseguindo a *Calipso*. Infelizmente, porém, nem todos os navios brasileiros cumpriam seu dever; o brigue *Real Pedro* não se bate por ter a sua guarnição, quasi toda portuguesa, se recusado a fazê-lo, apesar da bôa vontade e desejo da officialidade: *Portuguêses não se batem contra portuguêses! Na Liberal e no Guarani*, dá-se identico e desairoso caso, tornando-se os dois navios meros espectadores da luta. Nêsse tempo, a náu *D. João VI* e os demais navios da coluna começam a virar de bordo para proteger a retaguarda. Era chegado o momento supremo em que se ia decidir da vitoria. Não entrara no calculo do bravo almirante Cochrane o espirito dos marujos portuguêses que tinhamos a bordo dos nossos vasos. Quando



houve necessidade do último e decisivo esforço, a guarnição portuguesa da *Pedro I*, estimulada pelo exemplo dos outros navios, recusou-se a fazer fogo. O fiel da artilharia, o escoteiro e um cabo de esquadra aprisionam os encarregados do transporte de cartuchos, fecham os paióis, declarando: *Daqui não sairá pólvora para atirar contra portugueses!* O capitão tenente João Grenfell indigna-se deante de tamanha ousadia, desce aos paióis, cai sobre os insolentes e os arrasta ao convez, onde são postos a ferros. Seria temeridade deante dêsse gravíssimo fáto continuar o combate. O almirante resolve, então, fazer uma retirada honrosa e, vagarosamente, se foi afastando com a inteção de, á noite, cair sobre o inimigo. Este, por sua vez, não muito disposto a bater-se, tomou rumo oposto ao sinal de — *União* — feito pela capitânea (\*).”

Nessa jornada em que pela primeira vez no mar tremulou a nossa bandeira sobre a fumaceira e o sangue dum combate, recebeu o joven Marques Lisbôa o batismo de fogo.

---

(\*) L. A. Boiteux — “A Marinha de Guerra Brasileira”.



## O CRUZEIRO DA NITEROI

Foi uma epopéa a perseguição de toda a esquadra portugêsa em plena retirada do Brasil, depois de restaurada a Baía no concerto das provincias independentes do Imperio, pela fragata *Niteroi*. A audacia superando ao numero e a força moral dominando o inimigo desalentado — é a grande lição que nos dá êsse fáto historico.

Fazendo do porto do morro de S. Paulo base de operações, Cochrane reforçou a artilharia da capitânea, recambiou para o Rio a *Piranga* com os máus elementos das tripulações e, tirando bons officiais e marujos dessa fragata e da *Niteroi*, completou os tripulantes da náu. Entre êsses, foram o comandante Taylor e o praticante Marques Lisboa. Bloqueou o porto de S. Salvador e percorreu a costa baiana com a *Pedro I* e a *Maria da Gloria*, fazendo presas.

Perdida a esperança de socorros do Reino e sentindo grande falta de meios de subsistencia, o general Madeira resolveu evacuar a Baía. A êsse tempo, Taylor voltára com grande parte de sua gente e guarneceu de novo a *Niteroi*, passando o capitão de fragata Luis Barroso Pereira, que estava no seu comando, ao posto anterior de immediato. Joaquim



Marques Lisbôa tornou desta sorte a pisar o convez da nave em que embarcára como voluntario e na qual se iniciára ao fogo dos combates.

A's 11 horas da manhã do glorioso dia 2 de Julho de 1823, oitenta e seis velas portuguezas transpunham a barra rumo ao mar alto que eles tinham outróra povoado de aventuras e heroismos. Não eram mais os antigos mareantes de Sagres e das Indias, porém os de outra época em que se havia perdido a fé animadora das epopéas. Cochrane espionava-os, bordejando ao largo com a *Pedro I*, a *Maria da Gloria* e o *Real Pedro*. Mandára prevenir no morro de S. Paulo o resto da frota. Suspenderam ferros e largaram o pano a *Niteroi*, a *Carolina*, a *Baía* e a *Carlota*. E todos, de peças carregadas, os oficiais de pé nos castellos, os guardiães e mestres nos lemes e nas mêsas de malaguetas, os marujos nas fainas e os fusileiros nas gáveas, vieram denodadamente picar a retaguarda do inimigo em fuga.

Assim, o dia correu e a noite veio tórva, tempestuosa, estendendo o seu crépe sobre o mar tenebroso. Felix de Campos, atento sómente a salvar sua esquadra, abandonara o comboio que a seguia a mercê dos perseguidores. O vento obrigava todos a uma derrota quasi paralela á costa. E, despejando na escuridão, as bandas e rodizios, os falconetes e cachorros de caça, rasgando a noite sinistra com as punhaladas dos clarões mortiferos, os barcos imperiais cortavam as linhas da esquadra portugueza e apresavam os navios mercantes que ela não podia proteger.

Nasceu o dia. Mal o sol alaranjou as franjas das nuvens acasteladas no horizonte. Cochrane viu-



se com a capitânea metido entre o inimigo mais de duas vezes superior em forças e o litoral. Atravessou as vergas, os panos murcharam, estralejando, ao longo dos mastros e dos mastaréus, as escotas flacidamente bambolearam sobre as amuradas, a náu caiu pela retaguarda e escapou com rapidez.

Tomámos, entretanto, as galeras *Russo*, *Harmonia*, *Conde*, *Ulisses*, *Príncipe Real* e *Bizarria*, o transporte *Leal Português*, o brigue *Prontidão*, a escuna *Intrepida*, a charrúa *Conde de Peniche* e as sumacas *Alegria dos Anjos*, *Santa Rita* e *S. José do Triunfo*, que conduziam munições, 1532 soldados e um coronel.

Rumo ao norte, em certa altura um grupo de navios lusos procurou alcançar o Maranhão. Fôram sobre êles os barcos de Cochrane, capturando as galeras *Harmonia* (2.<sup>a</sup>), *Caridade* e *Fragatinha de Macáu*, e a charrúa *Príncipe Real*, com seus armamentos, bandeiras e uma divisão inteira do exercito português. Ainda a 16 de julho, eram atacados e tomados a galera *Diana*, o brigue *Triunfo da Inveja*, as sumacas *Tres Amigos* e *S. José Triunfante*.

Seguindo com a náu *Pedro I* para o Maranhão, onde ainda se não firmára a liberdade ameaçada pelas armas de Fidié, Cochrane mandou levar as presas á Baía e ao Rio, e encarregou a *Niteroi* de continuar sózinha a perseguição á desmoralizada esquadra lusitana.

Sobre o lençol azinhavrado que estende até o muro circular do horizonte a renda sutil das ondulações encrespadas de espumas, veleja a ainda formidável esquadra que busca a metropole, de



onde partiram “as armas e os barões assinalados” para a conquista dos mundos novos. Duas filas de navios inclinados a um bordo, o velame pando, navegando ao zumbido do vento fresco na cordoalha, dia e noite preparados para o combate, com os gageiros atalaiando dos vaus dos joanetes a retaguarda em que se ia apagando na face inquieta e volúvel do mar a branca singradura dos lenhos. E’ que lhes vinha na esteira, solitaria e destemerosa, a grande fragata imperial, largado o pano e os canhões em bateria.

O comandante Taylor cavalgava como simples grumete a verga do velacho ou, com os pés nos estribos, qual o marujo que ferra e desferra a vela, debruçado por sobre o madeiro roliço, não perdia um movimento do inimigo. Nos cestos de gávea do traquete e do mastro grande, os praticantes João Nepomuceno de Menezes e Joaquim Marques Lisboa, de olhos em punho, forneciam-lhe indicações precisas sobre a navegação do adversario. Com um eterno sorriso de mofa a bailar-lhe na larga face vermelha, os olhos azúes faiscando de audacia, o bravo comandante dava de quando em quando ordens, ora fazendo força de vela para despejar alguns tiros de rodizio no coice dos portugueses, obrigando-os a cerrar as filas, ora desfilando a contrabordo e largando-lhes bandas de artilharia. E, se mais não fazia, é porque não tinha toda a confiança na *Niteroi*, cujo aparelho estava danificado, cujo velame se achava rôto e cujos paióis se encontravam quasi vazios.

A 12 de julho, na altura do Ceará, demorou a marcha e fez vir a bordo o mestre dum cutter de Pernambuco, ao qual entregou uma proclamação,



mandando que fôsse levar á terra a noticia de têrem os lusos abandonado a Baía. (\*) “A 7 de agosto aprisionou o transporte *Grão Pará*, que conduzia 270 soldados e, depois de ter deitado ao mar seus canhões e feito assinar por passageiros e oficiais um termo de prisioneiros de guerra, concedeu que seguissem seu destino... A 19, usando de estratagemas, içando para isso a bandeira inglesa, coisa bem permitida, conseguiu obter agua na ilha das Flores e cinco dias depois fez rumo a Lisboa. Nêsse trajeto, debaixo das baterias inimigas, aprisionou sucessivamente os hiates *Alegre*, *Correio de S. Miguel*, *Esperança*, *Vigilante*, *Bom Sucesso*, e o brigue *União*. A 8 de setembro, caíam em nosso poder os hiates *S. José*, *Provincia*, a galera *Nova Amazonas* e depois o hiate *Paquete de Setubal*, no qual mandou o comandante Taylor embarcar todos os prisioneiros feitos nas presas anteriores afim de que seguissem para Lisboa, dando-lhes liberdade. Depois de tantos feitos sem que ousasse navio algum impedir-lhe o arrojo, a 12 de setembro mostrou as côres nas costas portuguezas, para que todos se pudessem certificar de que uma nação nova havia surgido,, separada por completo da antiga metropole. De regresso, ainda fôram aprisionados os hiates *Santo Antonio*, *Triunfo* e *Erminia*, escuna *Emilia* e brigue *S. Manuel Augusto*. arribou á ilha de S. Nicolau para fazer aguada; ao fazer-se de vela, apanhou formidavel temporal, que, por pouco, não fez submergir o navio, sendo preciso para salvá-lo picar o mastro da mesena e lançar ao mar alguns canhões (\*)”

---

(\*) T. Meireles — “Historia naval brasileira”.

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



Os aliseos enfunaram-lhe as velas cansadas na zona equatorial. Os bôtos acompanharam-lhe aos pulos a esteira. Os peixes voadores saltaram em cardume á sua prôa. E, no dia 9 de novembro, o cenario historico da Baía com seu alto casario trepando pelos morros enfestonados de arvoredos, balisados de palmeiras e coqueiros, mostrou-se aos olhos saudosos da marinhagem e da officialidade.

Em fevereiro de 1824, quasi um ano após ter entrado como praticante voluntario para a armada imperial, na heroica fragata em que embarcára, Joaquim Marques Lisbôa chegava ao Rio de Janeiro. Desembarcou em 16 do mesmo mês, reza sumariamente sua fé de officio. E matriculou-se no primeiro ano do curso da Academia de Marinha.

Tinha, porém, já frequentado o melhor curso para marinheiros o mar. Cortára-o dum continente ao outro em plena guerra, aprendendo a manobra e a tática naval da época de *visu*, com um mestre como Taylor que cavalgava as vergas e marin hava pelas enxarcias como o mais veloz dos grumetes. Dormira ao embalo das ondas preguiçosas e ao silvo agudo do furacão. Suportára fome e sede, o fogo do inimigo e as iras do oceano encapelado. Todos os dias, o trato com velhos lobos do mar, o convivio de chefes experientes como Taylor ou Barroso Pereira lhe traziam ensinamentos novos. Ele tinha, pois, a pratica quando começou a estudar a teoria. Ajudára, além disso, a escrever uma das mais belas paginas da Marinha Brasileira.

Rebentou em Pernambuco a revolução de 1824, que criou a efémera Confederação do Equador. Aprestou-se a esquadra para levar tropas áquela



provincia e combater os rebeldes. Cochrane lembrou-se de Marques Lisbôa, que vira como se portára na guerra da independencia e de cuja coragem e habilidade como marinheiro Taylor já lhe falára. Pediu ao governo que o embarcasse como official subalterno na *Pedro I*. O marquês de Paranaguá, ministro da marinha, que já andava ás turras com o almirante, recusou sob o pretexto de existir um decreto que não permitia mais como voluntario a bordo quem não tivesse os estudos da Academia de Marinha. Respondeu-lhe o marquês do Maranhão por escrito, com grande espirito: "... se não houvessem officiais senão os que estudaram em qualquer Academia, eu tambem ficaria excluido e não creio que haja um só official inglês ao serviço de Sua Magestade Imperial que assim fôsse educado. Permita-me dar a minha opinião que a melhor Academia de Marinha é um navio de guerra, um respeitavel e habil lente onde se combina a teoria com a pratica que aí se devem explicar".

Cochrane foi a D. Pedro I e falou-lhe em favor do embarque do joven Marques Lisbôa:

— Senhor, disse-lhe, êle será o Nelson brasileiro!







## A PRIMEIRA PROMOÇÃO

Joaquim Marques Lisboa embarcou na nau *Pedro I* a 25 de julho de 1824 e partiu a 2 de agosto com a divisão que levava a Jaraguá, na província de Alagoas, as forças expedicionárias contra os rebeldes da Confederação do Equador, comandadas pelo general Lima e Silva.

Na esteira da gloriosa capitânea, seguiam a corveta *Carioca*, o brigue *Maranhão*, as charrúas *Harmonia* e *Caridade*. Depois de desembarcar os mil e duzentos homens da expedição, o almirante rumou para o Recife, onde chegou no dia 18 de agosto, lançou uma proclamação concitando os pernambucos á obediência ao poder central e, vendo frustrados seus intentos pacificadores, bloqueou o porto e mandou a escuna *Leopoldina* dar alguns tiros contra as baterias de terra.

Vieram reforçá-lo a fragata *Paraguassú* e a corveta *Maceió*. Ambas, porém, de grande calado ficaram cruzando ao largo como a almiranta, que o mau tempo forçara a arribar á Baía.

Somente com a chegada da divisão naval de David Jewett e o avanço das tropas de Lima e Silva, bombardeado por terra e por mar, o presidente rebelde Manuel de Carvalho Pais de Andrade abandonou a cidade e refugiou-se a bordo da corveta inglesa *Tweed*.



Cochrane fez-se de vela para o norte, deixando grande parte da esquadra em Pernambuco, e foi submeter a capital do Ceará, de onde fugira o chefe revoltoso Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Lavrara por toda a parte setentrional do país o incendio das discordias civis. Campeava a anarquia. Reações portugêsas contra o elemento nacional e reações nativistas contra os reinóis entrechocavam-se. No Maranhão, o presidente Miguel Bruce, encabeçando a facção lusitana, armava tropas para esmagar os oposicionistas. No Pará, o conego Batista Campos procurava sublevar a provincia.

Cochrane fundeou em S. Luiz e depôs o governador Bruce. Depois, enviou para Belem o primeiro tenente Clarence com o brigue *Atalanta*. Destacou mais cem praças para seguirem nêsse navio e guarnecerem naquêlê porto o brigue *Januaria*, ali construido. O praticante Marques Lisboa fez parte dêsse destacamento.

De regresso ao Maranhão, voltou á nau *Pedro I*. E ainda andava em trabalhos e lutas pelo norte quando seu irmão e procurador José Marques Lisboa dirigiu ao imperador o seguinte requerimento publicado pelo almirante Enrique Boiteux: "Diz Joaquim Marquês Lisboa que, tendo-se oferecido em 1823 para servir como voluntario na Armada Nacional e Imperial, dignou-se Vossa Majestade Imperial deferir a sua súplica, ordenando-lhe que se apresentasse a João Taylor, para servir a bordo da fragata que, então, comandava, com a promessa de o promover a official de Patente logo que o mesmo Comandante informasse bem do seu apro-



veitamento, intelligencia e conduta, como é constante pela sua inclusa nomeação. Tendo o suplicante servido tanto debaixo das ordens do 1.º Almirante, como do dito comandante Taylor, com a maior aptidão, como bem prova a atestação adjunta, que dos mêsmos obtivera, desembarcou nesta Côrte por ordem superior quando se desarmou a fragata *Niteroi*, a cujo bordo se achava; e, movido pelos mais ardentes desejos de habilitar-se devidamente para prestar maiores serviços ao Estado, requereu e obteve immediatamente licença para matricular-se no 1.º ano Matematico e no de Apparelho da Academia Imperial dos Guardas-Marinha, cujas aulas frequentou sempre com a maior assiduidade e constante applicação, como consta da Atestação anexa do respectivo Diretor, até que, á requisição do 1.º almirante, recebeu ordem de embarcar a bordo da náu *Pedro I*; não sendo por isso possível completar o dito 1.º ano, por cujo motivo se acha ainda com a mêsmo gradação de voluntario, apesar de não ter deixado depois da sua nomeação de empregar-se efetivamente no serviço de Vossa Majestade Imperial e ter dado repetidas provas de poder servir dignamente como Oficial. A vista do exposto, Augusto Senhor, recorre pois o Suplicante á inesgotavel bondade e munificencia de Vossa Majestade Imperial para que haja por bem promovê-lo ao posto de segundo tenente, em atenção aos serviços que tem tido a felicidade de prestar, e ás honrosas Atestações de que é portador, e sobretudo visto achar-se nas circumstancias para isso exigidas pela sua mencionada nomeação; portanto: Pede a



Vossa Majestade Imperial se digne atender benignamente á sua súplica”.

O capitão de mar e guerra Taylor informou ao ministro da Marinha com este incisivo officio:

“Já tive a honra de falar a Vossa Excelencia a favor do voluntario Joaquim Marques Lisbôa, o qual soube adquirir a estima do 1.º Almirante, a minha e a de todos os seus superiores. O zelo, coragem e aptidão que êste joven Oficial Brasiliense mostrou no serviço da Marinha foi visto por todos com prazer e admiração; e posso assegurar a Vossa Excelencia debaixo da minha palavra de honra, que, quando desembarcou da Fragata *Niterói*, em consequencia de sua grande e constante applicação, êle se achava habilitado sufficientemente para conduzir uma embarcação a qualquer parte do Mundo. Os meus cronómetros estavam-lhe confiados. Resta-me, pois, Excelentissimo Senhor, suplicar a Vossa Excelencia, visto achar-se o dito voluntario embarcado a bordo na náu *Pedro I*, se digne atender benignamente á sua súplica; o que solicito com o unico fito de vêr promovido um official de verdadeiro merecimento e que, como já disse na Atestação que lhe passei, promete para o futuro fazer honra á Marinha dêste Imperio”.

O governo imperial louvou-se na palavra do bravo marinheiro e, por aviso de 2 de agosto de 1825, nomeava o voluntario da independencia segundo tenente em comissão. O futuro marquês de Tamandaré contava, então dezoito anos, mais ou menos a mesma idade com que Caxias e Osorio usaram as insignias do primeiro posto. Tempos heroicos êsses do amanhecer da nossa vida nacional em que as grandes glorias militares da patria



desabrochavam na adolescência! Talvez por terem brotado com tanta força se mantiveram puras até a velhice...

Cochrane já havia partido de surpresa para a Inglaterra a bordo da *Piranga*, em que saíra para um cruzeiro, ao largo de nossas costas. Marques Lisboa regressou ao Rio de Janeiro, prestou exames na Academia de Marinha e foi efetivado no posto de segundo tenente a 22 de janeiro de 1826. Pisava o primeiro degráu da hierarquia com o valor e a segurança que os seus chefes lhe reconheciam e que o levariam ao mais alto posto, tornando-o um dia padrão e símbolo da nossa Marinha.

Era o tempo em que as nuvens d'um grande temporal se adensavam nos horizontes do sul. A expansão brasileira em direção ao Prata encontrava série resistencia no espírito de independencia dos habitantes da Banda Oriental, que tínhamos conquistado com o sangue vertido de 1816 a 1820, expulsando Artigas e enterrando-o vivo na satrapia paraguaia do doutor Francia. Dêsse espírito se aproveitava a tortuosa politica de Buenos Aires, afim de tirar o melhor proveito no seu eterno sonho impossivel da reconstrução do antigo vice-reinado espanhol do Prata. As nossas armas brilhavam nas coxilhas varridas de minuanos e as nossas velas palpitavam rumo do estuario açoitado de pampeiros. Iam começar as sangrentas nau-maquias em que a audácia de Brown jamais conseguiu uma vitória decisiva contra o denôdo da nossa maruja e a experiencia de nossos oficiais. A Joaquim Marques Lisboa reservava o destino, na campanha naval que se abria, algumas corôas de louro.







## O BLOQUEIO DO RIO DA PRATA

Declarada a guerra entre o Brasil e as Províncias Unidas do Prata, que auxiliavam os rebeldes uruguaioes, dezenas de corsarios autorizados pelo governo de Buenos Aires enxamearam nas nossas costas e a esquadra brasileira iniciou o bloqueio dos portos inimigos. Era difficil, senão impossivel, uma ação naval eficaz contra a capital argentina sita num estuário que Lobo y Rindavelts denominavam *el infierno de los maríneros*, varrido de pampeiros, sujeito a diminuição do volume das aguas, semeado de inúmeros bancos e baixios, com canais de navegação correndo perto das orlas e, então, mal balizados. "Portos perfeitamente abrigados e profundos não existiam. O de Maldonado, exposto aos ventos de sudoeste, o unico abrigo que apresentava era o formado pela pequena ilha Gorriti; o de Montevideu encontrava-se em identicas condições; o da Colonia era pouco profundo, além de tudo. Os nossos melhores navios, quanto á artilharia e fortaleza de casco, eram de grande porte, calando, portanto, muito: os que podiam com maior facilidade navegar e manobrar nos canais eram de construção mais franzina e mais fracamente artilhados... não dispunhamos, apesar de contarmos um material enorme, de na-



vios aptos a operarem com a devida e pedida eficiencia naquella região, campo destinado á grave contenda (\*)”.

Tres divisões sob o comando do almirante Rodrigo Lobo, com o seu pavilhão na corveta *Liberal*, bloquearam o estuario platino: corvetas *Itaparica* e *Maceió*, brigues *Cabôclo*, *Real Pedro*, 29 de Agos-  
*D. Januaria* e *Rio da Prata*, brigue-escuna *Pará*, barca-canhoneira *Leal Paulistana*, escunas *Liber-  
tador do Sul* e *Conceição*. O segundo tenente Mar-  
ques Lisbôa que, primeiro, tivéra ordem de em-  
barque na fragata *D. Paula*, então na Baía, seguiu  
nela para Montevidéo e foi servir na *Leal Pauis-  
tana*.

Os argentinos tinham com grande esforço or-  
ganizado uma pequena esquadra, entregando seu  
comando ao irlandês Guilherme Brown: corveta  
25 de Mayo, brigues *Congresso Nacional*, *Republi-  
ca Argentina*, *General Belgrano* e *General Balcarce*,  
escunas *Pepa* e *Sarandi*, além de doze barcas-ca-  
nhoneiras. Essa força saiu do porto na manhã  
de 9 de fevereiro e logo que foi assinalada pelos  
gageiros da *Itaparica*, que estava na testa da nossa  
linha, todos os nossos navios suspenderam ferros,  
soltaram as carregadeiras das velas e navegaram  
de modo a ganhar posição a barlavento do inimigo.  
A's dez horas da manhã, viraram de bordo e co-  
meçaram a caça. Foi quando no mastro grande da  
capitânea brasileira tremulou êste sinal: *O almi-  
rante lembra a gloria da nação nêste dia e espera  
que todos se batam com o mais decisivo valor!*

---

(\*) L. A. Boiteux — “A Marinha de Guerra Brasi-  
leira”.



E, depois, êste outro: *Atacar o inimigo logo que cada um puder!*

Os argentinos viraram de bordo e fugiram perseguidos de perto pela *Liberal* e pela *Itaparica*, que somente às duas e meia da tarde conseguiram aproximar-se da almiranta de Brown, cuja prôa era denodadamente cortada pelo 29 de Agosto. Durante hora e meia, então, a artilharia da *Liberal* castigou-a, enquanto a *Itaparica* despejava suas bandas sobre o *Congresso* e a *Maceió* procurava com os barcos menores envolver toda a esquadriha. Mas Brown forçou a passagem e escapou.

A bordo da *Leal Paulistana*, no seguimento da *Maceió*, o segundo tenente Marques Lisboa participou dêsse demorado combate de Corales. Viu um espetáculo que ainda não contemplára tão de perto, pois não atingira áquele ponto a luta contra a esquadra portugêsa nas costas da Baía. “A metralha varria os convezes, ensopando de sangue os trincanazes. Os artilheiros, nús da cintura para cima, carregavam, conteiravam, apontavam as peças. Nas gáveas empavezadas, os fuzileiros navais dormiam na pontaria assassina. E’ á voz trovejante do oficiais, a maruja galopava pelos castelos e, á meia náu, laborava com os cabos, subia aos mastros, debaixo do fogo, para as manobras. A’s vezes, um homem soltava um grito lá em cima, abria os braços e despejava-se entre a teia do cordame. O corpo ricocheteava nos estais, as mãos abertas procuravam um briol, um amantilho, um estribo a que se agarrarem, e, por fim o desgraçado vinha bater no taboado rude, despedaçando



os membros, abrindo a cabeça a vasar a mioleira... (\*)”.

Foi a sua primeira batalha naval de verdade.

Os erros técnicos de Rodrigo Lobo na execução do bloqueio do Rio da Prata, fracionando suas forças, permitindo o ataque á Colonia do Sacramento, felizmente repellido, e desguarnecendo a ilha de Martin Garcia, chave do estuario, fizeram com que o governo imperial o substituisse pelo almirante Pinto Guedes, que tomou posse do comando em 16 de maio de 1826. Quatro dias depois, Marques Lisboa passava para a fragata *Niteroi*, capitânea, então da segunda divisão, sob as ordens de James Norton, que escurraçara Brôwn de Montevideo e a 25 de maio comemorára o aniversario da independencia argentina, canhoneando-o á vista de Buenos Aires.

A 11 de junho, levantando ferros em Quilmes, onde se encontrava, Norton veio, apesar da falta de agua reconhecida pelo historiador Baldrich, acompanhado de algumas escunas e um brigue, provocar Brown, refugiado no ancoradouro dos Pozos, defendido por bancos e parcéis perigosos, acessivel somente por estreito canal. Em linha, os navios imperiais de velas desfraldadas, com as bandeiras tremulando nos penóis das carangueijas, desfilaram pelo passo das Balizas Exteriores, cobrindo-se de raios e fumarada ao lançarem as suas bandas improficuas pela distancia. Durou duas horas o duelo de artilharia a que a população de Buenos Aires assistia apinhada nas praias. O citado Baldrich confessa com a maior naturalidade. “Brown tuvo el sereno acierto de no abando-

---

(\*) G. Barroso — “A guerra do Vidéo”.



nar su posición defensiva". O chefe Norton dirigiu a ação de bordo da escuna *Paula*, afim de ficar mais perto do inimigo, e só ao cair da tarde voltou para a sua fragata.

A 29 de julho seguinte, o almirante argentino tentou nas trevas da noite aproximar-se dos navios de Norton e Sena Pereira fundeados em Quilmes. Pressentindo por um gageiro da *Conceição*, que deu o alarma, fundeou a barlavento da nossa linha. Ao amanhecer, os nossos barcos põem-se em movimento, virando por davante e amurando a bombordo. Os argentinos viram em roda e orçam com amuras a estibordo. O brigue *Pirajá*, mais deanteiro, rompe o fogo. A *Niteroi* e o *Cabôclo* cortam a linha adversa e chegam a tiro de peça da capitânea portenha, com a infantaria de marinha pronta para a abordagem. E todos os outros navios aproximam-se a tiro de arcabuz dos argentinos.

E' quando "nos barcos republicanos se introduz imediatamente a mais tremenda desordem. O *Balcarce*, o *Independencia* e um bergantim corsario comandado por um tal Dotan rumam para o refugio dos Pozos; o *Republica* e a barca *Congresso*, para Punta Lara, uns sem ordens e outros sem causas ou avarias que justificassem essa fuga que manchava mais uma vez a luminosa tradição da armada nacional! (\*)".

A 25 de Mayo, abandonada, defende-se valentemente e um de seus tiros carrega o braço direito do heroico Pascoe Grenfell, que comandava o *Cabôclo*. A artilharia da *Niteroi* bate-a, porém, sem treguas. Brown arria o seu pavilhão e passa-

---

(\*) Baldrich — "Guerra del Brasil".



se numa lancha para o *Republica*, que o leva a Buenos Aires. O bravo imediato Espora, um herói de 26 anos, fica ferido com ordem de fazer saltar os paíóis.

— Prenda fuego fuego a la Santa Barbara antes que rendir-se! disse-lhe o fujão (\*).

“O aparelho da 25 de Mayo, afirma Baldrich ficou completamente mutilado, não havendo lugar em que se não vissem os terríveis efeitos da metralha”.

Em verdade, era lastimável o estado da fragata. Se lhe não acode a escuna *Rio*, que ataca o *Cabôclo* e lhe permite abrigar-se por trás do banco de Camarones, de onde alcançou o esconderijo do porto rebocada pelas canhoneiras, teria sido capturada. Levava o comandante ferido e “as únicas velas que tinha eram o traquete, o velado e a rabeca (\*\*).” Nunca mais navegou.

Em todas essas gloriosas jornadas, ao chefe não escapou o comportamento do joven Joaquim Marques Lisbôa: intelligencia, bravura e sangue frio. E, no dia seguinte ao da vitória de Lara Quilmes, era nomeado comandante da escuna *Constança*.

Havia aprendido a obedecer. Agora ia acostumar-se a mandar. E ainda não tinha vinte anos!

---

(\*) J. M. Espora, citado em Baldrich.

(\*\*) Rio Branco — “Efemérides”.



## CARMEN DE PATAGONES

As Provincias Unidas sustentavam por meio de corsarios a guerra naval contra o Imperio. Os piratas com bandeira argentina salteavam as nossas costas e pilhavam os barcos mercantes. O livro official *Campanas navales argentinas* registra os nomes de cento e trinta e seis dêsses filbusteiros. Faziam dos portos da inhóspita costa da Patagonia base de operações, visto como não lhes era facil entrar ou sair o estuario do Prata. Ali se refaziam de avarias sofridas, se municiam e escondiam, quando perseguidos. Para ali, conduziam as presas e os produtos das rapinagens.

Apesar das insinuações do nosso agente diplomatico em Buenos Aires, capitão-tenente Falcão da Frota, que encarecia a necessidade de dar caça naquelas paragens aos corsarios, destruindo-lhes os abrigos, o almirante Rodrigo Lobo não se apossou em tempo oportuno de nenhum porto do litoral sul da República. Cresceu, pois, a audacia dos ladrões do mar ao ponto que o novo comandante das nossas forças navais, almirante Pinto Guedes, resolveu enviar uma expedição ao rio Negro onde se achavam varias sumacas apresadas e diversos navios de corso em reparos.



“Sob as ordens do capitão de fragata James Sheperd, arvorando seu distintivo na corveta *Duqueza de Goiaz*, de 20 canhões, em meados de fevereiro de 1827, largaram do porto de Maldonado a corveta *Itaparica*, de 20 canhões, comandada pelo capitão-tenente Guilherme Eyre, e brigues-escunas *Escudeira*, de 5 canhões, e *Constança*, de 6 canhões, aquele sob o comando do capitão-tenente Luiz Clemente Poutier e êste do segundo tenente Joaquim Marques Lisbôa. O total de praças embarcadas era de 654 homens. Depois de nove dias de viagem, apresentou-se a nossa divisão em frente á barra do rio Negro; coube á *Constança* a incumbencia de aproximar-se da costa e reconhecer a passagem, o que foi executado com toda galhardia... (\*)”.

Praias desertas e tristes, crivadas de cachoupos e parceis estendendo-se a perder de vista sob um céu baixo e tórvo. Vegetações raquiticas e batidas da ventania rispida do sul. Ao longe, o vulto negro dos montes solitarios e mar. A terra como que abandonada. Não se avistavam no interior do porto mastreações de navios. Constava, todavia, que ali estavam a corveta *Chacabuco* do comando de *Santiago Bysson*, os corsarios *Hijo de Mayo*, *Hijo de Julio*, *Bella Flor*, *Chiquilha*, *Imperatriz* e *Oriental Argentino*. Com certeza haviam remontado o rio até a vila del Carmen.

Pequeno forte artilhado elevava-se á entrada daquele refugio selvagem. O coronel F. Pereyra, o comandante Martin Lagarra e o ajudante Sebastian Olivera reuniam os habitantes do interior e organizavam a resistencia.

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



Sherperd mandou forçar a barra. A *Itaparica* arrazou o fortim com as suas baterias, a *Escudeira* na vanguarda despejando os seus canhões. A *Duqueza de Goiaz*, mais infeliz, meteu a roda de prôa num banco traiçoeiro e não pôde safar. O vento soprava rijo, encapelando o oceano. As ondas lançaram-se ao assalto da corveta, abrindo-lhe as juntas da carena. Fez agua. Joaquim Marques Lisbôa acudiu-lhe com presteza, manobrando com grande pericia, e conseguiu salvar 280 homens dos 318 datripulação, que a *Itaparica* recebeu.

Sheperd, “vendo que não podia remontar o rio com seus tres navios, devido aos bancos, aos ventos contrarios e á correnteza, mandou lançar ferros e ficou oito longos dias inativo, sem se decidir a cousa alguma, enquanto os de terra se preparavam conforme podiam. No fim dessa espera, ordenou aos capitães dos navios que armassem com espingardas o maior numero possivel de homens de suas tripulações, prontos para o desembarque. Queria avançar por terra contra a vila del Carmen (\*)”.

Malfadada resolução! Na madrugada de 7 de março, desembarcou, levando consigo a melhor gente e todo o armamento de fogo portátil. Fez questão que Guilherme Eyre e Marques Lisbôa o acompanhassem. Ficaram na *Itaparica* e na *Constança* os immediatos com pequeno numero de marinheiros armados de chuços e sabres. A corveta mal pudera transpor a barra do rio devido ao seu grande calado e as escunas que o haviam subido bastante ficaram a nove milhas de distancia dela.

Marcham contra o povoado guiados por va-

---

(\*) G. Barroso — “A guerra do Vidéo”.



queanos suspeitos e atacam seus entrincheiramentos. Uma das primeiras vítimas do tiroteio é o capitão de fragata Sheperd. Eyre assume o comando da força, que, flanqueada por inúmeras guerrilhas, assaltada por tropas de infantaria e cavalaria, bate-se no meio da macega incendiada pelos republicanos. A esse tempo, os corsarios descem o rio e se lançam contra as escunas ancoradas, conscientes de sua superioridade em homens e artilharia. O bravo tenente Poutier defende a arma branca o convez da *Escudeira* e procura sem proveito juntar-se à *Itaparica*, apesar de sua guarnição aterrorizada pedir-lhe que se renda. Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma, que era o imediato da *Constança*, depois de rendida a citada embarcação, “correu na escuna de seu comando rio abaixo, tentando reuni-la à corveta... Um marinheiro ousou arriar a bandeira, no que foi impedido por S. Ex. que sobre ele atirou uma cutilada. Havendo, porém, encalhado a escuna e sendo abordada pelas forças inimigas, coube-lhe a sorte de ser prisioneiro de guerra, com a triste, mas gloriosa circunstancia de, ainda depois de vencido, quer um oficial matá-lo por haver S. Ex. acutilado o marinheiro que tentou arriar a bandeira”. (\*)

A *Itaparica*, ao manobrar para salvar-se encalhou e foi tomada pela chusma de piratas de Santiago Bysson.

Cortada a retirada dos nossos, Eyre entregou-se, afim de evitar inutil mortandade. O sol alto

---

(\*) Depoimento pessoal do marquês de Tamandaré em carta publicada nas “Efemérides” de Rio Branco e no “Os nossos almirantes” de H. Boiteux.



queimava as faces dos marujos quasi mortos de fome e sede; após longas horas de combate, em que salvaram — afirma o historiador argentino Baldrich — *con su resistencia angustiosa el honor de sus armas*. Releva notar que a maior parte da marinhagem de nossos navios em Carmen de Patagones, era composta de ingleses e irlandeses.

Quem mais se salvou com honra dêsse desastre foi Joaquim Marques Lisbôa. Os argentinos, tendo resolvido transportar os prisioneiros para o rio Salado, meteram 93 dêles no porão do brique *Ana*, deixando os oficiais em liberdade á prôa. Comboiaram a improvisada presiganga as corvetas *Chacabuco* e *Itaparica*, os brigues *Escudeira* e *Constança*, crismados os tres últimos em *Ituzaingó*, *Patagones* e *Juncal*. Guarneciam-nos os filbusteiros do rio Negro.

“Numa noite muito escura, dois dêsses oficiais prisioneiros cochilavam encostados á amurada, na prôa, enquanto o vento assobiava nos ovés do traquete e, de vez em quando sobre suas cabeças a bujarrona, a estái e a giba.

— Tenente Inácio, a guarnição dêste brique não vale dois caracóis. Se nós conseguissemos libertar meia duzia dos nossos marinheiros, tomavamos conta do chavéco e batiamos a linda plumagem.

— Tenente Lisbôa, vamos tentar a brincadeira...

Alguns dias depois, o brique *Ana* entrava no porto, então brasileiro, de Montevidéo, sob o comando do capitão-tenente Eyre, com uma bandeira imperial feita de retalhos adejando no penól



da carangueija e a flamula azul açoitando os ares no tópe do mastro grande.

Tripulavam-no 36 oficiais, contando-se entre êles os comissarios e os de artilharia de marinha, e 58 marinheiros, ao todo 94, a terça parte dos apri-  
sionados em Carmen de Patagones. Nos porões, os prisioneiros eram agora argentinos...

O futuro marquês de Tamandaré abraçava o futuro visconde de Inhaúma e dizia-lhe ao ouvido:

— Foi um plano de arromba, colega! Ora, os argentinos não se enchergam! Nós prisioneiros dê-les! Era só o que faltava!" (\*)

O almirante Pinto Guedes, irritado com a perda duma corveta e duas escunas bem armadas e tripuladas, não deu importancia a êsse feito. Mandou os oficiais que reputava culpados a conselho de guerra na Côrte. A Marques Lisbôa, porém, ordenou que embarcasse na *Maceió*, entregue ao comando de Guilherme Eyre.

Era destino do joven official revêr as desoladas costas da Patagonia, fatais á marinha do Imperio. Em setembro, uma divisão composta da *Maceió* e dos brigues *Cabôclo* e *Independencia ou morte*, dirigia-se á baía de S. Blas, onde se dizia existirem navios corsarios em raparos ou em fabrico. O mau tempo perseguiu a expedição dêsde o dia de sua saída até 20 de setembro quando a corveta e o *Independencia ou morte* encalharam no banco colorado, a sete milhas da Punta Rúbia. Felizmente, o mar amainou e a brisa os favoreceu de tal modo que safaram sem prejuizo. O fáto, porém, fez com que Eyre perdesse a confiança nos praticos trazidos de Montevidéo, onde campeava deslavada es-

---

(\*) G. Barroso — "A guerra do Vidéo".



pionagem, e resolvesse regressar. Em conselho de oficiais, todavia, o capitão Clare convenceu-o de que o seu pratico merecia fé e se comprometia a levar a divisão para dentro do porto inimigo.

O resultado foi o encalhe do *Independencia*, que fez agua e se perdeu e da *Maceió*, que se partiu pelo meio, tudo, como diz a parte circunstanciada de Eyre a Pinto Guedes, “pela inteira ignorancia dos praticos” ou maldade? Foi coisa que nunca se conseguiu apurar. O comandante Eyre, o capitão-tenente Reyd, e setenta e oito soldados e marinheiros que conseguiram nos escaleres chegar á costa fôram aprisionados pelos argentinos. Os dois oficiais, levados ao proximo povoado, viram-se metidos numa enxovia infeta “com ladrões e malfeitores.” Salvaram-se a bordo do *Cabôclo* Marques Lisbôa, o cirurgião, um tenente da brigada de Marinha, um comissario, um escrivão, seis marinheiros, oito soldados e tres criados. Pereceram afogados cincoenta homens.

De volta de tão triste aventura, o joven marinheiro encontrou a esperá-lo em Montevidéo a promoção de primeiro-tenente e um pedido de Norton, seu chefe anterior, ao almirante para que embarcasse na fragata *Principe Imperial*, do seu comando.







## O OCULO DE BROWN

Nos primeiros dias de dezembro de 1827, a divisão de Norton comboiava dezoito embarcações mercantes quando, nas proximidades de Punta Lara, fôram avistados os navios argentinos *Congreso* e *Independencia*. O chefe brasileiro confiou a guarda do comboio á fragata e á escuna *Rios*. Com o seu pavilhão na barca *Grenfell*, seguido das escunas *Bela Maria* e *Paula*, pôs-se em perseguição dos inimigos. Alcançou ambos envolveu-os e incendiou-os. Era mais uma excelente amostra de seu valor e um grande exemplo que dava ao joven Marques Lisbôa.

Raia o ano de 1828, que lhe traria novas glórias. Em 29 de abril, foi-lhe entregue o comando da escuna *Bela Maria*, tirada da força de Norton e posta na divisão com que o impávido capitão de mar e guerra João de Oliveira Botas, herói da guerra da independencia na Baía, bloqueava o rio Salado.

Um mês depois de sua nomeação, no dia 29 de maio, ao levantar-se a cerração da manhã, o brigue argentino *Ocho de Febrero*, antes *D. Januariá*, que nos fôra tomado, viu-se de súbito em face dos nossos navios. Comandava-o "um dos



oficiais mais valentes que tem tido a patria argentina. Tomás Domingos Espora. Nascido a 19 de setembro de 1800, desde 17 anos começou sua brilhante carreira a bordo da fragata *Argentina*, na memoravel viagem de circumnavegação empreendida por êsse navio; servira ás ordens de lord Cochrane na guerra do Pacifico, durante a luta da independencia das colonias espanholas, e tomara parte em todos os combates travados dêsde 1825 até essa época entre as forças brasileiras e as do almirante Brown (\*).” Fôra o oficial a quem êste entregára seu oculo de alcance, como insignia de mando, ao abandonar a 25 de Mayo, sua capitânea, metralhada pelos brasileiros na batalha naval de Lara Quilmes, ordenando-lhe que voasse pelos ares e se não rendêsse.

As naves imperiais orçaram sobre o brigue argentino e fizeram-lhe fogo. Espora virou de bordo e tentou fugir. Como fôsse pequeno o calado do seu barco, aproximou-se de terra e foi encalhar nos baixos do Aregui, no Teiú, perto do cabo de Santo Antonio. Conhecedor da costa, segue-lhe Marques Lisbôa a arriscada manobra com a sua escuna e vai encalhar tambem perto dêle. Então, á vista dos navios maiores, que bordejam á distancia, trava-se formidavel duelo de artilharia. Afirma-se que o *Ocho de Febrero* disparou novecentos tiros. Esgotadas as suas munições, arria a bandeira azul e branca, e rende-se O comandante Espora e o immediato Toll entregam a Marques Lisbôa as suas espadas.

O chefe Oliveira Botas recebeu o bravo argen-

---

(\*) Garcez Palha — “Efemerides navais”.



tino com um sorriso, um aperto de mão e um trocadilho:

— Até que afinal tenho *esporas* para as minhas *botas*!...

O almirante Pinto Guedes deu aos dois oficiais do *Ocho de Febrero* a liberdade sob palavra de honra de que não mais se bateriam contra o Brasil. Ao despedir-se de seu aprisionador, Espora ofereceu-lhe, como lembrança, o ocular que Brown lhe deixara e que figura hoje nas coleções do nosso Museu Histórico Nacional.

Esgotada por mais de três anos de guerra, a Argentina fazia um de seus últimos esforços navais contra o Império. E com a galera francesa *Mandarin*, armada com o nome de *Gobernador Dorrego*, o brigue *Alliester* crismado em *General Rondeau* e a escuna *Argentina*, antiga *Hidra*, tentou uma sortida destinada a romper o bloqueio e a trazer novamente a inquietação e o saque às nossas costas. Era o estertorar da marinha portenha definitivamente esmagada em abril de 1827 na batalha naval de Monte Santiago.

As nossas divisões de bloqueio esperavam os corsários a leste do banco Chico. Comandavam as embarcações argentinas três filbusteiros da confiança de Brown: o francês Soulin, os ingleses Coe e Grainville. Sairam a 14 de agosto do porto, protegidos pelo que restava da esquadilha do almirante, que devia ficar em Punta Lara, afim de socorrê-los, se precisassem. Demoraram alguns dias na Ensenada e só na noite de 23 puseram-se na volta do mar.

Esculca dos bloqueadores, a escuna *Rio da Prata* sob o comando de Marques Lisboa desde ju-



nho, quando a *Bela Maria* entrára para os estaleiros de Montevideó, percebeu-os e soltou um foguetão de aviso. Depois, seguiu o rumo dos inimigos. De espaço a espaço, os seus foguetes riscando de lagrimas de fogo a treva noturna, indicavam á esquadra a derrota que levava na caça dos corsarios.

Amanheceu o dia 24 de agosto com uma grave ameaça de pampeiro. O vento soprava rijo de terra e as ondas como que ferviam sacudidas de estremeções. No horizonte, em que os dêdos da aurora colhiam os derradeiros véus da noite, todo róseo ao nascente, os velames dos navios argentinos perfilam-se muito negros.

A *Rio da Prata* acompanhava de perto a *Dorrego*, espinoteando na crista das vagas. Seguiam-se-lhe a corveta *Bertioga* comandada por Broon e o brigue *Cabôclo*, ás ordens de Inglis. O *Rondeau* e a *Argentina*, muito velózes, tinham aproveitado a escuridão para se acolherem ao porto. O resto da nossa esquadra ficara para trás, com a capitânea, a fragata *Ipiranga*, arrastando-se lentamente sobre os bancos, apesar de empavezada com todos os seus cutelos e varredouras.

A pontaria das nossas peças, embora prejudicada pela grande agitação do mar, causava grande mal ao inimigo, que respondia sem animo. A perseguição durou dezeseis horas, no fim das quais tinha a *Dorrego* os mastaréus despedaçados, rôtos os cabos de laborar, a guarnição morta, ferida ou desanimada. Soulin manda arriar a bandeira para render-se; mas, como a havia pregado no mastro, suporta ainda por algum tempo o fogo terrível da *Rio da Prata* e da *Bertioga*.

A bordo desta capitânea em que o heroico che-



fe Norton perdera o braço direito no combate com o *General Brandsen*, a tripulação, limpando o suor do rosto olhava com ar de pena os estragos feitos pela resistencia do inimigo: o mastaréu da gata partido, rôtos os estais, os brandais, os ovéns, os braços das vergas de joanete, adriças, escotas, amur-  
ras, estribos, e o pano todo esburacado

Marques Lisbôa bateu-se nêsse dia com uma bravura sem par e, graças á sua diligencia, não se perdeu na escuridão a corveta inimiga. Cabê-lhe a gloria da jornada, assegura o almirante Henrique Boiteux.

O oculo que Espora lhe oferecêra fôra como que o símbolo profetico de que nascera para comandar.

E' a penultima ação da nossa esquadra nas aguas do rio da Prata. A 27 de agosto de 1828, assinava-se no Rio de Janeiro a convenção preliminar de paz entre o Brasil e as Provincias Unidas, pela qual o Imperio outorgava a independencia á Banda Oriental.







## A SETEMBRIZADA E A ABRILADA

Quando se fez a paz, estava na pasta da Marinha o mesmo ministro que negára a Marques Lisboa licença para embarcar antes de concluído o curso e que criava dificuldades a toda e qualquer pretensão de quem fôsse brasileiro — Vilela Barbosa, marquês de Paranaguá. Inútil, pois, dizer que nenhuma recompensa foi concedida ao joven e bravo official, illustrado já por altos feitos como a tomada do brigue *Ana*, o aprisionamento da *Dorrego* e a captura do *Ocho de Febrero*. Continuou cerca de dois anos no comando da escuna *Rio da Prata*, na divisão do capitão de fragata Jacinto Roque de Sena Pereira, que permanecia nas aguas platinas, afim de “liquidar os pontos estabelecidos pela convenção de agosto de 1828’.

Joaquim Marques Lisboa era um marinheiro completo, feito na escola dos mais notaveis officiaes inglezes ao nosso serviço: Taylor e Norton. Nas lides da paz sabia mostrar-se tão grande como nas da guerra. Em 16 de fevereiro de 1830, navegando da Colonia do Sacramento para Buenos Aires, ao meter-se entre os famosos bancos Ortiz e Chico, avistou duas embarcações encalhadas, uma no extremo do alfaque, a outra na costa meridional. A



primeira estava conseguindo safar-se, a segunda batida pelas vagas corria grande perigo. O comandante da *Rio da Prata* resolveu ir em seu auxilio.

O guerreiro transformava-se em salvador. A violencia da correnteza não lhe permitiu, porém, fazer nada e atirou-o sobre os baixios. Se não larga duas amarras e manobra a geito, teria encalhado tambem. Na manhã seguinte, um noroeste brando enfunou um pouco o velame da escuna e lentamente a levou até perto da embarcação adernada e açoitada pelas aguas. Batia uma hora no relógio de bordo quando as correntes das ancoras rangeram nas olheiras de ferro dos escovens e a *Rio da Prata* fundeou.

O navio em perigo era o brigue *Brilhante* do capitão D. Miguel Castellanos, que navegava com a bandeira do reino das Duas Sicilias. Estava abandonado. Marques Lisbôa mandou as chalupas salvar a carga, transportando-a para a escuna. A sua guarnição trabalhou nesta faina até sete e meia da noite, embora ás cinco horas tivessem alguns tripulantes do barco vindo de terra num escaler, recusado ajudar ao transporte dos salvados e levado para onde se achava o capitão diversas caixas com vinho.

A' noite, o vento rondou para o quadrante de es-sudeste e a *Rio da Prata* fez-se no rumo de Buenos Aires, onde entregou os salvados á alfandega.

Ao consul do Brasil, o ministro do Exterior da Argentina, D. Tomás Guido, enviou êste officio digno de registro, referindo-se ao áto do jovem comandante: "El Gobierno ha mirado con la mayor satisfacción este acto de generosidad del Comandante de la Goleta; tanto más recomendable quan-



to que los auxilios fueron prestados bajo un tiempo borrascoso, y en lugar que no podia darlos sin eminente peligro; por estas consideraciones ha ordenado S. Ex. al infrascripto dé al prescitado Comandante las gracias mas expresivas por el intermedio del sr. Consul, etc..."

Entretanto, o capitão Castellanos tentou responsabilizar Marques Lisbôa pela perda do seu navio e reclamou uma indenização do governo imperial. Era o único meio que tinha de ocultar sua impericia, covardia e pilhagem.

Foi êsse o primeiro salvamento levado a efeito pelo grande marinheiro. Outros, mais gloriosos, em que grande numero de vidas seriam poupadas, honrariam sua carreira e deixariam seu nome gravado para sempre nos anais marítimos do mundo.

Joaquim Marques Lisbôa, segundo narra sucintamente sua fé de officio, deixou a *Rio da Prata* em 28 de abril de 1831 e tornou a assumir seu comando em 14 de junho do mesmo anno. Em setembro, surto no porto do Recife, teve de desembarcar um contingente de marinheiros para auxiliar outras tropas e o povo a conter os soldados de milicias, mais de dois mil, que, revoltados contra seus officiais, saqueavam a cidade. Fôram os disturbios a que se deu o nome de setembrizada (\*). Nome fatidico, já celebre no mundo inteiro pelas matanças das prisões durante a Revolução Francêsa.

Os corpos de milicias de Pernambuco eram agitados de quando a quando por terriveis fremitos de revolta em que se expandia a bravura nativa e a anarquia duma época perturbada. Ainda em

---

(\*) Fé de officio do marquês de Tamandaré publicada na sua "Necrologia".



abril de 1832, estacionado na capital pernambucana, o joven comandante da *Rio da Prata* assistiu a outra rebeldia de milicianos.

Comandados pelo coronel Francisco José Martins e pelo major José Gabriel de Moraes Meyer, o batalhão 53 e parte do 54 apoderaram-se dos fortes do Brum e do Buraco, cortaram a ponte do Recife e entrincheiraram-se nos trapiches e na alfandega, hostilizando com os canhões trazidos das fortalezas a escuna de Marques Lisbôa e a barca *Pirajá*. A primeira suspendeu as ancoras, desferrou os redondos baixos e veio dar fundo em frente as trincheiras, rompendo fogo vigorosamente contra elas. A segunda postou-se deante do arsenal, também ocupado pelos rebeldes, conhoneando-o. As perdas dos dois navios de guerra exprimem a parte que cada um tomou na ação. A bordo da *Rio da Prata* morreram dois marinheiros e fôram feridos doze; na *Pirajá* um homem sómente foi posto fóra de combate com ferimentos leves.

O tenente coronel José Joaquim Coelho, futuro general e barão da Vitória, organizou uma coluna de assalto com o resto dos milicianos do 54 sob as ordens do capitão Carapeba, antigos soldados do 17 de caçadores e paisanos, atacou as posições dos insurretos, obrigando-os a abandoná-las e se refugiarem no convento da Madre de Deus. Era o tempo que vinham forças de Olinda, nas quais se haviam alistado todos os estudantes de sua histórica Faculdade de Direito. Não obstante, a resistencia durou dois dias. A 16 de abril o forte do Brum hasteou bandeira branca. Estava terminada a sublevação.

O povo, indignado contra os que a haviam



feito, atacou os rebeldes presos e chacinou mais de sessenta.

Um ano mais tarde, a 17 de abril de 1833, Marques Lisbôa deixava de vez a gloriosa escuna que levara sempre ao triunfo nas aguas do rio de que ela usava o nome em letras douradas entre as alhêtas e sob os cachorros da prôa.

De junho a dezembro, serviu como official da fragata *Baiana*. Em fevereiro de 1834, assumiu o comando do brigue *Cacique*. Subia tres pontos na hierarquia dos navios de guerra da época. Depois da escuna, vinha o brigue-escuna; em seguida, o patacho e o brigue. Em 18 de abril, largava do porto do Rio de Janeiro para o extremo norte, rumo a Belém.

Conta Henrique Boiteux o seguinte episodio passado por êsse tempo, o qual pinta a altivez de carater do joven comandante: "Tendo sido mandado repreender pelo aviso de 6 de maio dêsse ano pelo não cumprimento do alvará de 7 de janeiro de 1797, sendo comandante da escuna *Rio da Prata*, alvará êsse que dizia respeito a escrituração de fazenda a bordo dos navios de guerra e em que se determinava que, nas escotilhas dos paióis de mantimentos, houvesse tres chaves, uma em mão do immediato, outra na do official de fazenda e outra na do escrivão. Ao ter conhecimento de semelhante censura, pediu immediatamente exoneração do comando, desembarcando em 23 de junho, e, por se não conformar com semelhante repreensão, pediu conselho de guerra para se justificar, o que lhe foi concedido por aviso de 1.º de agosto do mesmo ano. O Conselho Supremo Militar de Justiça, por sentença de 3 de dezembro, julgou-o



sem criminalidade alguma e, por aviso de 17 do referido mês, em ordem do dia do Quartel General da Marinha, foi publicada essa sentença, determinando tal aviso que, em vista da justificação, ficasse sem nenhum efeito o de 6 de maio do mesmo ano. Estava satisfeito o brio do pundonoroso oficial, porém ferido o orgulho da autoridade que o mandou censurar. Tendo reclamado o exercício do comando em que se achava, foi nomeado por aviso de 10 de março de 1835 para comandar a escuna *Rio da Prata*; não aceitou, porém, tal comando, fundado em ter deixado de comandar um navio de categoria superior, para se defender de uma acusação que lhe fôra reconhecida injusta, deveria voltar ao gozo do cargo que então exercia; por essa razão, dois dias depois foi exonerado do comando que não chegou a exercer. Por aviso de 21 de março foi mandado embarcar na corveta *Principe Imperial*, ex-*Baltimore*, e, em 3 de abril, nomeado para comandar novamente o *Cacique*. No dia 6 de abril desembarcou da *Principe Imperial*; no dia 18, seguiu para a provincia do Pará e lá assumiu o comando no dia 20 de junho.”

Ia, por obra e graça do destino, tomar parte ativa na Cabanada, como tomara na Setembrizada e na Abrilada.



## A CABANADA

As lutas politicas que tinham produzido a abdicção de D. Pedro I prolongaram seus efeitos pelo Brasil inteiro, como os circulos que se formam nagua onde se atirou uma pedra. Sob uma regencia, um inperador criança, e a anarquia campeando á solta. A's quarteladas sucediam-se as rebeldias e a estas revoluções. Em 1835, quando amanhecia ao sul a luta farroupilha, destinada a durar dez longos, ensanguentados anos, ao norte borbulhava no Pará uma solfataras.

O Imperio era um vulcão. Por todas as encostas, as lavas ardentes corriam, e rompiam á flôr da terra os repuxos de agua quente e de lama em ignição.

A revolução rebentou em Belém no dia 7 de janeiro. Belo inicio para o ano de 1835! E parecia sem outro fito senão o de satisfazer meras ambições pessoais, que a aparente fraqueza do poder central permitia pretenderem ao que, em épocas de normalidade, jamais poderiam alcançar.

Na noite de 6, o presidente da provincia recebeu aviso de que se projetava uma rebelião, estando os conspiradores reunidos no lugar denominado Cacoalinho. A policia procurou apanhá-los,



porém não o conseguiu. Às duas horas da madrugada, êles, que se tinham dispersado pelo mato, entraram de surpresa na cidade em duas colunas. Os guardas municipais permanentes, já de antemão apalavrados, aderiram ao movimento e puseram em liberdade todos os presos da cadeia pública. Uma coluna, comandada pelo cabecilha Antonio Vinagre, irmão do chefe revoltoso Francisco Pedro Vinagre, atacou o quartel de caçadores e artilharia, cuja soldadesca estava quasi toda licenciada, apoderou-se d'êles e matou varios officiaes. A outra, chefiada pelo tenente-coronel de milicias Felix Antonio Clemente Malcher, assaltou o palacio do Governo, onde não encontrou mais o presidente Lobo. Combatia-se pelas ruas. Aqui, ali, grupos de soldados esparsos resistiam aos rebeldes. Dos navios da flotilha surta no porto — uma corveta um brigue, tres escunas e um hiate, velhos e quasi imprestaveis — partiam tiros. Pela manhã, ainda se lutava.

O comandante das armas, Joaquim José da Silva Santiago, que dormia no palacio do governo, aos primeiros tiros fugiu e atravessou o largo de S. João, afim de refugiar-se em casa do juiz de Direito, seu irmão, residente á rua do Aljube. Reconhecido por um bando de insurretos, foi morto a tiros e a coice d'armas. O presidente foi assassinado em casa do coronel Geraldo José de Abreu. Ambos os cadaveres, expostos aos sarcasmos das chusmas ébrias, ficaram atirados o dia inteiro no meio da rua.

Diz Garcez Palha que o comandante da flotilha, Inglis, mestiço jamaicano, intimorato official, um dos melhores que tivemos, suspeitava de



ha muito que se tramava a rebelião, avisára ao presidente Lobo de Souza e ordenára a bordo que mandassem um escaler buscá-lo logo que dessem fé de qualquer anormalidade. Quando rebentou o movimento, um marinheiro bateu-lhe á porta, na travessa do Passinho, esquina da rua de Sant-Ana. "... saiu logo e com uma pistola carregada em cada mão buscou o escaler. Ninguém encontrou que lhe informasse sobre a ocorrência.

Pois hei de ir para bordo sem saber o que ha em terra? disse ao entrar no escaler. E, resolutu, voltou, caminhando pela travessa de S. Mateus, em direção ao largo do Quartel. Ao chegar aí, perguntou a patrulha á esquina:

— Quem vem lá?

— E' o comandante Inglis, respondeu.

Não teve tempo de proferir mais uma palavra. Um individuo conhecido pelo nome de Domingos Sapateiro deu-lhe um tiro que o prostrou em terra.

Ainda disparou as duas pistolas, porém sem nenhum resultado. Deixado como morto, foi depois carregado para a casa de Arquibaldo Campbell, onde deu seu último suspiro." (\*)

Os revoltosos, senhores da situação, fizeram o que fazem todos os revoltosos: aclamaram um novo governo. E, em seguida, brigaram entre si. Felix Malcher assumiu a presidencia da provincia e Francisco Pedro Vinagre, a comandancia das armas.

A luta iniciada com tres assassinios nessa funesta madrugada deveria prolongar-se por muito tempo. Ainda em 1842, havia rebeldes em ação contra os destacamentos legais no interior da co-

---

(\*) Domingos Raiol — "Motins politicos do Pará".



marca do Rio Negro, depois provincia do Amazonas. A historia do Brasil conhece êsse movimento pelo nome de Cabanada.

Repetindo os fátos observados em todas as revoluções, grandes e miúdas, dentro de um mês os dois caudilhos cabanos desavinham-se. Malcher pretendia livrar-se de Vinagre, afim de imperar sózinho. Este não esperou para agir. Homem sagaz, precavido, falso e decidido, sentindo-se forte, revoltou-se abertamente da noite para o dia, ocupou a casa do Trem de Guerra e atacou o Castello guarnecido por marinheiros. A peleja durou mais de 24 horas e sómente cessou graças á intervenção de alguns officiais da marinha, que conseguiram um armisticio entre os dois inimigos e a convocação duma junta de pessoas de responsabilidade para dirimir a contenda. A 21 de fevereiro, êsse improvisado conselho, obdecendo ao imperio das circunstancias, resolveu ficasse Francisco Pedro Vinagre, na presidencia até que se apresentasse pessoa nomeada pela regencia em nome de Sua Majestade o Imperador. Tal decisão obrigou Malcher, que se achava com os marinheiros no Castello, a evacua-lo e a recolher-se a bordo da escuna *Bela Maria*. Tendo de ser transferido para a fortaleza da Barra, de onde mais tarde deveria seguir para a côrte, morreu da mesma morte de suas vitimas — Souza Lobo, Santiago e Inglis. Ao pisar em terra, um grupo de partidarios do seu antigo socios, na empresa da desordem que havia realizado, correu sobre êle e chacinou-o, apesar dos esforços da escolta que o acompanhava para defender-lhe a vida. O talião revolucionario, fatal sempre, contava mais um troféu. Vinagre, que era o



seu executor, teria mais tarde de lhe dar contas também dos outros sangues e mais dêsse que deramára.

A intervenção dos oficiais da armada não agradou a Vinagre, que, valendo-se de sua grande influencia sobre o intendente do arsenal de marinha, capitão de mar e guerra Cipriano Ribeiro, conseguiu o desarmamento de parte da flotilha e a substituição dos comandantes de navios. Os oficiais protestaram e apelaram para o presidente do Maranhão. Por êsse tempo, a nova de tão graves ocorrências chegava á capital do Imperio e a regencia mandava aparelhar uma esquadra sob o comando de Taylor afim de conduzir o novo presidente e comandante das armas do Pará, marechal Manuel Jorge Rodrigues. Velejaram em abril rumo a Belém a fragata *Campista*, a corveta *Regeneração* e a escuna *Rio da Prata*.

O primeiro tenente Marques Lisbôa, desembarcado da *Principe Imperial*, foi mandado seguir para a capital paraense, onde deveria assumir o comando do *Cacique*.

Do Maranhão, haviam partido para a baía de Guajará, levando seiscentos homens, a fragata *Imperatriz* e o brigue *Constança*. O comandante da primeira, capitão tenente Pedro da Cunha, depois de longos entendimentos, obteve que Francisco Vinagre passasse o governo ao doutor Angelo Custodio, deputado mais votado da assembléa provincial, que se encontrava em Cametá. O chefe cabano era, porém, da escola de Cesar Borgia. Ninguém podia contar com sua palavra. Mandou chamar o seu indigitado substituto, porém pôs-lhe uma tocaia no caminho com ordem de matá-lo. Se



não o escoltassem em lanchas de guerra alguns oficiais e marinheiros corajosos, que tirotearam com os sicarios emboscados, teria sido morto. Refugiou-se, pois, a bordo da fragata, cujo comandante resolveu empossá-lo á força.

Desembarcaram infantes, artilheiros de marinha, guardas nacionais e marujos no dia 12 de maio, recebidos a tiros pelos cabanos que guardavam o Castelo. Tomaram a alfandega e as casas proximas, de onde lhes faziam vivo fogo de fusilaria, apoderaram-se das peças de artilharia que varriam as ruas e, embora com perdas de muitos homens, chegaram ao palacio do governo. Essa afoita avançada os perdeu. De repente viram-se abandonados pelos guardas nacionais, que se tinham passado para os adversarios. Houve curta hesitação nas fileiras. O comandante perdeu o sangue frio e mandou tocar retirada. A's notas tristes da corneta, os cabanos criaram animo, contratacaram, retomando os canhões e obrigando a força de marinha a um embarque atropelado, em que fôram mortos um official e dois marinheiros, feridos mais de oitenta. O Castelo começou a despejar metralha sobre os navios, que levantaram ferros e fôram fundear em Santo Antonio.

Quando o chefe Taylor chegou com a *Campista*, a *Regeneração*, os brigues-escunas *Patagonia* e *Moderado*, encontrou essa triste situação. Era no mês de julho. No dia 21, a esquadra lançava ancoras em linha, deante da cidade, de morrões acêsos. Francisco Pedro Vinagre entregou o governo ao marechal Rodrigues, procedendo outra vez traiçoeiramente. Seu irmão Antonio retirara-se de Belém com seus partidarios, levando a artilharia e



toda a munição existente. Estava fortificado no Acará e começava a assaltar as povoações próximas, saqueando-as, violando as mulheres e cometendo toda a sorte de barbaridades.

Começava o segundo período da Cabanada, mais sangrento, mais cruel, mais baixo do que o primeiro. O espírito de reação nativista contra os portugueses e, portanto, contra o governo, porque este nos últimos tempos do primeiro reinado nêles se apoiava para esmagar o elemento verdadeiramente brasileiro, espírito que os cabecilhas haviam explorado, afim de lançar a plêbe ao assalto das posições que ambicionavam, ao principio se modificou numa como campanha violenta contra o commercio exercido pelos reinóis, mas acabou em verdadeira jaqueria medieval, na qual todos os máus instintos fôram desaçaimados pela anarquia duma sociedade informe e tumultuaria.

Taylor mandou prender Francisco Vinagre e umas duas centenas de cabanos na presiganga *Defensora*. Antonio, de igual para igual, exigiu sua soltura sob pena de arrazar a capital. E, no dia 14 de maio, investiu-a á frente de sua gente. Como as forças de marinha e de terra fossem insuficientes para resistir-lhe, o marechal Rodrigues pediu, como o governo imperial na rebeldia dos regimentos mercenários alemães e irlandêses da Côte, o auxilio das corvetas inglesa *Race Horse* e portugêsa *Elisa*, que desembarcaram contingentes sob o pretexto da protecção a seus nacionais. O ataque foi terrivel. No primeiro choque, caíram mortalmente feridos o capitão de fragata Eyre, o primeiro tenente Murphy e o capitão Jorge Rodri-



gues, filho do presidente. Os rebeldes tomaram as casas visinhas ao Trem e nelas se entrincheiraram.

“Lá estava Marques Lisbôa a incitar seus bravos marinheiros. Enquanto se combatia nêsse ponto, contra outro pelotão de cabanos, perto do palacio, se empenhavam o batalhão de caçadores, vindo do Maranhão, soldados de artilharia de marinha e alguns voluntarios. Batalhava-se em toda a parte com furia. Fôram desalojados de suas posições os rebeldes; uma peça foi-lhes tomada pelo guarda-marinha José Ricardo de Abreu. Pelas seis horas da tarde cessou um pouco o fogo, recomeçado às dez e meia da manhã.

Apenas amanheceu o dia 15, de novo rompeu o fogo, continuando sem interrupção, sofrendo as tropas legais a descoberto a fusilaria dos cabanos entrincheirados nas casas circundantes do largo das Mercês.

Contra o portão do Arsenal e do Quartel arremeteram no dia 16 os cabanos com furia nunca vista e já se empenhavam em arrombá-los quando sobre êles caiu um furacão de metralha lançado pelos navios que os puseram em debandada. Não desanimaram, porém, e para as proximidades do palacio voltaram-se; aí se achava o presidente, roedado por mais de quatrocentas mulheres e crianças, em angustiosa posição (\*).

Belém, como Atenas, procurava salvar-se nos muros de madeira. A resolução fôra tomada em conselho do qual participaram os comandantes ingles e portuguez. Taylor mostrou a inutilidade da resistencia.

Ha nove dias combatia-se sem treguas e sem

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



resultado, ganhando-se e perdendo-se posições que custavam muito sangue. Os voluntarios que o governo havia armado, mais de quinhentos, desertavam com as armas, indo esconder-se no interior ou engrossar as filas dos rebeldes.

Os navios estrangeiros não desembarcavam mais um homem, desgostosos com êsse cobarde procedimento dos naturais. Ao lado do presidente só restavam oitenta voluntarios. E os rebeldes já ameaçavam cortar as comunicações do palacio com o mar.

A retirada e o embarque fôram confiados ao tenente Marques Lisbôa, que energica, sábia e corajosamente os realizou. Primeiro, conduziu os feridos; depois, as mulheres e crianças; por fim, o presidente e seus derradeiros defensores.

A esquadra foi obrigada ao papel passivo do bloqueio.

A retomada de Belém deu vida nova á Cabanada. A anarquia alastrou o interior. Uma grande insurreição agitou todas as camadas. Eduardo Nogueira Angelim foi proclamado pelos insurretos presidente da provincia e comandante das armas. Contava a legalidade unicamente com Cametá, Igarapé Mirim, Abaéte e a ilha de Marajó. Esta mesma em breve se perdeu. Vencia a desordem em toda a linha.

O brigue *Cacique*, do comando de Marques Lisbôa, tomou posição no bloqueio entre Cametá, Breves e a ilha da Conceição. De vez em quando, mandava pequena expedição atacar as posições dos rebeldes, aqui e ali, causando-lhes prejuizos. Em documento público, o presidente Jorge Rodrigues, louvava-lhe a atividade a intelligencia e os bons resultados de suas medidas.







## O CAÇADOR DE JACARÊS

Quando raiou o ano de 1836, estava no Pará, chegado no derradeiro dia de 1835, o general Soares de Andréa, novo presidente da provincia. Em fins de março e principios de abril fundeavam no porto alguns brigues com lotações em excesso, afim de preencher as vagas das tripulações da flotilha, e dois transportes carregados de tropa. Belém foi definitivamente occupada e Oeiras passou a ser o baluarte dos cabanos. Os legalistas apoderaram-se dessa vila em agosto; mas os rebeldes a retomaram vinte dias depois.

A 19 de setembro, fundeavam deante dela os brigues *Brasileiro* e *Cacique*, comandados pelos primeiros tenentes Rose e Marques Lisboa. Traziam pequena força de desembarque: marujos e policiaes. Acompanhavam-nos varias igarités com voluntarios de Cametá. A artilharia dos navios bombardeou as trincheiras adversas e permitiu que os marinheiros saltassem em terra. Os voluntarios atrasaram-se de proposito. Recebidos por cerrada fuzilaria e nuvens de frechas que os insurretos despejavam bem abrigados por trás de altas estacadas de troncos de palmeira, fôram forçadas a retroceder para bordo, tendo perdido oito homens.



Os cabanos tinham indios no seu sequito e usavam a arma tradicional dos nativos da região.

No dia seguinte, Marques Lisbôa resolveu comandar pessoalmente o ataque.

A's duas horas da tarde, estendeu em linha as igarités em que vinham os voluntarios de Cametá, pondo em cada uma um official superior ou inferior de marinha, afim de que se não furtassem a combater como na vespera acontecera. Nos flancos, a lancha e o escaler do *Cacique*, cuja artilharia castigava a estacada, pejados de marinheiros escolhidos. No ponto onde o entrincheiramento foi mais destroçado, desembarcaram os atacantes, travando-se um corpo a corpo terrivel, em que a coragem dos imperiais marinheiros entusiasmou os voluntarios tibios. E todos, depois dum esforço, punham os oitocentos defensores da vila em fuga, incendiando-a.

A tomada de Oeiras foi um golpe mortal na cabanada — reconhecem alguns historiadores. Deu-o aquêlê que Cochrane adivinhara, que Taylor reconhecera e que o futuro consagraria como o Nelson brasileiro.

De regresso a Cametá, o *Cacique* raspou, em quatro braças de fundo, o casco num tronco submerso e fez agua. Encalhou-o e escorou-o, iniciando os concertos necessarios, de modo que, quando chegou a escuna *Rio Grandense* com socorros, já o brigue flutuava. O general Andréa escrevia a proposito textualmente ao ministro da Marinha: "E' sempre digno de louvor êste primeiro tenente Lisbôa; ou seja pelo serviço já prestado em outras provincias, ou seja pela conservação da tranquillidade em Cametá; ou seja combinando e proje-



tando a segunda tomada de Oieras, ou seja trabalhando com as suas forças com imensa habilidade na salvação do seu brigue.”.

Esse marinheiro completo, dum bom humor inalterável, ocupava os ócios do bloqueio e do descencalhe em dois esportes favoritos, que dão bem a medida de sua coragem, audácia e destreza. O primeiro era disputar pareos de natação, na travessia dos igarapés, com os cabôclos da região, às vezes com uma das mãos sustendo armas ou outros objetos fóra d'agua, outras desafiando as mais terribes correntezas. E quasi sempre venciam. O segundo era caçar jacarés á unha, concorrendo com os habitantes e usando do mesmo processo que elles. Chegou á mais alta perfeição nêsse perigoso divertimento.

Saltava da amurada do *Cacique* nas aguas do rio-mar, segurando com a destra uma haste aguçada em ambos os extremos e com a parte do meio defendida pela propria grossura da madeira. Ao tombar o corpo na correnteza, os saurios ávidos vinham imediatamente. Mal o que lhe chegava mais proximo abria as fauces horrendas para abocanhar-lhe um membro, introduzia rapidamente lá dentro o braço armado daquêlê duplo arpão e, pondo-o em posição vertical, deixava que as mandibulas se Dechassem, espetando-se nas afiadas pontas. Depois, era só marinhar por um cabo para bordo e puxar o jacaré fígado pela corda a que estava presa a haste traíçoeira.

Mas que presença de espirito, que força e que habilidade não eram precisas para desafiar assim, no seu proprio elemento, aquêles monstros?!

Os marinheiros que o viam agir dessa manei-



ra respeitavam sua coragem. O valor pessoal que tanto sugestia os homens rudes e as massas em geral dava-lhe grande prestigio no seio dos seus camaradas. E foi a sua pericia como nadador, adquirida assim, que lhe permitiu salvar de morrer afogado, um dia, em Cametá, seu amigo e colega, o primeiro tenente Francisco Manuel Barroso, futuro vencedor do Riachuelo e barão do Amazonas, e arrancar doutra feita, no mar, aos tentaculos de enorme pôlvo um marujo do seu navio.

A êsse homem, que nascêra predestinado às lides guerreiras, o destino reservava miraculosas salvações de pessoas e de navios. Fizera-as já no rio da Prata, nas aguas plumbeas e frias da Patagonia, acabava de fazê-los no *mar dulce* da Amazonia, fá-las-ia ainda nos mares da Europa e do Brasil.

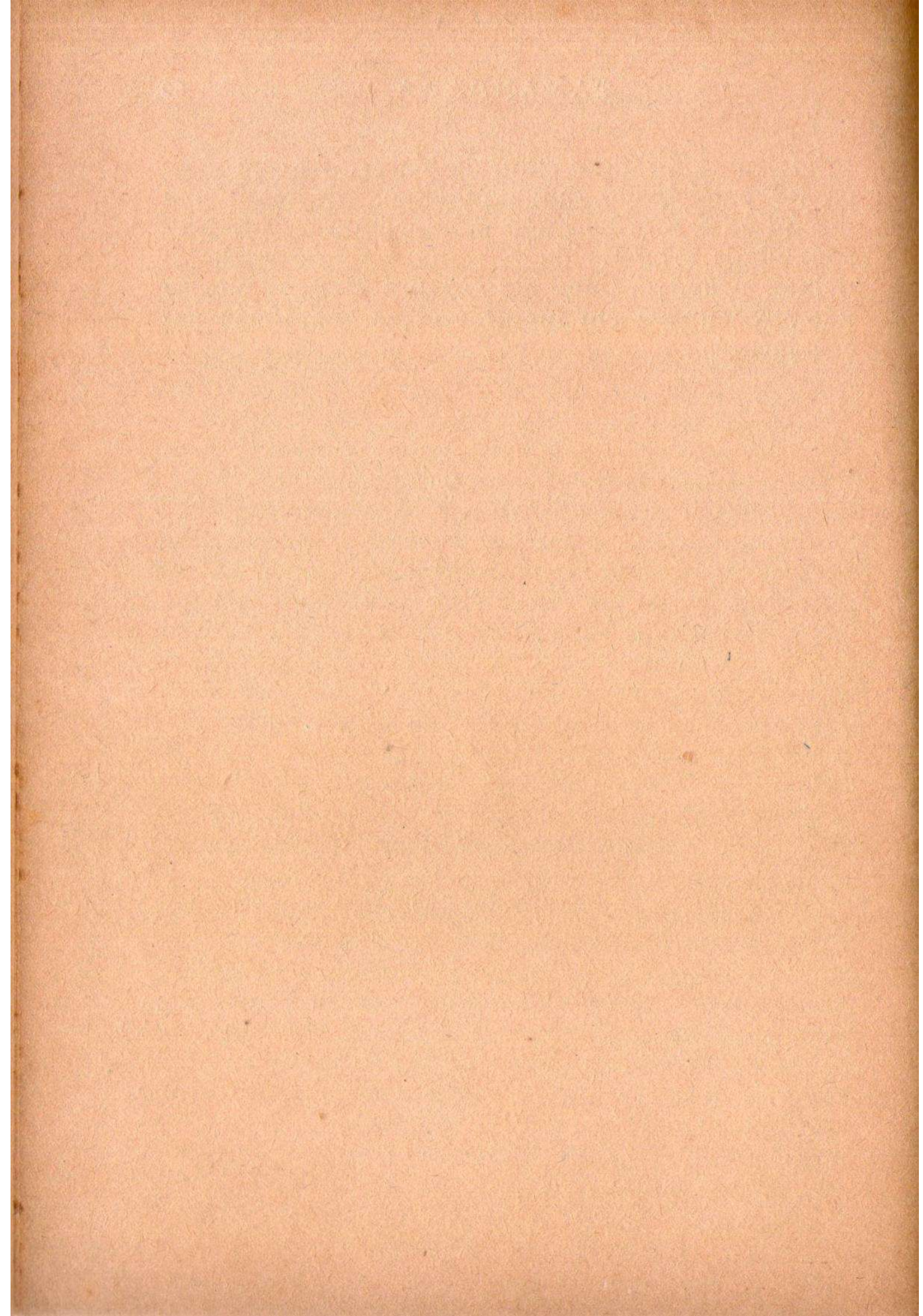
Promovido a capitão-tenente em outubro de 1837. Os cansaços da vida que levava, as fadigas da longa campanha, os efeitos do clima deram no chão com a sua saúde. Deixou o comando do *Cacique*, dando parte de doente, e embarcou para o Rio de Janeiro no palhabote *Brasilia*.

Outras rebeliões esperavam no caminho o bravo caçador de jacarés. Êle as combateria todas. No fim de sua longa vida gloriosa, o marquês de Tamandaré poderia afirmar com orgulho, como um exemplo aos militares do futuro, que subira ao mais elevado posto e recebera todas as honras e tivera todas as glorias sem precisar de ter o espirito revolucionario, sem o qual muita gente pensa que é absolutamente impossivel ser alguma cousa... O velho almirante, tipo de honra militar e simbolo de bravura e lealdade, subira do



primeiro ao último degráu da hierarquia sem nunca ter participado duma rebelião. Entretanto, a disciplina e a ordem não o impediam de ter personalidade e hombridade, como mais de uma vez deixou provado. Mas êle era um homem que se não preocupava em matar môscas e preferia caçar jacarés...







## A SABINADA

O palhabote em que navegava o futuro almirante, entrou no porto da Baía a 11 de novembro de 1837, lentamente colhendo os panos, as vergas atravessadas. Uma lancha e um escaler armados em guerra intimaram o capitão a desenvergar o velame, afim de não poder fazer-se ao mar, fundear junto ao arsenal e desembarcar a guarnição. Os passageiros ficariam a bordo. Eram todos oficiais de marinha com destino á Côrte: capitães tenentes (\*) Marques Lisbôa e João Maria Vandenkolk, primeiros tenentes Filipe José Pereira Leal e Hermenegildo Barbosa.

A razão de tais medidas era uma nova revolução. Rebentára havia quatro dias o movimento que passou a chamar-se Sabinada, do nome de um de seus chefes, o dr. Sabino Vieira. O presidente da provincia, Francisco de Souza Paraiso, abandonado pela tropa e pelo povo, refugiara-se acompanhado de alguns defensores fiéis no brigue-barca *29 de agosto*, em frente á ilha de Itaparica. Reunidos no forte de S. Pedro os principais cabeças da insurreição, João Carneiro da Sil-

---

(\*) O capitão-tenente dessa época equivalia ao capitão de corveta atual.



va Rego, maiores de artilharia Sergio José Veloso e Inocencio Eustaquio Ferreira de Araujo, dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira e Francisco Ribeiro Neves, tenentes Daniel Gomes de Freitas e José Nunes Baiense, oficiais de artilharia e infantaria, guarda-nacional e policia, todos promovidos dois postos e com soldos equiparados, proclamaram a independencia da Baía e sua elevação a Estado Soberano, sob a presidencia de Inocencio Rocha Galvão, ausente nos Estados Unidos.

Tomavam essa resolução em vista das conhecidas más intenções do governo central contra as provincias, menoscabando-as e humilhando-as. Mais uma reacção nativista fóra de tempo contra o partido português que apoiava Pedro I nos últimos anos. Apesar da regencia que representava um imperador menino nascido e educado no Brasil, o preconceito de ser o poder exercido pelos antigos dominadores continuava vivo na alma dos povos.

Ainda em 1838, os jornais dos Farrapos do Rio Grande chamavam o governo imperial *galegalidade...*

A primeira reacção contra a Sabinada, á qual haviam aderido todas as forças do exercito, guarda nacional e policia, que deviam defender o presidente Paraíso, menos um destacamento de marinheiros e quarenta guardas, veio do interior. "O desembargador Honorato José Barros Paim, vice-presidente da provincia, assumiu o governo na cidade de Cachoeira, e começava a organizar a resistencia, quando chegou do Rio de Janeiro o novo presidente, dr. Antonio Pereira Barreto Pedro-



so, que no dia 17 tomou posse do seu cargo. As primeiras forças, que se reuniram para combater a revolta, tiveram por chefes o coronel visconde da Torre de Garcia d'Avila (Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque) e o tenente-coronel Alexandre Gomes de Argolo Ferrão (depois general e barão de Cajaíba). Fôram chegando reforços de varios pontos da provincia (guardas nacionais e voluntarios), de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e nos dias 13, 14 e 15 de março do anno seguinte deram-se os últimos combates dessa guerra civil.\* (\*)

Marques Lisboa não se aproveitou da permissão que lhe deram para seguir viagem. Ficou em terra e pregou uma partida aos rebeldes. Combinou com o primeiro tenente Moreira Guerra, que se encontrava na cidade coagido pelos revolucionarios, apoderarem-se de surpresa da canhoneira n.º 1, armada com um rod zio, e guarnecida por sessenta homens. Ao anoitecer, fardado e armado, subia a bordo e dizia ao piloto da embarcação com um tom que não admitia réplica:

— Vim assumir o comando por ordem do governo!

O piloto não teve tempo de refletir. O governo só podia ser o da revolução. Moreira Guerra apresentava-se quasi ao mesmo tempo, de farda e espada:

— Vim assumir a immediatice!

Marques Lisboa mandou suspender os ferros e desfraldar o pano. O vento de terra tangeu a canhoneira para fóra do porto. Em face do Forte do Mar, onde piscavam faróis, uma voz gritou:

---

(\*) Rio Branco — “Efemérides”.



— Que navio é? Onde vai?

Marques Lisbôa respondeu em tom firme:

— Canhoneira n.º 1. Em serviço de policia!

Fóra do alcance da artilharia dos insurgentes, ancorou no meio da esquadra legal á qual entregou a presa.

“Depois de cumprido êsse relevantissimo serviço, Marque Lisbôa, cada vez mais adoentado, sabendo do presidente que êste não pretendia levar a efeito nenhuma operação contra os revolucionarios sem que reunisse os reforços esperados, pediu permissão para seguir para o Rio de Janeiro, onde se apresentou ao quartel-general em 9 de dezembro, ainda doente. Depois de restabelecido, apresentou-se ao quartel-general em 19 de fevereiro (de 1838), sendo então mandado embarcar na corveta *Regeneração*, para servir na divisão naval estacionada na Baía.” (\*)

Tomou assim parte ativa no esmagamento da sabinada, em meados de março. A 13 começou a luta. Todas as fortalezas — Mar, Conceição, Monteserrate, Lagartixa, Gambôa, — estavam com os insurgentes e crivavam de metralha as aguas e as praias. A esquadra respondia-lhes com vivissimo fogo. A 14, suas balas incendiavam os estaleiros, os armazens do cáis do Cal, as casas da Preguiça. Outras labaredas brotavam na ladeira da Conceição e mêsmo na cidade alta. As forças do exercito e guarda nacional do visconde da Torre de Garcia d’Avila e do pai do general Argolo, futuro barão de Cajaíba, auxiliadas pelos contingentes de desembarque, compostos de fusileiros da marinha e imperiais marinheiros, atacavam vigo-

---

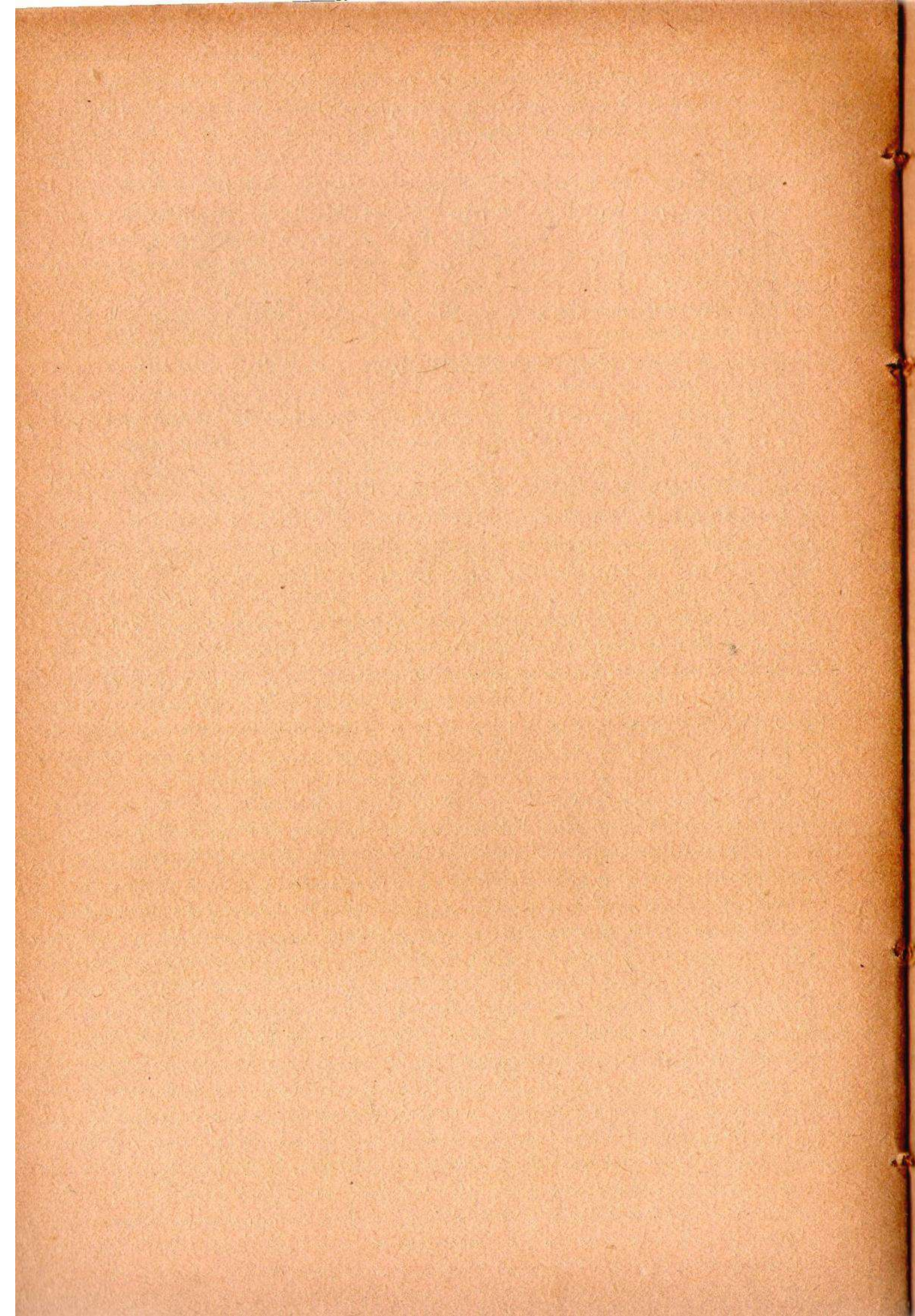
(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



rosamente as posições dos rebeldes. As primeiras avançavam pelo lado do Noviciado; as segundas, vinham do mar. No dia 15, o Monteserrate rendia-se sob as baterias cerradas da *Príncipe Imperial*, da *Regeneração* e do *Tres de maio*, que vomitavam chamas e ferro. A 16, eram tomados os derradeiros entrincheiramentos. Estava morta a sabinada.

Mais uma rebeldia que a bravura de Marques Lisbôa ajudava a vencer, batendo-se pela legalidade e pela ordem. Outra cousa não haveria de fazer em toda a sua gloriosa e longa vida.







## GAÚCHOS CONTRA GAÚCHOS

Seu amor á ordem, seu culto á disciplina, sua obediencia aos superiores, sua profunda, indefectivel brasilidade, em contraposição ao amor á terra natal, ao rincão onde nascera, iam ser postos duramente em prova nêsse anno de 1838. Dêsde 1835 que os riograndenses do sul se batiam contra as tropas do Imperio, numa luta separatista, cheia, porém, de grandes lances de heroismo e abnegação. Vivia nas coxilhas verdes uma grande canção de gesta. Os centauros escreviam com as pontas das lanças algumas paginas épicas e memoraveis. E Marques Lisbôa, embora brasileiro acima de tudo, era seu compatriota.

Nomeado comandante da canhoneira 16 de março, antiga escuna *Cabôcla* pertencente aos revoltosos baianos, passou em maio, por ter sido ela desarmada, a servir na flotilha do Rio Grande do Sul.

Embarcou para a sua provincia numa escuna de nome symbolico para quem até então havia procedido como êle, a *Legalidade*, tomada aos Farrapos. Chegou á cidade do Rio Grande a 10 de junho e empossou-se no comando da antiga escuna mercante *Virgílio*, então crismada em canhoneira n.º 13.



Como se haveria de portar o novo comandante quando tivesse de abrir fogo contra seus patrícios “muitos dêles seus parentes e amigos”? O futuro marquês de Tamandaré não abraçaria jamais a causa revolucionária. Também não teria animo de combatê-la, vendo-a defendida por gente tão de perto ligada ao seu coração. Não hesitou na atitude a tomar. Era impossível um gaúcho ir contra gaúchos. Deu parte de doente, desembarcou e voltou para o Rio de Janeiro em navio mercante.

Apresentou-se pronto para o serviço no dia 20 de julho e ficou sem comissão até março de 1839, quando lhe deram o comando do brigue-barca 29 de agosto, na estação naval de Montevideo, encarregado de vigiar a costa meridional, bloqueando-a, afim de impedir fôssem os rebeldes farroupilhas municados e socorridos e de capturar os seus corsarios. Depois de alguns cruzeiros rápidos, em julho, tornou ao Rio, onde o esperava a nomeação para comandante do brigue 3 de maio e das forças navais em operações na província do Maranhão, então sublevada. Era em agosto e urgiam providencias contra êsse movimento semelhante á cabanada, porém mais extenso, violento e perigoso. Para isso, partiu logo rumo de S. Luiz, cuja defesa organizou.

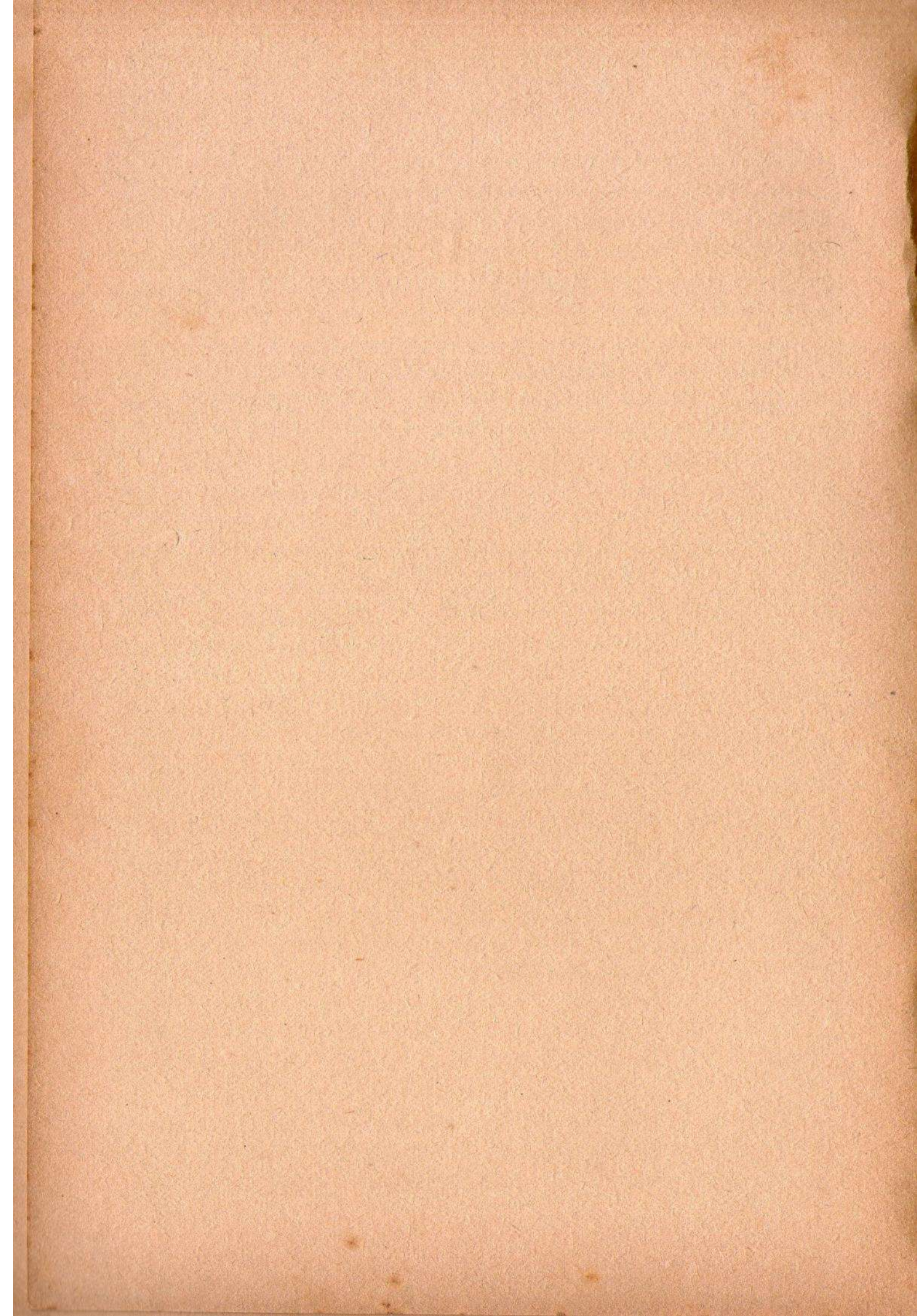
Parcos eram os recursos militares de que dispunha. Dos navios que deviam trazer tropas e munições, o brigue *Beranger* fôra parar em Montevideo acossado por violento temporal, a barca a vapor em que viajava o coronel Lima e Silva, futuro duque de Caxias, novo comandante das forças em operações contra os insurgentes, arribara a Vitória e batera numa pedra, depois, em Natal. Esperava-se o brigue *Guararapes* que comboiava uma



escuna cheia de soldados e partira de Recife. Entretanto, Marques Lisboa não esmoreceu e, em novembro, levava a canhoneira n.º 6 e a lancha *Paraíba* com 250 homens para defender a vila do Rosário, infligindo aos partidários do cabecilha Raimundo Gomes grave derrota.

Vinha perto o ano de 1840, em que seria, no mês de maio, capitão de fragata, e em que seu nome se uniria ao de Lima e Silva na glória de terem vencido mais uma vez a anarquia. A espada e a ancora do Imperio!







## A BALAIADA

O Museu Histórico Nacional possui um documento interessante do tempo da Balaiada. É uma ordem assinada pelo coronel Lima e Silva, futuro duque de Caxias, comandante das tropas legais, com o *cumpra-se* do capitão de fragata Marques Lisboa, futuro marquês de Tamandaré, chefe das forças de marinha. Pela primeira vez, o destino reunia numa mesma ação conjunta êsses dois homens destinados a serem grandes figuras militares do Império, cariatides de sua grandeza no mar e em terra durante o longo período em que se processou a estratificação da nacionalidade.

A fermentação dos espíritos que lavrava por todo o país explodira no Maranhão num levante terrível, que se enraizava numa luta já antiga em que tomavam parte os partidos dos *bentevis* e dos *balaios*. Um homem decidido e audaz tomou a chefia dêstes e levou-os para onde quis, ensanguentando durante tres anos as províncias do Maranhão, Piauí e Ceará. A revolta que era reação contra os desmandos de governos semi-bárbaros transformou-se numa jaqueria, numa sublevação rural como a cabanada. E assolou os sertões, assoprando por toda a parte os fogachos do crime e da anarquia.



Em dezembro de 1838, o cabecilha Raimundo Gomes saiu com dezoito homens da vila de Itapicurú, apoderou-se da vila da Manga e soltou os presos, entre os quais um irmão seu, ato que praticam todos os rebeldes do gênero e todos os cangaçeiros: campônios polônios ou portugueses do tempo de Maria da Fonte, Robin Hood, Fra Diávolo, Jesuino Brilhante ou Lampeão. Depois, protegidos por vereadores e juizes de paz do seu partido (\*), atacaram Chapadinha e Miritiba. Em janeiro de 1839, Raimundo Gomes entrava no Brejo e a ele aderiu o famoso Manuel Francisco Ferreira Balaio, logo nomeado general em chefe das forças *Bentevis*. Era um caudilho cruel e destemido, que praticava e mandava praticar as maiores atrocidades. Tomou a vila de Rosario e sua vanguarda, ao mando de Raimundo Gomes, apesar de topar uma ou outra resistencia, marchou sobre Tutóia, onde não conseguiu entrar graças ás medidas energicas do prefeito João Francisco de Miranda Osorio, que a bateu na barra do Longá. Então, entrou na comarca piauiense de Campo Maior, afim de ter entendimentos com Lívio Lopes Castelo Branco e Silva, que lhe arranhou reforços.

No mês de fevereiro, reunido ao chefe Balaio avança sobre a vila da Parnaíba. Ao mesmo tempo, a capital da provincia se apavora. O general rebelde comanda mais de mil homens, fóra as colunas dispersas em todas as direções, que saquêam, violam e matam. Tem imprensa e distribue panfletos, prégando doutrinas desorganizadoras, conforme diz a legalidade da época. As mesmas doutri-

---

(\*) Pereira de Alencastre — "Notas diarias".



nas que Aristofanes ridiculizára no seu teatro, que Catilina incutira no ánimo da escória que o seguia, que, em todos os tempos, brotam espontaneamente nas reações da miseria contra o bem-estar e da fome contra os que podem comer. Firdusi fez-lhes no Schah-Nameh a maior das críticas. Lenine com elas construiu o inferno moscovita. E o seu destino é sêrem esmagadas pela palavra dos Efimof, pelos incisivos períodos de Vitor Hugo, pelas baionetas em 1848, pela metralha em 1870 e pela força das cousas que determinou a marcha á ré da Nep e o descalabro do plano quinquenal...

Em março, quando Manuel Felizardo de Sousa e Melo assumiu a presidência do Maranhão, o governo estava fraco e a rebeldia tomava proporções ameaçadoras. Todo o interior convulsionado. As comarcas do Brejo, Itapicurú, Chapadinha e Tutóia nas mãos dos balaios, que cometem "os mais horríveis atentados contra a vida e a propriedade". As forças mandadas contra êles, batidas, e os chefes, assassinados. As populações, em êxodo por invios caminhos, aterrorizadas. Pereira de Alencastre, que compulsou os documentos oficiais coévos, escreve: "O luto e a consternação são a partilha do cidadão pacífico, que vê suas propriedades incendiadas, seus filhos mortos barbaramente, suas filhas deshonradas, e a multidão desenfreada atirar-se a novos crimes, cevar-se em novos horrores". Gonzaga Duque descreve com maestria êsse panorama de lama e sangue.

No mês de abril, uma coluna de seiscentos balaios cerca a cidade de Caxias, a segunda da província, mercantil, industriosa, rica, que promete delícias aos caudilhos e excita a imaginação de seus



sequazes. Correm em seu auxílio, em maio, os trezentos rebeldes de Militão Bandeira, Milhomem, Fernandes Lima e Moura Albuquerque, que haviam incendiado Pastos Bons e tomado Mirador. Lívio Lopes Castelo Branco, o amigo de Raimundo Gomes, vem do Piauí com mais gente. E' o tempo que passa o mês de maio e que refluem para defender a capital os destacamentos que vinham socorrer Caxias. Em junho, Caxias entrega-se. Sua guarnição de quatrocentos homens capitula deante de mil e seiscentos. Os caudilhos Balaio, Ruivo, Mulungueta, Pedregulho, Milhomem e outros entram triunfalmente na cidade, mandam matar seus desafetos e saquear as casas comerciais e as dos abastados. A revolta, então, "toma proporções gigantescas".

Quando se abriu a assembléia provincial do Piauí, em julho, todo o território da província estremecia como o do Maranhão. Cansados de administrações más, tacanhas e tiránicas, como os maranhenses, os povos vizinhos lançaram-se á revolta contra as iniquidades e dela, envenenados por doutrinas perigosas ou levados por chefes sem escrúpulo ou vencidos pela propria força adquirida do movimento, se deixavam escorregar até os peores excessos e crimes.

Na sua mensagem á referida assembléia, o presidente Camargo reconhece isso quando se refere á "plebe incauta e desgostosa" que os chefes truculentos, desprezíveis, inimigos da ordem ou cheios de idéias absurdas, atraíram "ao seu partido" Declara mais: "Os rebeldes engrossam, crescem espantosamente, continuam afoitos em suas escaramuças, e a sedição se apresenta ao partido



da bôa ordem e legalidade com uma face aterradora” Sim, porque êle estava com os cofres vazios, as arrecadações de rendas suspensas ou prejudicadas, sem armas nos arsenais e sem pólvora nos paiois. Entretanto, com grande esforço, o governo piauiense enviou o major Sousa Martins com alguma força de polícia contra os insurgentes, que não esperaram por ela e evacuaram Caxias.

Sousa Martins sai de Oeiras, atravessa o Parnaíba, guarnece-lhe as margens, bate os tróços de balaaios que encontra, toma a Manga, Pastos Bons, Mirador e Passagem Franca. Entra, por fim, em S. José, no dia 29 de agosto, data da famosa proclamação de Balaio, sob os títulos de *Tenente general e governador das armas do Maranhão*, aos piauienses, “caros irmãos e quasi compatriotas”, na qual fala do despotismo do governo provincial, das infrações á Constituição, dos recrutamentos iníquos, dos juris desmoralizados, das eleições fraudulentas, das deportações ilegais e das adulações aos “portuguêses indignos”, como causas de terem pegado em armas; chama a Sousa Martins “féra, indigno do nome de brasileiro”; declara os insurrectos “libertadores” e não “devastadores”; e termina com vivas á Constituição, a Pedro II e aos brasileiros unidos. Tudo escrito em bôa linguagem, com lógica e certa elegancia. Entre os balaaios, havia poetas, como o goiano Pedro de Alcantara Soares, que redigiam em bom estilo os documentos dessa natureza.

A “féra” continúa suas façanhas em setembro. Bate os balaaios em Santo Antonio e dispersa-os em vários pontos, ao mesmo tempo que as forças maranhenses de José Dias Carneiro recuperam Caxias.



As guerrilhas o incomodam no caminho de Santa Rita; mas êle as vence e consegue derrotar Lívio Lopes, tomando-lhe ainda um resto do botim que levava. Êsse caudilho, perseguido por todos os lados, corre para o Ceará. Os rebeldes concentram-se na Mata da Conceição. Sousa Martins marcha contra êles, surpreendendo-os no lugar Baixão e dá-lhes combate. Depois de violenta peleja, começam a retirar. O valente oficial atira o cavalo para deante, incitando os soldados. Recebe uma bala no baixo ventre e cai agonizante. Meia hora depois era cadaver. A tropa aclama seu substituto o capitão Sousa Mendes, que colhe os louros da vitória.

Em outubro, as colunas volantes da legalidade perseguem os rebeldes e êstes a elas. A's vezes, parece que se evitam. Correm boatos de que ha officiais que se deixam peitar. Mal a tropa deixa uma vila que tomara, ela se subleva de novo ou os insurgentes a ocupam. As vitórias da legalidade não produzem efeito. Os balaíos, como os vendeanos, dissolvem-se nas derrotas para se refazerem mais adeante. São impalpáveis quando não são invisíveis. Raimundo Gomes, comandando mais de dois mil homens, apossa-se outra vez de Caxias, que é "teatro de cenas horríveis. A população foge espavorida em todas as direções; muitos compram a vida a peso de dinheiro, e outros acabam aos golpes dos assassinos. Os rebeldes, depois de terem saqueado pela segunda vez a rica cidade, vítima de sua cobiça, a abandonam e se dirigem para diversos pontos (\*). Era seu hábito dizer que *estuporavam* quando matavam a frio. Em Caxias, houve centenas de *estuporados*...

---

(\*) Pereira de Alencastre — "Notas diarias".



Em novembro, já o capitão de fragata Marques Lisbôa entrava em campo contra os balaaios, levando em pessoa uma lancha e uma canhoneira com forças legais para o rio Miuná, afim de defender a vila do Rosário dum ataque de Raimundo Gomes. A 11 do mesmo mês, atacava-o, metia-o entre dois fogos e desbaratava-o. Nêsse mesmo mês, a sedição irrompia com violência em Paranguá e os legalistas retomavam o Burití Cortado e o ponto da Conceição.

Lavravam ciúmadadas e ódios entre os chefes rebeldes. Ao terminar o ano, o caudilho Alexandrino manda matar o caudilho Pedregulho.

Raia 1840 com a chegada de mais forças legais sob o comando do major Moraes Cid e vem o mês de fevereiro, em que o coronel Luiz Alves de Lima e Silva substitúe na presidência do Maranhão o capitão de engenheiros Manuel Felizardo de Souza e Melo, assume o comando de todas as forças de terra e mar em operações contra a revolta e organiza a “divisão pacificadora do Norte”. O grande político e cabo de guerra sentia e compreendia a alma daquela barbara rebelião, em que o povilêu atacava o direito comum, em que havia mais erros que tinham a responsabilidade da governação do que nos que contra ela se insurgiam; em que, como disse Vitor Hugo, “as exasperações da multidão que sofre e sangra, suas violencias insensatas contra os princípios que são sua vida, suas vias de fáto contra o direito, são golpes de estado populares que devem ser reprimidos”; porém reprimidos com certa tristeza e um aperto no coração, porque “ha certa porção de direito nessa ten-

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



dencia.” O genio do futuro duque sabia vêr essas tonalidades e daí a habilidade com que pacificou o Imperio, com a espada na mão para reprimir o excesso, com o perdão nos lábios para atrair as almas. ;

Batidos em varios pontos, perseguidos por diversos destacamentos, os insurgentes de Raimundo Gomes concentram-se no Brejo, entrincheirando-se. Aí os atacam os soldados cearenses do tenente-coronel Manuel Antonio da Silva, que tinham vindo em socorro das provincias vizinhas e conquistam a vila depois de terrivel resistencia que durou o dia inteiro. Os cearenses acorriam em defesa da ordem. A 20 de fevereiro haviam partido do Ceará as forças do major Joaquim Moreira Rocha: em abril, deixaram Fortaleza quatrocentos homens comandados pelo tenente-coronel Torres.

Apesar da perseguição movida pelas forças legais contra essa chuaneira que rodopiava por tres provincias, chacinando, incendiando, libertando os criminosos e os escravos, que aderiam logo á sua bandeira, ela não se aplacava. Parecia uma hidra, cujas cabeças renasciam mal acabavam de ser cortadas. E os elementos militares vinham de todas a parte: caçadores de Pernambuco, artilheiros da Baía, marinheiros e navios da Côrte. Dispersos pelo fogo das canhoneiras de Marques de Sousa nos pontos marginaes do rio Parnaíba, desbaratados pelos soldados de Moraes Cid ou Amorim Bezerra, no Curumatá ou no Saco, os grupos rebeldes esvâem-se na amplidão dos sertões e embrenham-se nos chapadões desertos, indo parar no norte da Baía ou de Goiaz.

No mês de junho de 1840, mais de cinco mil



rebeldes dominam as comarcas de Pastos Bons e Brejo. Aparece, então, o Espartaco maranhense, o famigerado e ousado caudilho negro, que assinava proclamações com êstes nomes: *D. Cosme Bento das Chagas, tutor e imperador das liberdades bentevis!* As forças combinadas do Maranhão, Piauí e Ceará, distribuídas em seis colunas, articuladas pela direção genial de Lima e Silva, derrotam completamente os balaios. Raimundo Gomes e outros chefes fogem e são vivamente perseguidos.

Nessa fuga, bandos de insurretos invadem o Ceará e entram nas povoações de S. Benedito e S. Pedro, onde roubam, estupram, assassinam, queimam os arquivos dos cartórios e das municipalidades. Agosto é o mês das proezas do negro Cosme, que levanta os escravos por toda a parte. Lavra, entretanto, surdo antagonismo entre os negros e os bentevis, o que enfraquece a causa da revolta. Não ha mais grandes concentrações de balaios. Estão reduzidos a grupos errantes que os soldados do governo de Lima e Silva perseguem nas matas e estradas, que as canhoneiras de Marques Lisbôa metralham ás margens do rio, quando nelas aparecem. E' raro um assalto mais forte e com numeroso bando como o de Pastos Bons, em setembro, pela gente de Pio, Fagundes, Gomes e Serafim, que foi morto.

Um caudilho de máus bófes, réplica branca do negro Cosme, que se assinava Manuel da Figueira Damasquarem Feitosa Brasa-Viva, é preso, e outro, Manuel Lucas de Aguiar, morto, em outubro. Nos últimos dias dêsse mês, anota Pereira de Alencastre: "Raimundo Gomes tenta reorganizar suas forças e por meio de proclamações encoraja



seus seguidores; porém vê-se quasi abandonado e já em luta com seus proprios amigos."

Ao findar o ano, Lima e Silva lança mão duma arma mais forte do que a espada: — a anistia. De novembro, quando o decreto foi publicado, a dezembro, apresentaram-se ás forças legais de mar e terra mais de dois mil rebeldes, "entre êstes os chefes Pio, Tempestade, Côco e Gavião." E' o tempo em que as forças da Baía destróem os que apparecem ás margens do São Francisco, capitulam os de Gurgueia, Raimundo Gomes com seus companheiros, erra batido onde se apresenta, o caudilho Cabral rende-se e se dissolve a primeira columna legal em Oeiras, a de oeste, comandada pelo major José Martins de Souza.

Em janeiro de 1841, "os rebeldes do Maranhão e Piauí, cansados duma luta ingloria, derrotados por toda a parte, e perseguidos energicamente, resolvem depôr as armas, e acobertar-se sob o manto da anistia. Francisco Ferreira, Poderoso e João da Mata depoem as armas na vila do Icatú com mais de dois mil dos seus. Raimundo Gomes Vieira Jutai apresenta-se em Miritiba ao presidente do Maranhão." No dia 19, Lima e Silva declarava pacificada a provincia. A 3 de abril proclamava a pacificação do Piauí. Em 5 de março, havia officiado ao ministro da Marinha: "Aproveito esta occasião para levar ao conhecimento de V. Ex. que o capitão-tenente Joaquim Marques Lisbôa, comandante das forças navais desta provincia, merece particular atenção de V. Ex. pelo zêlo, actividade e bons serviços prestados á causa pública..."

O comandante das forças navais bloqueara efetivamente as costas, os portos e os estuarios.



Trouxera a sua flotilha em constante movimento e vigilancia na baía de S. Marcos e em todo o litoral. Combatera e derrotára os rebeldes no rio Miuná. Auxiliára com os imperiais marinheiros do primeiro-tenente Jesuino Lamego Costa, futuro barão da Laguna, o coronel Favila a tomar a vila do Icatú a mil e seiscentos balaios no dia de finados de 1839. Graças á canhoneira que postára no pôrto das Carnaubeiras, no rio Parnaíba, os trezentos insurretos que atacaram essa posição fôram repelidos com graves perdas. Embarcado no navio a vapor *Fluminense*, sua capitania, conduzia o presidente da província rapidamente aonde precisava ir, transportava generos, munições e soldados, socorria a corveta francesa *Bergère* em perigo na Corôa Grande, explorava as ilhas da Tutoia, impedindo o ajuntamento de sediciosos e salvava ainda a tripulação da escuna *Rosa* que batera numa pedra e fôra a pique. Enfim, levava a Itapicurú-mirim o presidente Lima e Silva e as forças destinadas a dominar a rebelião das tropas descontentes por falta de pagamento de seus soldos, e lá ficara mantendo a ordem depois que o seu superior regressou a S. Luiz. Para chegar áquela vila, tivera de vencer grandes dificuldades. Em primeiro lugar, o concerto apressado e de emergencia das bombas de circulação avariadas, feito com um emplastro de cal e clara de ovo em lugar de soldas. Em segundo, a travessia de mais de quarenta leguas em oito horas de navegação com baixios, curvas, alfaques e corredeiras a vencer. Marques Lisbôa era o marinheiro completo, no qual a coragem ombrêa com a humanidade e a intelligencia corre parellhas com a decisão.







## O "OCEAN MONARCH"

Marques Lisbôa apresentou-se ao quartel-general de Marinha no dia 11 de junho de 1841. Adoentado e precisando de repouso, só teve comando em 17 de novembro: o da corveta *Dois de Julho*. A 18 de dezembro, um aviso ministerial mandava-o assumir o das Forças Navais do rio da Prata. No dia 10 de janeiro de 1842, içava seu pavilhão no mastro da capitânea sobre aquelas águas onde praticara alguns de seus primeiros feitos de armas como subalterno e como comandante...

A sua fé de officio diz o seguinte, em referencia a essa época: "Entregou o (comando) em virtude do aviso de 1.º de setembro de 1842, em 1.º de outubro do mesmo ano e, tomando o comando do patacho *Patagonia*, veio á Côrte, onde desembarcou por mostra de desarmamento a 22 de outubro de 1842. Por aviso de 20 de outubro, embarcou na fragata *Constituição*; desembarcou por doente em 17 de janeiro de 1843; deu parte de pronto a 28 de fevereiro do mesmo ano." A *Constituição* era a capitanea da frota que, sob o comando do almirante Beaurepaire, ia buscar em Napoles a princesa da casa das Duas Sicilias, que desposaria



D. Pedro II e seria a bondosa imperatriz Teresa Cristina, cognominada "Mãe dos Brasileiros". O estado de saúde de Marques Lisboa não lhe permitiu participar dessa importante comissão, em que lhe tocava ser imediato da fragata.

A fé de officio continúa: "Por aviso de 21 de outubro de 1843, foi nomeado para comandar a corveta *Bertioga*. Passou na mesma qualidade de comandante para a corveta *2 de julho*, em Montevideo, em 27 de setembro de 1844, e nela chegou a este porto no dia 5 de novembro do mesmo ano. Ficou sem efeito o aviso que o nomeara para comandar a divisão naval do Norte, devendo partir para tomar o comando da divisão naval do Centro, por aviso de 12 de novembro de 1844; o que se efetuou em 25 do mesmo ano e mês, embarcando na corveta *D. Januaria*, da qual passou para a corveta *D. Francisca*, na Baía, em 17 de janeiro de 1846. Foi exonerado em 2 de outubro de 1846 por haver sido abolida a estação que comandava. Por aviso de 10 de outubro de 1846, foi elogiado por apresentar um mapa hidrográfico da baía de Todos os Santos. Por aviso de 30 de novembro de 1844, obteve um mês de licença. Desembarcou nesta Côte, da corveta *D. Francisca*, em 1.º de dezembro de 1846. Por ordem do Exmo. Sr. ministro da Marinha, foi-lhe prorrogada a licença por mais tres meses. Promovido a capitão de mar e guerra graduado por decreto de 14 de março de 1847. Apresentou-se da licença em 30 de março de 1847. Por aviso de 22 de julho de 1847, foi nomeado para a comissão encarregada da revisão do Regimento Provisional da Marinha, e de outros objetos. Por aviso de 9 de agosto de 1847,



foi nomeado membro da comissão encarregada do exame do armamento da Repartição de Marinha. Por outro de 2 de novembro do mesmo ano, foi nomeado para ir tomar o comando do vapor *Afonso*, em construção na Inglaterra...”.

Do fim da Balaiada, em 1841, até então tinha tido somente essas comissões triviais na vida de qualquer oficial superior de marinha. Um lustro sem gloria. Terminou-o, porém, com um grande ato de altruismo, decisão e coragem que chamou sobre sua pessoa a admiração, não só do Brasil, como de outros países.

O *D. Afonso*, destinado a ser a gloriosa capitanea do chefe Grenfell na passagem de Toneleiros, levando a seu bordo Marques de Souza, Sarmiento e Mitre, acabava de construir-se nos estaleiros de Liverpool sob a fiscalização do citado Grenfell, então consul do Brasil naquele porto britânico. A figura de prôa dêsse navio celebre achase cuidadosamente guardada no Museu Histórico Nacional.

Realizaram-se as experiencias de máquinas da bela fragata a vapor, que vinha substituir com suas rodas possantes e seus canhões de maior calibre os antigos veleiros de guerra de baterias corridas, no dia 24 de agosto de 1848, data em que fazia vinte anos que a *Bertioga*, ajudada do *Cabôclo* e da *Rio da Prata*, comandada por Marques Lisbôa, havia aprisionado a corveta argentina *Dorrego* ao largo de Buenos Aires. “A bordo se achavam a princesa D. Francisca e seu esposo o principe de Joinville, o duque e a duquesa de Aumale, o ministro plenipotenciario do Brasil em Londres, o chefe de esquadra Grenfell e sua família,



todos para participarem da festa (\*).” Mais ou menos às onze horas da manhã, o navio deixou o porto e fez-se ao largo no Canal Inglês. A seis milhas de distancia do Great Ormshead, na costa do Lancastershire, os vigias assinalaram uma embarcação que se incendiava. Marques Lisbôa mandou aumentar a velocidade e aproximou-se do barco em chamas. Era o vapor americano *Ocean Monarch*, que viajava de Liverpool para Boston, conduzindo 396 emigrantes. A principisa D. Francisca, segundo conta o tenente Joaquim Lucio de Araujo na minuciosa relação que fez dos fatos, muito emocionada, dirigiu-se ao comandante e aos outros oficiais ali presentes:

— Salvem-nos! Salvem-nos!

Não se lembrava que se encontrava num navio de guerra com os paióis atestados de pólvora. Marques Lisbôa, Grenfell, o principe de Joinville, que era almirante, e o duque d’Aumale, que era general, também não pensaram nesse risco ou, se pensaram, o desprezaram. O certo é que a D. Afonso, cada vez mais proxima do vapor incendiado, preparou-se para o salvamento das vidas que êle conduzia. Lançou ferros. Os escaleres fôram logo arriados dos turcos, entregues a oficiais de confiança, guarnecidos com marinheiros corajosos e abastecidos do necessario em tais emergencias.

O *Ocean Monarch* “levava o seu pano marea-do” sob o vento fresco, balouçado fortemente pela agitação do mar. Marujos e passageiros apavorados formigavam nas bordas dos castelos e

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



pelos gurupés em fóra, pendurando-se dos patarases, da cevadeira e até do pica-peixe. Um clamor horrível! Uma nuvem de espesso fumo, desenrolando-se sobre as vagas e subindo para o céu. E as linguas rubras das labaredas, lambendo os restos de velas, a cordoalha, os mastros, um dos quais, o do traquete, despencou sobre o gurupés, fazendo em pedaços "os paus da bujarrona e giba, e os infelizes que supunham encontrar sobre êle, ao menos como demorar os últimos instantes duma vida tão dúbia, fôram ao mar e pereceram."

Os escaleres não podiam acercar-se daquela fogueira flutuante, da qual surgiam rapidas, explosivas, linguas de fogo, traiçoeiras, atirando á distancia fagulhas, tições, brasas. Era necessario prender uma espia ás amarras do navio, pela qual os naufragos pudessem alcançar as pequenas embarcações. Só um marinheiro ótimo nadador e homem de coragem poderia vencer as ondas e o calor, fazendo êsse serviço. O peor é que em volta do casco boiavam pedaços do aparelho e teias de cabos que poderiam tolher os movimentos de quem, nadando, nêles se embaraçasse. O marujo Jerônimo tomou o cabo e precipitou-se nagua, conseguindo atingir as correntes do *Ocean Monarch* e nelas amarra-lo. Estabeleceu-se logo um vai-vem e, assim, retiraram--e de bordo cento e cinquenta e seis pessoas. Salvaram-se no mar mais sessenta. De trezentas e noventa seis morreram cento e quarenta. Todas as vítimas do incêndio receberam da *D. Afonso* os mais carinhosos auxílios. As princezas reanimavam os desmaiados, socorriam as crianças e confortavam as mães.

Dois dias mais tarde, nosso ministro em Lon-



dres enviava ao comandante, em nome do imperador, cem libras esterlinas — para serem distribuídas pela tripulação. Marques Lisbôa mandou formá-la na cobertura, leu o ofício que acompanhava a gratificação e lembrou aos seus comandados a situação de miséria em que se viam aquêles que haviam salvado. Concluiu:

— Cedam-lhes por caridade êsse dinheiro.

— Cedemos! Cedemos! responderam em cântico os marujos comovidos. “E êste *cedemos* queria dizer que o marinheiro, que o homem dos perigos come o pão azedo do trabalho, vive de privações, mas não quer ouro quando alguém precisa mais que êle... (\*)”

As cem libras cedidas pela marinhagem foram distribuídas aos pobres marujos e imigrantes que tudo haviam perdido.

A cidade de Liverpool pelo seu Lord Mayor e a Liverpool Seamen Shipwreck Society pelo seu presidente agradeceram a Marques Lisbôa o grande serviço prestado. Muitos jornais de varios países europeus registraram com encômios o fáto. O governo, dos Estados Unidos elogiou-o. O governo de Sua Magestade Britânica ofereceu-lhe um cronometro de ouro com esta significativa inscrição: *in commemoration of his galant exertion on this melancholy occasion*. O aviso do ministro da Marinha de 10 de maio de 1849 permitiu-lhe aceitar essa honrosa lembrança.

---

(\*) Tenente Joaquim Lucio de Araujo — “Incendio total do *Monarca do Oceano*”.



## A REVOLTA PRAIEIRA

Ha uma coincidência misteriosa em certas datas historicas. A 7 de novembro de 1848, começou em Pernambuco a chamada revolução ou revolta praieira, obra do partido liberal, tendo á sua frente os deputados da provincia. A 7 de novembro de 1837 estourava na Baía a sabinada. Marques de Sousa estava destinado a encontrar-se com ambas no seu caminho, a primeira vindo do norte, onde combatera os cabanos, a segunda de volta da Europa, onde salvara mais de metade da gente do *Ocean Monarch*.

O movimento pernambucano era a derradeira chama do incêndio que as pretensões absolutistas ou portuguezas tinham ateado no Brasil inteiro. Os sentimentos liberais dos revolucionarios iam de encontro aos sentimentos conservadores dos partidarios da ordem e dêsse choque resultou a luta. Nas proclamações dos rebeldes sente-se isso claramente. Elas falam do "partido absoluto miguealista (sic), que se acha no poder", da nefanda obra de "nossa escravidão, entregando nossas vidas e propriedades aos nossos mais encarniçados inimigos — os portuguezes", da infernal máquina politica "montada pelo portuguez José Clemente"



e do presidente Ferreira Pena como mandatário dos “portuguêses da rua da Quitanda (\*)”. Praieiros, como se denominavam, contra os gabirús como chamavam aos contrários, estavam possuídos do mesmo espírito que excitara os cabanos, os sabinos, os bentevis, os balaios e os farrapos contra o poder que êstes últimos alcunharam de publico — galegalidade. A verdade, porém, é que a revolta liberal pernambucana chegava fóra de tempo, talvez como um reflexo da grande agitação que ia pelo mundo. Chegava muito tarde. De Cabanada, da Sabinada e da Balaiada restavam somente tristes lembranças que o tempo ia diluindo. Dêsde 1845, os republicanos riograndenses haviam entregue as armas ao pacificador Lima e Silva. E consumára-se já a revolução parlamentar que proclamara maior o novo monarca nascido no Brasil e jamais acusado de estender a mão aos portugueses.

Eis porque o deputado Nunes Machado, que só chegou ao Recife, procedente do Rio de Janeiro, no dia 17 de novembro, reprovou o recurso às armas, embora decidido a seguir a sorte de seus inimigos políticos, com os quais combateu e pelos quais morreu nobremente (\*).

Quando, em viagem de Liverpool para o Rio, a *D. Afonso* entrou no porto do Recife, a revolta campeava em diversos lugares da província, sobretudo na vila de Agua Preta. No pôrto, uma divisão naval sob o comando do capitão de fragata Joa-

---

(\*) Urbano Sabino Pessôa de Melo — “Apreciação da revolta praieira”.

(\*) J. M. Figueira de Melo — “Crónica da rebelião praieira”.



quim José Inácio, futuro visconde de Inhauma. Mais graduado em posto, Marques Lisboa recebeu a chefia dessa força das mãos do seu antigo companheiro de glória e infortúnio no Prata e na Patagônia. A 27 de janeiro, mais de dois mil revolucionários moveram-se da vila onde se haviam concentrado rumo à capital, que vinham atacar. Dividiram-se em duas colunas no engenho Mocotó e a 2 de fevereiro de 1849 chegaram ao Recife. Uma veio pelos Remédios e pelo aterro dos Afogados sobre a ponte de Caxangá, comandada por Pedro Ivo que a rapsódia de Castro Alves imortalizaria. A outra, chefiada pelo padre Roma, atravessou o rio Capiberibe na Soledade. Às cinco horas da manhã, romperam o fogo no Cabugá e no Ôlho de Boi, levaram por diante os defensores daquele ponto, atingindo a ponte da Boa Vista e ameaçando o palácio do governo. Cairam sobre eles, entretanto, a cavalaria de linha, a guarda nacional, os soldados de polícia, os voluntários, os artilheiros, os fusileiros e os imperiais marinheiros desembarcados da esquadra, repelindo-os. Levantaram barricadas, entrincheiraram-se nos sobrados, sustentaram mortífero tiroteio, mas foram desalojados. A Guarda Nacional defendeu o dia inteiro o forte das Cinco Pontas violentamente atacado pelos praieiros. O major Araujo ajudado de dois brigues e um cutter de guerra, impediu fosse tomado o Arsenal. Entrementes, a coluna da Soledade era detida por vivíssimo fogo e obrigada a retroceder. As duas horas da tarde, quando o general José Joaquim Coelho fez entrar na cidade os reforços trazidos do norte da provincia, pouco ou nada restava que fazer. Os rebeldes estavam



vencidos. Caira, "atravessado por uma bala o desembargador Joaquim Nunes Machado, deputado geral e que era "a cabeça e o verbo da revolução", assim como o capitão Pedro Ivo era dela "o braço e a espada". (\*)).

Marques Lisbôa tomou parte ativa e decisiva na derrota dos praieiros. Comandou pessoalmente o contingente de desembarque dos navios e combateu como simples marinheiro nas ruas do bairro de Santo Antonio. Ao seu lado, caíram feridos sete oficiais e quarenta e oito praças, mortos dezesete homens.

Na véspera, á noite, fizera desembarcar o capitão de fragata Joaquim José Inácio com toda a força disponível e fôra apresentar-se em palacio ao presidente Vieira Costa, sucessor de Ferreira Pena, com vinte homens bem armados. No dia seguinte, ajudou o comandante da guarda nacional a expulsar os praieiros das posições de que se haviam apoderado nas cercanias do paço do governo, avançou com os seus marinheiros e tomou todo o terreno compreendido entre a praça da União e a rua do Sol. Mais tarde, entrou pela rua da Concórdia e apoderou-se do convento do Carmo, desalojou varios grupos rebeldes dos bêcos que ocupavam e, reforçado com alguns voluntarios, expeliu outros bandos do largo do Livramento. "Passei-me — diz êle proprio na sua parte ao ministro da Marinha — outra vez á rua da Concórdia, onde as forças da marinha continuavam a sustentar um tiroteio com os rebeldes acobertados por um forte muro. Tomámos mais alguns bêcos e casas, e, como chegasse o sr. coronel

---

(\*) Rio Branco — "Efemérides".



Bezerra com uma peça de artilharia e um batalhão, e continuasse a bater o dito muro, continuá-mos a sustentar o tiroteio até que as forças do sr. comandante das armas, incorporadas às nossas, desalojaram os rebeldes de todas as posições e os puseram em completa fuga e debandada”.

Não fala em ponto algum dessa minuciosa relação de fatos do mais belo ato que praticara em tão cruenta e triste jornada. A historia, porém, regista-o em outras páginas, onde fomos buscá-lo.

No momento em que os praieiros começavam a refluir sob o fogo das tropas legais, alguns eram feitos prisioneiros e executados sumariamente, como é de uso em toda a parte nessas ocasiões. Estavam dois dêsses infelizes encostados a um muro, num ângulo da praça, com o pelotão de execução em linha, á frente, quando Marques Lisbôa surgiu por acaso com seus marinheiros. Vendo aquela barbara cena, doeu-lhe o coração. Correu, interpôs-se entre os fusiladores e os condenados, intimando os primeiros a baixarem as armas. Obedeceram-lhe e mandou incontinentemente levar para bordo os dois presos.

Êsses importantes serviços foram louvados pelo aviso ministerial de 24 de fevereiro de 1849. Promovido a capitão de mar e guerra efetivo por decreto de 14 de março, continuou na Côrte, comandando a *D. Afonso*, embora de novo nomeado membro da comissão de exame do armamento. Era já dignitário da ordem da Rosa. Foi elevado a dignitário do Cruzeiro em recompensa do que fizera no Recife.

As véneras e os galões não lhe modificaram a altivez. Prestando contas das despesas feitas



com o recebimento, experiências e viagem da *D. Afonso*, incluiu a nota duma baixela de porcelana e cristais adquirida para o serviço das imperiais e reais visitas que tivera a bordo, em Liverpool. A contadoria do ministério devolveu-lha, achando-a excessiva. Rasgou a conta e entrou com a diferença do seu bolso, declarando que mais alto do que aquela soma “estava a sua dignidade de comandante que sabia prezar-se e honrar a marinha a que pertencia”. Êsses gestos eram muito do feitio impulsivo e nobre de Marques Lisbôa.



## A ESPADA DE OURO

Na madrugada de 5 de março de 1849, desabou sobre o Rio de Janeiro furioso tufão. Começou a soprar de noroeste e acabou saltando para sudoeste. Os ventos dêste quadrante são sempre violentos nesta latitude. Ao amanhecer o dia, o panorama da tempestade era horrível e belo. Nuvens escuras e baixas, zebradas de clarões elétricos, cobriam os morros e as serras. O céu abaixava-se sobre o mar como querendo esmagá-lo, e êste, convulso, uivava nas praias e estrondava como descargas de artilharia de encontro aos penedos e aos paredões de granito da costa. As ondas espumejantes lançavam-se ao assalto do litoral e da baía, quebrando-se nos enrocamentos dos velhos cáis do Flamengo e do Russel, correndo pelas enseadas da Glória e de Botafogo, cobrindo de rendas brancas os costões de Santa Cruz, da Lage e de Villegaignon, fervendo na ponta avançada do Calabouço, levando até as areias das ilhas internas a sua agitação incessante.

Ancorada ao largo da ilha das Cobras, a fragata a vapor *D. Afonso* balançava-se no dorso das grandes vagas que vinham da barra e no seu cordame a ventania solta silvava e gemia. Foi



quando lhe chegou a notícia de que, fóra, estava em perigo a náu portuguesa *Vasco da Gama*. O furacão arrancara-lhe o aparelho, do qual restavam sómente os mastros reais com restos de enxárcias e cabos avoejando nos cestos de gávea. Marques Lisbôa mandou suspender ferros e saiu á barra, expondo-se á tempestade, para salvar o grande navio desarmado como salvara a gente do *Ocean Monarch* em chamas.

A fragata transpôs a barra, sacudida violentamente pelas movediças cordilheiras do mar encapelado e avistou a náu "fundeada com toda a amarra fóra para poder erguer-se sobre as vagas alterosas que batiam de enfiada". Eram duas horas da tarde e até cair a noite não conseguiu o comandante brasileiro passar-lhe um cabo de reboque. Tentou fazer arriar um escaler sob a direção do tenente Lucio Araujo, que prestara os melhores serviços no salvamento dos tripulantes e passageiros do *Ocean Monarch*; porém, mal se desprende das talhas dos turcos, enorme vagalhão o pôs a pique, sendo difícil salvar sua guarnição.

Na manhã do dia 6, a *Vasco da Gama* appareceu mais desmantelada ainda. O mar levará-lhe o gurupés, os cabrestos e os turcos. Era-lhe impossível arriar embarcação alguma. Felizmente porém, a violência do temporal amainara um pouco. Entretanto, sómente pelas quatro horas, depois de porfiada luta contra os elementos em fúria, se conseguiu passar o reboque. A's seis da tarde, quando o dia morria e agonizava o furacão, a *D. Afonso* surgia na barra, trazendo a náu lusitana, que fundeou nas placidas aguas da Guanabara. Um desenho litografado de A. J. Guima-



rães, impresso no Rio, na Rua da Ajuda n.º 68, por Heaton e Rensburg mostra êsse belo feito e o lastimável estado em que se encontrava o grande navio.

A rainha de Portugal mandou ao futuro marquês de Tamandaré a comenda da Torre e Espada e a colonia lusitana no Rio de Janeiro lhe ofereceu uma espada de ouro. Houve necessidade de aviso especial do governo brasileiro para que a aceitasse. Nêsse tempo, as espadas de ouro eram dadas aos Osorios, depois que venciam os inimigos externos da patria, e aos Marques Lisbôa, depois que salvavam os amigos da mesma. Hoje, andam a granel e são já recompensa dos heróis provisórios das dissensões civís. São tantas e por dá cá aquela palha que não merecem mais registro senão dos jornais... A espada de ouro ofertada ao grande marinheiro marcou um ato de abnegação e humanidade. Foi maior, pois, do que as que assinalam vitórias sangrentas.

Em junho de 1849, Marques Lisbôa pediu exoneração do comando do vapor de guerra com que salvara dois grandes navios, que fôra o primeiro a comandar, que determinara o começo de nova fase na nossa marinha militar — a das fragatas a vapor, as quais venceram em Toneleros, no Riachuelo, em Cuevas e em Mercedes, sòmente cedendo o passo aos navios couraçados e casamatedos de ferro sueco, vitoriosos em Humaitá e Angostura, mais tarde. A *D. Afonso* abria nova éra na nossa história naval. Deante dela, os barcos a vela, de baterias corridas, que haviam lutado pela independencia e pela honra de nossas armas no Prata, começaram a desaparecer.



Em 1850, quando o governo imperial vivamente se preocupava com a situação criada no sul pela política de Rosas, senhor tirânico do povo argentino, vamos encontrar o capitão de mar e guerra Marques Lisbôa no comando da fragata *Constituição*, de setembro a dezembro, quando o escolheram para substituir o chefe de divisão Pedro Ferreira de Oliveira na direção de nossas forças navais no Prata.

Acometido de grave enfermidade, não pôde assumir o seu posto nem prestar serviços na campanha de 1851 a 1852, que deu em terra com o tirano feroz e na qual se cobriu de glória seu primo, o general Manoel Marques de Sousa, futuro conde de Porto Alegre, vencedor de Monte Caseros. Sua convalescença foi demorada, obrigando-o a procurar o clima montanhês e benéfico de Nova Friburgo. Na sua história que, segundo Garcêz Palha, é a história da marinha brasileira, faltou a página da guerra contra Rosas.

Promovido a chefe de divisão (\*) em março de 1852, foi nomeado capitão dos pôrtos da Côrte e da província do Rio de Janeiro, ainda em substituição do chefe Pedro Ferreira de Oliveira.

Esse guerreiro do mar tinha em alta conta a vida humana e arriscava a sua denodadamente mais vezes para defendê-la do que para atacá-la. São dessa época os seguintes episódios narrados pelo almirante Henrique Boiteux:

---

(\*) Os postos da Armada na monarquia eram os seguintes: Almirante, Vice-Almirante, Chefe de esquadra, Chefe de divisão, Capitão de mar e guerra, Capitão de fragata, Capitão-tenente, Primeiro-tenente, Segundo-tenente e Guarda-marinha.



“Seu alto posto na Marinha em nada modificou seu ardor juvenil: foi o homem de sempre. Por isso, cabe aqui relatar alguns fatos que dizem de seu altruismo. Na noite de 7 de setembro de 1852, tendo saído de casa em busca de remédios para sua esposa, gravemente enferma, desabou tremenda trovoadade de noroeste, que fez garrar navios e naufragar pequenas embarcações. Ao passar pela praia de Santa Luzia, ouviu gritos que partiam do mar, implorando socorro. Sem consultar mais do que seu coração, o arrojado chefe e denodado marinheiro lançou-se á agua e, afrontando as desabaladas ondas açoitadas por forte ventania, foi em busca de dois pretos, tripulantes duma canôa que havia naufragado. Conseguiu depois de luta tenaz trazê-los á praia do Flamengo. Não estava ainda concluída a sua missão, em críticas condições se achavam as equipagens duma barca inglêsa e dum brigue nacional, cujas embarcações haviam virado. Meteu-se Marques Lisbôa em um bote e os salvou. Êste fato vem narrado no *Morning Post* de Londres, de 22 de novembro de 1852, e no *Constitucional* de Paris, de 26 do mesmo mês e ano. O *Journal des Débats* da época conta que — *le brave marin Joaquim Marques Lisbôa frère du ministre du Brésil á Paris, monté sur une frêle chaloupe, avait sauvé l'équipage d'une barque anglaise et d'un brick brésilien, alors même qu'un bateau á vapeur n'avait cru pouvoir affronter un épouvantable orage. Ce nouvel acte de courage et de dévouement avait dignement célébré l'anniversaire du jour où le vaisseau "Vasco da Gama" fut sauvé du naufrage."*



Mal informado, o periodico francês. A data que o grande marinheiro comemorou com êsses atos de altruismo e heroismo foi a da independência do Brasil. Comemorou-a condignamente, salvando vidas com risco manifesto da sua. Não merecia uma espada de ouro, porém uma ancora de ouro, porque a espada mata e a ancora é a esperança e a salvação. Entretanto, o grande escritor argentino Manuel Gálvez, candidato ao premio Nóbél com proposta assinada por alguns homens de letras brasileiros, chama a êsse destemido salvador de existencias, *adulador e imbecil... Non ragionar di loro, má guarda e passa!*



## O CRIADOR DA NOVA MARINHA

Na magnífica coleção de canhões que orna o pátio do Museu Histórico Nacional, uma peça de marinha perpetua a lembrança da vida de Tamandaré entre novembro de 1854 e dezembro de 1856, porque traz em volta da culatra seu nome gravado com todas as letras. É que nesse período em que foi promovido a chefe de esquadra, nomeado veador de Sua Magestade a Imperatriz e elevado a vice-almirante, exerceu continuamente funções de inspetor do Arsenal de Marinha da Corte, de membro da comissão de exame do pessoal e material da Armada e de membro da comissão que devia prover à mudança do referido arsenal para lugar apropriado e à construção de uma mortona ou dique mecânico do sistema Morton.

Enfermo e tendo enfermado sua esposa, pediu e obteve licença com soldo para ir à Europa. Em consequência, foi exonerado do cargo de inspetor do Arsenal. Por esse tempo, o governo imperial começava a ver turvos os horizontes políticos para os lados do Prata. Depois da queda de Rosas, havíamos sido obrigados a mandar em 1855 a expedição de Pedro Ferreira de Oliveira pedir satisfações ao Paraguai. Nosso caminho fluvial para Mato Grosso estava interrompido. O Uruguai



agitava-se. A tirania de Lopes projetava sobre nossas fronteiras uma sombra ameaçadora. Era necessario melhorar e aumentar o material de nossa esquadra. Aproveitou-se a estadia do vice-almirante Marques de Souza na Europa para essa missão. O homem do mar passou a ser o homem dos estaleiros. Já havia sido o homem dos arsenais. A diferença não era grande.

Foi êle quem escolheu os construtores e assinou os contratos de construção de navios, quem arranjou para o serviço de nossa esquadra duzentos marinheiros especializados belgas e quem empregou muitos operários para o arsenal de Mato Grosso. Sagaz, ativo, habil, adaptavel a qualquer meio ou tarefa, realizou, sem intermediários, com acerto, economia e inteligencia, uma obra digna de sua grande vida. Nos estaleiros ingleses Green e Pitcher, encomendou as canhoneiras *Ibicuí, Itajaí, Mearim, Tieté, Araguari, Iguatemi, Araguaí, e Iva*, quasi todas cobertas de glórias em 1864 e 1865 nas aguas do Prata, do Paraná, do Uruguai e do Paraguai. Ao assumir o comando de nossa esquadra nessas duas memoraveis campanhas, devia olha-las quasi como filhas. Conhecia-as desde o berço, desde as quilhas, desde o esqueleto do cavername. Essas oito canhoneiras vieram para o Brasil, carregadas por êle de munições de guerra. Cada uma trazia trinta toneladas. As suas máquinas eram de primeira ordem, de Ravenhill Salhedz e de John Penn, e tinham excelentes qualidades nauticas.

Pelo *Ocean Eagle*, enviava 2.000 caixas de cartuchos e 250 de granadas; pela *Nameany*, 1.072 de cartuchos e 150 de granadas.



Nos estaleiros francêses de Normand, mandara bater as quilhas de duas canhoneiras, a *Belmonte* e a *Parnaíba*, que acabariam com honra no Riachuelo. E o velho marujo da independência e do Prata, costumeiro a navegar a vela, habituado á artilharia corrida das cobertas, de tal modo aprendera os segredos da marinha a vapor na *D. Afonso* que, então, applicava o novo sistema de colocação das máquinas, ainda não conhecido na Inglaterra, e sabia as vantagens do *plastic ciment* de Piment com que se revestiam as caldeiras para obter melhor aproveitamento do calor.

Adquiriu mais as canhonheiras fluviais de ferro *Tramandataí* e *Anhambai*.

“Em aviso de 26 de agosto (de 1858) lhe foi ordenado que se retirasse para o Rio de Janeiro logo que tivesse concluido as últimas canhoneiras, sendo exonerado desde aquella data das comissões em que se achavam os officiaes que o coadjuvavam (\*). Cumprida esta última parte, pediu permissão o vice-almirante para deixar de fazê-lo quanto ao que lhe dizia respeito, porque, quando pediu licença ao governo imperial para ir á Europa, foi com o fim de obter melhoras, se não completa cura, de seus soffrimentos de gôta reumatica e inflamações crônicas do estomago e intestinos, e, principalmente, para cuidar da saúde de sua esposa, atacada de carie facial (\*\*). Queria ficar, afim de realizar os tratamentos necessarios e tambem de estudar *de visu* innovações e melhoramen-

---

(\*) Saldanha da Gama, Montaury, Carneiro da Rocha, Barros, Peixoto e outros.

(\*\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



tos da arte militar marítima. Insistia, portanto, junto ao ministro solicitasse do imperador licença afim de que ficasse, dispensando-o do cargo para que fôra nomeado de membro do Conselho Naval.

Ficou e, quando, em 17 de junho, se apresentou ao quartel general do Rio de Janeiro, de regresso do velho mundo, podia ser considerado o criador da nova Marinha de Guerra a vapor do Brasil, que o esperava para ter nêle o seu grande chefe, sobretudo pelo alto, indefectivel espirito de brasilidade, tão forte que parecia agressivo, e que lhe deu em cada platino um inimigo fidalgal. Os insultos de Gálvez são uma prova.



## O TITULO DE TAMANDARÉ

D. Pedro II visitou algumas províncias do norte em 1859. O vapor *Apa*, escolhido para conduzir Sua Majestade e a família imperial, foi acompanhado por uma esquadra composta da fragata *Amazonas* e das canhoneiras *Paraense* e *Belmonte*, comandada pelo vice-almirante Marques Lisboa que içou seu pavilhão no mastro grande da primeira. Assim, o glorioso navio imortalizado sob o comando de Barroso no Riachuelo foi antes capitânea de Tamandaré.

1.º de outubro, a esquadra partiu do Rio para a Baía, de onde, após a demora necessária, seguiu para o Recife. De regresso, a 21 de novembro, fundeou no pequeno e obscuro porto de Tamandaré (\*). Por que motivo as águas verdes daquela angra perdida na alva costa nordestina, aureolada de areias argéneas sobre as quais se agitavam os

---

(\*) “A provincia possui, além de Recife, varios portos úteis, como o de Tamandaré, com a profundidade de 8 ms., o do Golinha, os do Rio Formoso, Itamaracá, Golana, Pitimbú e varios outros; mas sómente o de Tamandaré é accessivel aos grandes navios, enquanto que os restantes apresentam grandes difficuldades á entrada dos navegadores costeiros”. A. W. Sellin — “Das Kaiserreich Brasilien”.



baldaquinos dos coqueirais verdes, embalavam dôcemente tantos navios? Por que nessa paisagem ensolada e solitária demoraram durante tantas horas os olhos do imperador? Porque o almirante que os comandava e conduzia o monarca dêle obtivera permissão para vir ali cumprir piedoso dever. D. Pedro II não recusou aquela escala pedida pelo amor fraternal. Marques Lisbôa vinha tirar do cemiterio de ignorado vilarejo os restos mortais dum irmão, afim de transportá-los na sua fragata para o tumulo da familia, na necrópole do Cajú.

Tão grande a generosidade do soberano que consentiu nisso, sabendo que o morto se batera contra seu trono; tão grande que mandou lhe fossem prestadas as honras militares do seu posto nas tropas republicanas.

O irmão de Joaquim Marques Lisbôa chamava-se Manuel, nascera em Porto Alegre, cursara a antiga Academia de Marinha e dela fôra expulso em 1817 por ter repellido violentamente insultuosa referência aos brasileiros feita por um colega, filho da metropole. Embarcou para Pernambuco e bateu-se ao lado de seus patrícios rebelados, pelo Brasil livre. Tendo conseguido escapar ás garras da policia real, passou-se para a Baía, onde o vamos encontrar na guerra da independência, dando combate em Pirajá e Itaparica ás forças do general Madeira. Nessa época os brasileiros timbravam em ajuntar aos seus nomes apelidos indigenas, afim de se diferenciarem dos reinóis. Datam daí os Arripes, os Mororós, os Sucupiras, os Ibiapinas, os Carapinimas e muitos outros. A celebre heroína Maria Quiteria, soldado do exercito libertador, a quem D. Pedro I daria o posto de alferes e a placa do



Cruzeiro, pusera-lhe a alcunha de Pitanga, porque, durante o cerco de S. Salvador pelas tropas de Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, visconde de Pirajá, ia colher os frutos dêsse nome sob o fogo das linhas portuguesas. Manuel Marques adotou-o e fez bem, porque lembrava a sua coragem e vinha de uma madrinha gloriosa.

Seu espirito de brasilidade era tão profundo e ardente que se não conformava com o Imperio. Antes que o primeiro imperante se entregasse aos chamados marquêses e ao partido denominado português, já se insurgia contra a corôa. Ao ser proclamada no nordeste heroico e batido de sol, onde já se processara a epopéa em par da guerra holandesa, a Confederação republicana do Equador, em 1824, correu a alistar-se nas hostes revolucionárias.

Deram-lhe o posto de major e o encarregaram da defesa daquêlê pôrto mesquinho de Tamandaré, onde agora a esquadra imperial vinha buscar seus ossos, saudando-os com a voz dos canhões, em presença do imperador. A frente de algumas companhias de caçadores, Manuel Marques Pitanga repeliu um primeiro ataque náquela posição levando a efeito pelas forças de desembarque do brigue *Baía*. Mas, quando as tropas do brigadeiro Lima e Silva, destacadas da Barra Grande, vieram contra êle, mortalmente ferido aos primeiros tiros, pouco tempo sobreviveu aos companheiros vencidos.

Achando-se Marques Lisbôa de novo na Côrte, e já exonerado do comando da esquadra que comboiava o *Apa*, em 1860, o ministro da Marinha, Francisco Xavier Pais Barreto, propôs em conselho de ministros ao imperador que se galardoassem



os eminentes serviços do almirante com o título de barão do Rio Grande do Sul. Sua Majestade abalou a cabeça e, com pasmo de todos, que pensavam ia recusar a mercê, disse:

— Discordo da proposta de V. Ex., sr. Ministro. Deve ser barão, mas não do barão do Rio Grande do Sul. Fica-lhe melhor barão de Tamandaré, que lhe lembrará a nossa viagem e a saudade dum irmão querido, morto heroicamente.

A historia dos títulos do Imperio, no seu simbolismo moral, no seu significado pessoal ou historico, ainda está por fazer. Ela nos reservará muitas surpresas e nos relembrará muita coisa interessante. Nos títulos dados pelo monarca, não ha acaso, escolha individual ou immediatismo historico, sim razões mais humanas, mais profundas: politica, tradições de família, sentimentos, lembranças, feitos, até ironia e até trocadilhos. O de Tamandaré perpetuava a recordação do bravo major Pitanga, um episódio da revolução de 1824, a lembrança da viagem imperial e a magnanimidade do soberano esquecendo os agravos á dinastia em sinal de respeito ao amor fraternal do servidor fiel. Tanta coisa!

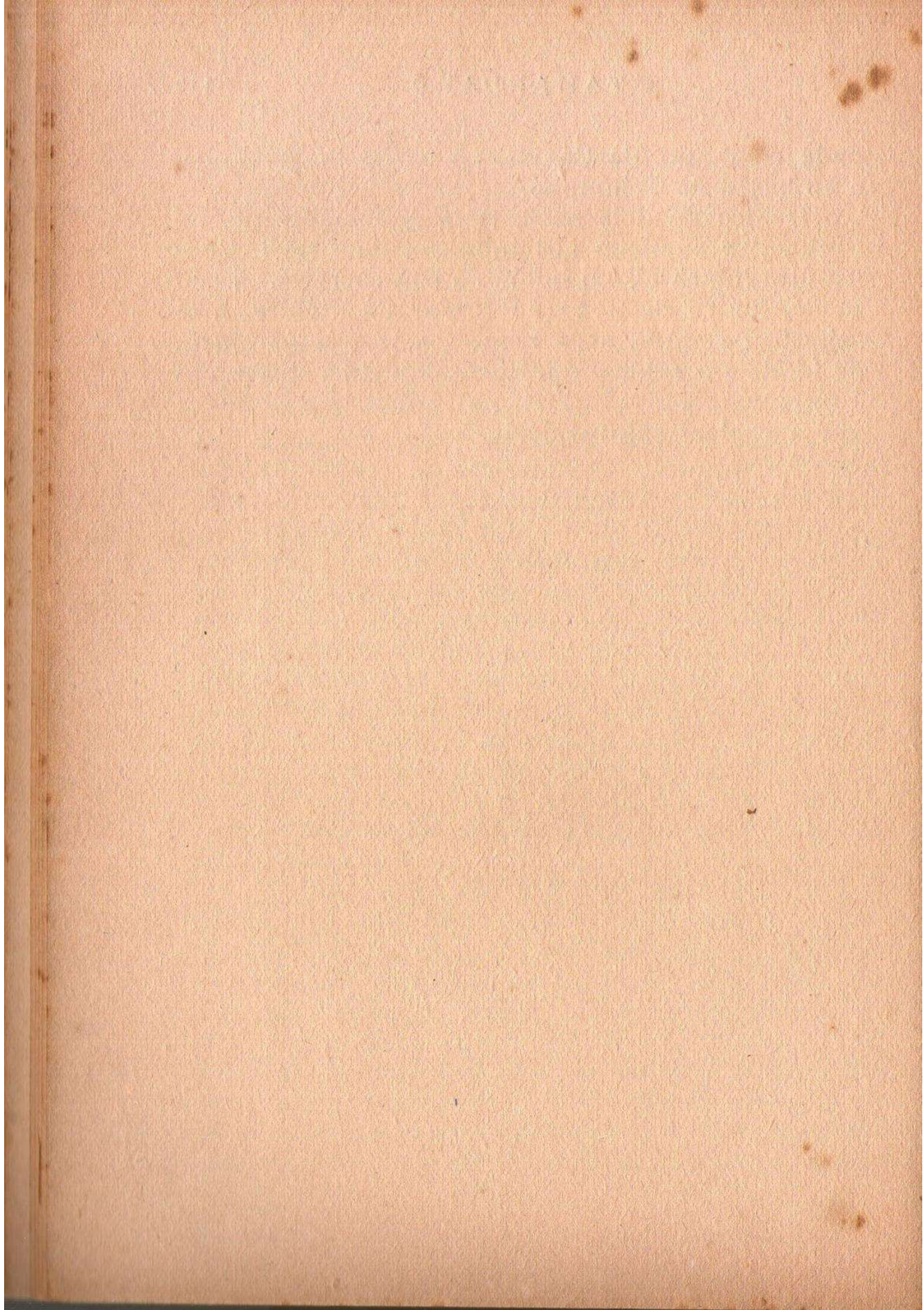
Depois de ter ido á Europa buscar a família, ainda em 1860, de novembro dêsse ano a janeiro de 1862, Tamandaré foi encarregado do Quartel General da Marinha, de reconhecer a costa sul do cabo de Santa Marta, condecorado com a comenda de Aviz, galardoado por Francisco José da Áustria com a gran cruz da Ordem Imperial do mesmo nome e nomeado ajudante de campo de Sua Majestade o Imperador com direito ao uso dos alamares e agulhetas do lado direito, honra



dada ao duque de Caxias, ao barão de Itapagipe e ao barão do Triumpho.

Dentro de dois anos, teria novamente de, no Prata, dar combate aos inimigos do Brasil. Contra êles lutara ali no início de sua carreira. Ia ao seu encontro de novo no limiar da velhice, mas coberto de glória e de honras, com a experiência da idade e o valor da prática adquirida. Seria um adversário terrível. Daí os odios que gerou e que aureolam sua memória.







## “BLANCOS ” E “COLORADOS”

O Uruguai é um prolongamento do Brasil meridional em que as aguas do Prata se infiltraram, tornando-o espanhol. Conquistado por nós, libertado por nosso consentimento, um cordão de ectoplasma histórico — permita-se a expressão — liga-o continuamente á nossa vida. Quando estremece, êle sofre qualquer cousa. Quando êle estremece, nós sentimos êsse estremecimento. Em 1854, ocupamo-lo militarmente a pedido de seu governo incapaz de impôr ordem ás facções em luta. Dez anos depois, êle agitava-se de novo, ameaçando envolver-nos na sua contenda. Situação grave. As grandes guerras nascem sempre dos países pequeninos, disputados ou querelantes. Eles são como o eixo que faz saltar o caminhão ou como a vibora que pica a pata do elefante. Do Uruguai sairia a chama que devia atear a longa e áspera campanha do Paraguai, como da Servia partiu o tiro assassino que conflagrou o mundo.

Estava no poder o presidente Berro, do partido *blanco*. Queria apeá-lo o caudilho Venâncio Flôres, do partido *colorado*. Dêsde 1863, lutavam os bandos rebeldes com as cavalarias do governo, em campo raso. Ainda bem não havia bebido a



nobre terra uruguaia o sangue derramado em Quinteros e já outro mais fresco lhe ensopava as canhadas e as coxilhas.

Inimigos tradicionais do Brasil, os *blancos* perseguiam os brasileiros residentes na Banda Oriental. Insultavam-nos. Obrigavam alguns ao serviço militar. Maltratavam outros. Roubavam-lhes os gados. Saqueavam suas propriedades. Assassinasavam-nos mesmo. Êsses fatos repetiam-se quasi diariamente. “As reclamações choveram junto ao governo imperial e delas se fez energico procurador o prestigioso general Antonio de Souza Neto (\*), que perguntava ao Brasil num apêlo publicado pelo *Espectador da America do Sul*: “Temos direito á vossa proteção ou devemos contar sòmente conosco?”

A resposta do Imperio não se podia fazer esperar. O conselheiro José Antonio Saraiva era enviado a Montevidéo em missão especial. Elevava-se o numero de navios da esquadra no Prata. O visconde de São Gabriel reunia na fronteira um exercito de observação. E o barão de Tamandaré, nomeado comandante em chefe das nossas forças navais, a 20 de Abril de 1864, içava mais tarde o seu pavilhão de vice-almirante no mastro-grande da corveta a vapor *Niteroi*. Sua capitânea tinha o mesmo nome do glorioso barco a vela de Taylor, no qual começara o aprendizado da rude vida do mar, perseguindo até a foz do Tejo a esquadra portugêsa que deixava o Brasil.

Saraiva partiu do Rio de Janeiro a 27 de Abril na fragata *Amazonas*, enquanto Tamandaré fica-

---

(\*) G. Barroso — “Osorio” — o centauro dos pampas”.



va, aprestando os navios de que carecia. Quando o plenipotenciário chegou a Montevideo, já o presidente Berro não se achava em exercício. Passara o governo, em 1.º de março, ao seu sucessor Aguirre, homem violento, arbitrário e vingativo, além disso aconselhado pelo terrível Carreras, "mandatario do execrando morticínio de Quinteros". O ministro das relações exteriores era o famoso Juan José Herrera, que logo pôs as manguihas de fóra, manifestando seu descontentamento por causa das tropas de observação na fronteira e declarando que, se a atravessassem, com qualquer fim, isso seria considerado ultraje á soberania e independência da Republica. Havia superexcitação no povo e nos governantes uruguaioes. A invasão efetuada por Flores, simpático ao Brasil e ocultamente protegido pela Argentina, segundo se dizia, trazia aquella gente em contínua febre. Uma desconfiança antiga que fatos e mais fatos concretos não conseguiam pulverizar fazia com que o Imperio fosse olhado como o conquistador possivel e o inimigo encapado que busca um pretexto para atacar. Nêsse ambiente carregado e desfavoravel, naufragou a missão Saraiva.

A 16 de maio, Tamandaré chegava a Montevideo. O plenipotenciário havia enviado uma nota ao governo de Aguirre, solicitando as seguintes medidas: castigo dos criminosos impunes que ocupavam até altos cargos militares e civís, depois de haverem assassinado e roubado brasileiros; destituídos e responsabilizados os agentes de polícia culpados de abuso de autoridade contra os nossos patrícios; indenização das propriedades devastadas e dos roubos praticados, e libertação



de todos os brasileiros obrigados a serviço militar. O ministro Herrera replicou que a culpa de todos os males que afligiam a Republica cabia aos governos do Brasil e da Argentina, em cujos territórios se preparavam e armavam os invasores *colorados*.

Era o tempo em que chegavam as canhoneiras que o almirante fizera construir na Europa: *Belmonte*, *Parnaíba*, *Mearim*, *Araguai*, *Ivaí*, além da *Jequinhonha*, da *Recife* e da fragata *Amazonas*.

O governo paraguaio de Solano Lopes estendera a mão, na sombra dos bastidores diplomaticos, de ha muito, ao governo *blanco* do Uruguai. Havia, então, a superstição do exercito paraguaio na America do Sul. A opinião geral era de que estava para o continente como o prussiano, para a Europa. O tambor das falanges guaranís adestradas no fundo misterioso dos esteiros e potreiros assustava as chancelarias. No proprio congresso do Imperio, muitos anos antes do conflito, um deputado matogrossense que conhecia o país do dr. Fancia procurava chamar a atenção dos nossos estadistas para a sua força militar. Infelizmente não se tomavam providências; porém felizmente acabámos de vez com as veleidades dessa rã que pretendeu arvorar-se em boi...

D. Carlos Lopes, pai de Francisco Solano, morrera em setembro de 1862. O filho, dêsde herdeiro presuntivo, queria a guerra com o Brasil. Confessara isso a Heitor Varela na sua casa de Assunção, em 1856: "... no podré afianzar la independencia y la seguridad del Paraguay sin abatir antes la preponderancia del Imperio... con el primer pretexto que me den declararé la guerra". Demais, "Lopes era o resultado humano na formação so-



ciologica do enclausurado Paraguai. Ele representava bem as volições do seu povo, que Francia encarcerara e envilecera. No fundo, o que o impelia, sem que êle proprio — instrumento de forças mais poderosas — talvez sentisse, era a necessidade geográfica de seu país ter uma saída para o mar (\*).” A finalidade guerreira da sua patria — na opinião de Cardús Huerta — resultava da necessidade natural de romper êsse cêrco atrofiador.

Havia bastante tempo, Solano Lopes assegurara a D. André Lamas o seu apoio contra quaisquer agressões, frisando bem: “venham de onde vierem!” Porque, para êle, naquêle momento histórico, entre o Paraguai e o Uruguai existia “um interesse comum”. Em 1863, o tirano de Assunção pedia com insistência ao governo argentino explicações francas e categóricas sobre a rebelião que Flores organizava em Buenos Aires. Em 1864, declarava ao mesmo governo que não era indiferente aos fatos que pudessem comprometer a soberania uruguaia. Ofereceu-se também para mediador entre o Brasil e a Banda Oriental. Arreganhava os dentes, assim, ao longe, nas suas selvas impenetráveis, com os canhões de Humaitá fechando o rio.

O governo Uruguaio sentia-se, pois, como se diz vulgarmente, com as costas quentes. Foi o que o perdeu. O presidente Berro, em junho de 1863, rompia denodadamente as relações com a Argentina. O presidente Aguirre, em julho de 1864, fazia malograr a missão Saraiva, recusando uma das condições de pacificação do país propostas pelos

---

(\*) G. Barroso — “O Brasil em face do Prata”.



representantes do Brasil, Inglaterra e Argentina, e aceitas por Flores.

O conselheiro Saraiva retirou-se para Buenos Aires, com ordem do governo imperial para exigir satisfações plenas às nossas reclamações. A 4 de agosto, enviava um ultimatum, que o ministro Carreras devolvia cinco dias depois, considerando indigno da Republica aceitar tal imposição. A 10 foram expedidas ordens às nossas forças de marinha para exercêrem represálias. Tamandaré entrava em cena com instruções para proteger e defender os brasileiros, auxiliar os agentes diplomáticos e consules, atender às suas requisições, fazer estacionar em Salto, Paisandú e Maldonado as canhoneiras necessárias afim de velar devidamente pelos subditos do Imperio, impedindo qualquer violência contra êles, e apoiar a ação das forças de terra.

O grande almirante foi, como Caxias e Porto Alegre, a encarnação palpitante do espírito de brasilidade. Por isso, compreendia e sentia a profunda ogerisa que nos votavam os vizinhos do Prata e, de espírito sempre prevenido, sabia repelir sua insídia, sua inveja e seu despeito. Não podia fazer amigos entre êles. E é seu maior título de glória o ódio que ainda hoje lhe votam.

Nossa legação continuava em Montevidéo a cargo de João Alves Loureiro, apesar da retirada de Saraiva e do ultimatum. Ainda em 25 de agosto nossa esquadra salvou em honra á data da independência uruguaia. O governo imperial esperava sempre um recuo e a continuação da paz. Tamandaré, que ficara como arbitro da situação dêsde que o conselheiro fôra embora para a capi-



tal vizinha, escrevia a êste no dia 20 do citado mês: "Parece-me que, se o governo oriental fizesse um pequeno esforço para ser justo, e reconhecesse a razão que nos assitiu para não abandonar a causa de nossos compatriotas, facil seria caminhar na via ordinária de nossas relações, infelizmente abaladas. Para isto, conviria essencialmente que o dito governo ordenasse a instauração dos processos das reclamações feitas, e mostrasse bôa vontade em fazê-las seguir seu curso normal"

Depois da saída de Saraiva de Montevideú, a figura do almirante projeta-se em toda a luz no primeiro plano. E' êle quem vai agir e resolver tudo. A quem conheça superficialmente a história dêsse agitado período ou se deixe levar pelas cantilenas dos nossos inimigos, pelas catilinárias dos jornais, pelas opiniões de individuos e pelas nénias dos positivistas e dos chamados ibero-americanistas, Tamandaré aparece, então, como um energúmeno, um pirata truculento e parlapação que vocífera, ameaça, se superpõe a todas as conveniências, bombardêa e espuma de raiva.

Tudo isso é falso. Os documentos repelem essas calúnias. O bravo marinheiro cumpriu conscienciosa e limpamente seu dever, manteve intacta a dignidade de sua pátria, não passou por cima de autoridade alguma e só empregou a força quando lhe faltaram todos os outros recursos. Sem dúvida, cometeu alguns erros. Era um homem e não um deus.

Ao princípio, a única exigência que fez ao governo uruguaio por intermedio de nossa legação foi que immobilizasse os vapores de guerra *Villa del Salto* e *General Artigas*, e desarmasse algumas



embarcações miúdas. Medida de prudência militar para evitar qualquer ato determinado pela exaltação de ânimos que pudesse levar à guerra. Os referidos barcos continuariam, porém, com seus tripulantes e bandeiras arvoradas, o que da parte do almirante, como êle proprio escrevia, era “prova significativa do respeito que tributo á soberania do país, reconhecida e garantida pelo meu governo”. Seu proposito exarado em repetidas declarações do proprio punho, não destinadas á publicidade ou aos olhos dos estrangeiros, mas dirigidas ao ministro da marinha e de caráter reservado, se não secreto, era o de “não molestar os habitantes pacíficos e inofensivos dêste país em suas pessoa e bens que tenham em quaisquer embarcações empregadas no grande ou pequeno tráfego de navegação, preferindo antes ter ocasião de prestar-lhes a proteção e auxilio de que carecerem da esquadra brasileira”. Seu grande desejo, o seguinte: “poupar quanto possivel que êste Estado sofra, ainda que de leve, a menor humilhação da parte das forças do meu comando”. Reconhecia ser difficil a situação, “por que a vontade que tenho de proceder para com o dito governo como se estivessemos no estado normal de relações amigáveis é contrariada pelo dever que tenho de fazer represálias para satisfação de nossos concidadãos prejudicados”. E concluia: “Como nas instruções que recebi do sr. conselheiro Saraiva se não marcasse a posição que devia pertencer ao nosso ministro residente, nas questões que se suscitarem com êste Estado, que ficam de ora em diante entregues á minha gestão, manifestei a S. Ex. o proposito em que me achava de me entender sempre



com o governo da República por intermedio dêste, afim de conservar a êsse delegado do governo imperial a consideração que é do nosso desejo dar-lhe, enquanto aqui permanecer”.

Nem truculento, nem ameaçador, nem arbitrário. Os trechos citados elevam o lobo do mar na estima da pátria agradecida. Raro seria o chefe militar que, estando nas suas condições, senhor das aguas do Prata, com um armamento naval consideravel, para a época, á sua disposição, fôsse tão comedido, bem intencionado e cuidadoso até em poupar a menor diminuição a um diplomata de segunda categoria, porque este era mandatário do governo brasileiro e seu decôro mandava considerá-lo como um representante da pátria. Da sinceridade dêsse documento intimo não é licito duvidar e as suas paginas hoje amarelecidas honram a memória de Joaquim Marques Lisboa. Nas instruções que enviava aos seus subordinados, para o caso de serem forçados a exigir qualquer satisfação, bem patente se mostra o espirito de cordialidade, simpatia e serenidade que o animava: “recomendo que faça uma reclamação benevola á autoridade competente antes da ameaça ou do emprêgo da força para obtê-la, atendendo a que lutamos com um Estado fraco e dividido em partidos que se hostilizam em uma longa e desgraçada guerra civil”. E chegava ao ponto de justificar os que praticavam as maiores violências contra nós: “O estado de encarniçamento a que teem fatalmente chegado os espíritos cegos pela luta dos partidos” afugenta “toda a reflexão e justiça do proceder das autoridades para com as pessoas de opiniões opostas...”



Todos êsses documentos destinados a morrer entre quatro paredes, todos de carater eminentemente reservado, coerentes, respirando sinceridade, mostram que êsse era em verdade o seu modo de pensar. Tanto o expunha aos superiores como o recomendava aos subordinados.

Mas Tamandaré ia ser forçado pelos uruguaioes a agir. A proteção de Lopes cegava-os, os ódios gerados no furor das discórdias civis envenenavam-nos. Esqueceram-se as circunstâncias, os homens, os furores do momento, quando o almirante fez o canhão falar; esqueceram-se as suas moderadas intenções, os seus propositos, a sua longaminidade. E só se viu o último ato da tragédia. Foi a impressão que ficou. Errónea. Eivada de calúnia. A história, hoje, tem o dever de capinar essa erva daninha que cresce em volta da memória gloriosa do grande almirante.

Antes da artilharia, a palavra ainda se manifestou. Em 11 de outubro, na nota confidencial do almirante aos agentes diplomáticos estrangeiros acreditados em Montevideo pedia-lhes ordenassem aos comandantes de navios de seus países não conduzissem tropas ou munições dum porto a outro, de maneira que fôsse mantida a neutralidade sem que êle se visse obrigado ao "penoso, mas indeclinavel dever de exercer sobre êles uma vigilância constante, e de apreender aquêles contrabandos de guerra que fôrem encontrados a bordo". Na referida nota assegurava que "os navios que se empregarem exclusivamente em suas operações lícitas encontrarão sempre todo apôio e auxilio das forças navais brasileiras". Tamandaré, não sendo diplomata e nunca tendo exercido mis-



sões dêsse gênero, não entendia das tricas do ofício. Certo, não era muito forte na sua tecnologia e nunca se familiarizara com o chamado direito das gentes. Encarregado de represálias que antecedem o estado de luta armada, falara de “neutralidade” e “contrabando de guerra”. Isto agitou o corpo diplomático, que protestou de público contra o pedido. O almirante justificou-se, não perante os diplomatas, mas perante o nosso governo, com a posição falsa de rompimento e ultimatum em que estava, sem o exército passar a fronteira, e com o carater confidencial de uma nota, que colimava outros fins: “Essa circular ia sondar as verdadeiras intenções dos agentes estrangeiros, cuja resposta, igualmente confidencial, me serviria de norma. Bem sabia eu que não me podia arrogar o direito de vista, nem de apreensão... Com notável surpresa, vejo alguns dias depois publicada, não só ela, embora o seu carater de confidencial, como as respostas que aquêles agentes me dirigiam...”

Sem dúvida, o almirante cometeu erro grave. Fê-lo, porém, em documento reservado. As respostas deviam ser também confidenciais. Esclarecê-lo-iam sem escandalo. A publicação dada pelo corpo diplomático foi uma indelicadeza notável. A propria imprensa platina condenou êsse procedimento, sobretudo porque a nota era amigável e, pode-se dizer, consultiva, não se achando nos seus termos nada que se pudesse tomar como imposição ou ofensa.

Paissandú era o baluarte da resistência dos *blancos*. Comandava-a o coronel Leandro Gómez. Na contenda entre aquêles e os *colorados*, o desti-



no reservara-lhe “o lugar de honra”. Segundo conta Rossi em *Bonbardeo y toma de Paysandú*, ali fôra recrutado violentamente para servir na milícia local o brasileiro José Estevam, peão do salgadoiro de Casa Blanca. Como o capitão-tenente José Maria Piquet, comandante da *Belmonte*, reclamasse ao governador da praça contra o fato, o infeliz recebeu tão terrível surra “en el batallón en donde era obligado a prestar servicios militares que falleció a consecuencia de los golpes recibidos”.

A sete de setembro de 1864, na ocasião em que a bordo de nossas canhoneiras se comemorava a data da independência, o vapor *Villa del Salto*, que as autoridades orientais se tinham negado a desarmar e imobilizar, descia o rio, todo engalanado, e, encontrando-se com a *Jequitinhonha*, despejava-lhe no convés uma descarga de fusilaria. O *Villa del Salto* estivera escondido no porto argentino de Concordia e, nêsse dia, navegava quasi rente á costa entrerriana. Os nossos navios não podiam fazer fogo, pois as balas que nêle não acertassem iriam cair em territorio da Republica Argentina, dando origem a complicações. Perseguiam-no, porem, até dentro do porto de Paissandú, onde sua tripulação o encalhou e incendiou.

Dois dias depois, a divisão da esquadra que vigiava o rio sob o comando do chefe Pereira Pinto achava-se fundeada em frente ao Arroyo Sacra, quando vieram a bordo da *Jequitinhonha* o capitão Cândido Bustamante, secretario do general Flôres, e o capitão Maciel, seu ajudante de ordens, pedir uma conferência em nome do caudilho *colorado*. Pereira Pinto acedeu. Flôres dirigiu-se a



bordo sòzinho, guiado pelo pratico Dugrós, a quem disse que não precisava de escolta para entrar num navio brasileiro. Foi êste o início do entendimento de que resultou o acordo reservado com Tamandaré, datado de 20 de outubro, o qual assegurou a D. Venâncio a proteção eficaz do Brasil e a vitória. Por êle, reconhecia e condenava os atos ofensivos cometidos contra o Império, prometendo dar-lhes em tempo a devida reparação.







## A BOFETADA DE PAISSANDU'

Leandro Gomes entregou o comando da cidade do Salto ao coronel Palomeque e foi preparar a resistência em Paissandú. A 28 de novembro, quando da primeira se aproximaram as forças de Flôres e no seu pôrto fundearam as canhoneiras imperiais *Itajaí* e *Mearim*, houve um simulacro de resistência; "mas um obús de 12 e um foguete de guerra tiraram essa veleidade aos sitiados", diz singelamente Jourdan. Em verdade, o esforço dos que atacavam foi muito pequeno ou, melhor, a resistência dos que defendiam foi nula. O general uruguaio D. Ramon de Tezanos, que presenciou sua rendição, conta que Palomeque, ao entregar-se veio enrolado na bandeira oriental, considerando-se assim "más a cubierto de alguna agresion que imaginó pudiera llevarse hacia su persona".

Após a tomada do Salto, "as forças brasileiras desembarcaram no Arroyo Sacra para cooperar com o exército de Flôres no ataque a Paissandú. As lanchas da esquadra abicaram á praia sem serem incomodadas pelos inimigos e despejaram tranquilamente os contingentes enviados por Tamandaré. Primeiramente, os duzentos soldados do 1.º batalhão de infantaria de linha comandados



pelo bravo capitão Francisco Maria dos Guimarães Peixoto. Depois, cem imperiais marinheiros e cem fuzileiros navais ás ordens do primeiro-tenente de marinha Francisco José de Freitas. E mais: tres peças de doze mandadas pelo primeiro-tenente Antonio da Silva Teixeira e uma estativa de foguetes de guerra a cargo do segundo-tenente Miguel Antonio Pestana.

Guimarães Peixoto assumiu a chefia dêsse pequeno destacamento e marchou pela margem do rio contra o baluarte uruguaio, guarnecido por perto de dois mil homens com quinze bôcas de fogo colocadas em ótimas posições. Ao mesmo tempo, do Arroyo Sacra, onde acampava, Flôres pôs-se tambem em movimento contra Paissandú, com os seus seiscentos gaúchos montados e a pé, seus sete canhões e os cento e sessenta voluntários brasileiros de Bonifácio Machado (\*)."

As duas colunas marcharam afastadas e a guarnição da praça não soube aproveitar-se disso para uma sortida que impedisse sua junção, de maneira que, ao nascer do sol de 5 de dezembro, defrontavam os entrincheiramentos inimigos, collocavam suas baterias e rompiam fogo. Depois, carregaram aquelas posições a baioneta, destemerosa e audaciosamente. "Um batalhão de Leandro Gomes, que havia saído do entrincheiramento ao encontro dos assaltantes, atemorizado pelo fogo vivo de nossa artilharia e atiradores, bem como pela rapidez da carga, correu e recolheu-se ás trincheiras" (\*). Os brasileiros perquiram-no,

---

(\*) G. Barroso — "A guerra do Flôres".

(\*) Jourdan — "Historia das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai".



transpondo grande espaço de terreno desabrigado até que se acobertaram com algumas casas. Deram com um muro eivado de seteiras, por trás do qual os infantes orientais tiroteavam. Os canhões da esquadra intervieram, porém, e afugentaram aquêles defensores. Transposto o muro, os atacantes enfiaram por uma rua, de cujas casas choviam balas. Tamandaré desembarcou pessoalmente com os refôrços que conseguiu reunir sem desfaltar as reduzidas guarnições dos navios: mais ou menos cem marinheiros.

O combate durava, sem treguas, desde sete horas. A's tres da tarde, faltaram munições. Tripulações e tropas de desembarque caíam de fadiga. Suspendeu-se o avanço, guardando-se as posições conquistadas. Anoiteceu sob um véu de silêncio, rasgado a espaços pelo gemer lento dos feridos e o grito de alerta das sentinelas.

Ao clarear da manhã, no baluarte da cidade que defrontava a bateria do tenente Teixeira de Freitas, surgia, arvorada numa vara, a cabeça decapada dum pequeno tambor da canhoneira *Ivaí*, que se extraviára durante o combate e fôra aprisionado pelos uruguaio! Nessa mesma noite, Leandro Gomes fizera também degolar com requintes bárbaros quarenta prisioneiros do exército de Venancio Flôres! (\*).

Tamandaré intimou a rendição sob pena de bombardeio, no dia 6 de dezembro. Leandro Gomes repeliu-a. Então, comunicou aos comandantes das canhoneiras inglesa, espanhola e sarda, que

---

(\*) Jourdan — "Historia das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai" e G. Barroso — "A guerra do Flôres".



se encontravam no porto, que ia iniciar essa operação. Responderam-lhe que a impediriam, porque não podia ser efetuada, de acôrdo com as regras de direito internacional, antes de declarada a guerra. O almirante tinha na mão respeitável força naval e sua paciência estava esgotada. Desde Montevidéo que diplomatas e agentes estrangeiros procuravam entrar-lhe a ação. Foi desabrido na réplica: "tenho canhões para terra e para quem ousar se opôr às minhas operações". O comandante inglês da *Dotterel* desculpou-se com a ignorância da lingua que lhe não permitia exprimir-se com acerto e retirou a nota. Os outros seguiram-lhe o exemplo.

Enquanto a esquadra, no dia 7 e 8, depois de esgotado o prazo para a evacuação das famílias, crivava de bombas de 68 as posições inimigas e o casario da cidade, causando-lhes grandes estragos, marujos e infantes iam avançando pelas ruas sob vivíssimos tiroteios. A resistência era tenaz, desesperada, e tinha a decuplicar-lhe a intensidade o valor e a situação dos defensores. Além disso, a nossa tropa de desembarque, pequena, a cada habitação de que se apoderava e que lhe custava muito sangue, via diminuir seu efetivo. De acôrdo com Flôres, Tamandaré resolveu interromper o combate, esperando o exército que João Propício Mena Barreto organizara no Rio Grande com dificuldade e trazia pelas coxilhas uruguaias.

Durante uma semana, os sitiados não se atravaram a uma sortida. No dia 15, chegava a brigada de cavalaria do general Neto, vanguarda das forças imperais. "Soube-se, então, que o presidente Aguirre, no intuito de fazer levantar o cerco de



Paissandú, havia ordenado ao general Juan Saa à frente de tres mil homens e quatro bôcas de fogo seguisse a atacar nossas forças. Foi resolvido imediatamente que marchassem contra aquêle corpo de exército o general Flôres com dois mil e quatrocentos homens, seguido dos mil e duzentos voluntários de Neto, e trezentos e vinte marinheiros e soldados do 1.º batalhão de infantaria ao mando do major Corrêa da Camara. Sabedor dêsse movimento, Juan Saa, o *Lança Sêca*, como era conhecido, pôs-se em retirada, tornando a passar o Rio Negro, e os sitiantes voltaram ao cêrco de Paissandú no dia 25 (\*)”.

Na tarde de 29 de dezembro, chegava o general João Propicio com cinco mil e setecentos soldados, e doze peças de campanha.

O ataque a Paisandú começou no dia 31 de dezembro, às sete e meia da manhã. Tamandaré, a bordo da *Araguai*, deu o sinal. Os canhões de toda a esquadra romperam o fogo. As colunas de infantaria e marinheiros marcharam com entusiasmo contra as posições uruguaias. Cornetas e tambores tocaram. Desfraldaram-se as bandeiras. Começou o tiroteio mortal das ruas e a conquista das casas uma por uma. Durou cincoenta e duas horas essa luta formidavel, choques de batalhões e companhias, entremeados de pugnas corpo a corpo, que lembra às vezes, na sua violência e no seu encarniçamento, a defesa de Palafox em Saragoça.

A's oito da manhã de 2 de Janeiro de 1865, os sitiados renderam-se, reduzidos a uns setecentos homens, quasi a metade.

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



Conquistámos a artilharia e as bandeiras, logo entregues ao general Flôres.

Uma que se guardou como lembrança foi, mais tarde a pedido de D. André Lamas, restituída ao governo oriental. Não conservamos nenhum dos troféus que nos custaram tanto sangue.

Aprisionado pelo tenente-coronel riograndense Oliveira Belo, Leandro Gomes, bravo defensor de Paissandú, preferiu por sua livre e espontanea vontade constituir-se prisioneiro de seus patricios. O ódio ao Brasil cegava-o tanto, que esqueceu o das contendas civis em que era parte, mais terrível e sempre mortal. Schneider narra que, desanimado, nas últimas horas da peleja se preparara para fugir, mandando "raspar a barba e trocando a farda de coronel oriental pela de cavaleiro gaúcho". E'co das notícias correntes na época. Theodore Fix escreve que "nêsse estado foi feito prisioneiro dentro duma casa, pelos soldados brasileiros". Além dos sentimentos hostís que o animavam contra nós, devia ter também influenciado seu espírito para tão malfadada resolução o receio de represálias cruéis de nossa parte pelo que havia praticado contra patricios nosso indefesos, surrando José Estevam até que morresse e degolando o tamborzinho da *Ivaí*.

"Leandro Gomes — afirma o conceituoso Jourdan — aprisionado durante o assalto, *quando procurava fugir disfarçado* (\*), foi levado á presença do tenente-coronel André de Oliveira Belo, chefe do estado maior de Mena Barreto. Estava presente o coronel oriental Goyo Suarez, que o reclamou como prisioneiro. Leandro Gomes ma-

---

(\*) O grifo é meu. — G. B.



nifestou, então, ao coronel Belo, que preferia ser prisioneiro dos seus compatriotas a sê-lo dos brasileiros. O coronel Belo entregou-o a Goyo Suárez, que o levou e o mandou fuzilar pouco depois com mais quatro oficiais". Pablo Dugrós, práctico do rio Uruguai, que servia na nossa esquadra, o general oriental D. Ramon de Tezanos, então oficial subalterno, D. Ildefonso Fernandez Garcia, ajudante de ordens do coronel Azambuja, companheiro na defesa de Paissandú e na morte do comandante da praça, D. Mario Perez, antigo blander do regimento de Artigas, testemunhas e partes na tragédia daquêle dia, são acordes em afirmar que Leandro Gomes foi fuzilado por ordem de Goyo Suarez, executada a triste tarefa pelo major Belén, oficial de sua inteira confiança. Os comentadores de Mastermann, Schneider, Rio Branco, Juansilvano Godoi, Moreira de Azevedo e outros historiadores asseguram a veracidade do fato.

Esse crime provinha do morticínio de Quinteros feito pelos *blancos*, hoje vencidos, contra os *colorados*, agora vencedores. Era o preço do sangue. Uma vindicta á maneira corsa. O talião inexoravel das lutas civís. "Parece que anos antes, cuando Quinteros, los blancos habiam cometido um acto de inhumanidad con su senora madre, hecho que jamás aquel olvidó", revela o general Tezanos no livro de Rossi sobre Paissandú. Nas páginas da mesma obra, D. Carolina Umpierrez de Suárez, viuva do coronel Goyo, declara ter ouvido de seu marido que sua mãe, naquela jornada de sangue, fôra atada a uma estaca do rancho que habitava e queimada viva. Os prácticos Dugrós e Etchebarne testemunharam que a Ta-



mandaré e Flôres Goyo Suárez disséra: “El general Gomez habia consentido que con mi madre y mis hermanos se cometieram actos reprochables. Tenia hondos agravios que vengar”.

O *Boletín oficial* de Flôres sobre os sucessos de Paissandú dá aos *colorados* a inteira responsabilidade dêsse fusilamento e reconhece a humanidade de nossos chefes em relação aos prisioneiros: “Fué entonces cuando nuestros infantes se apoderaron de Don Leandro Gomez, del capitán Frederico Fernandez, del comandante Juan M. Braga y de un teniente Acuna, los cuales fueron fusilados en el acto. El resto de los jefes y oficiales de la guarnición se han salvado debido a la magnanimidad del general em jefe y a los sobrehumanos esfuerzos del señor mariscal Mena Barreto y del señor baron Tamandaré, quienes por su propria mano y haciendo uso de su autoridad de jefes, consiguieron acalmar el furor de nuestros soldados”. E’ conveniente notar que o *furor* não era dos soldados brasileiros, porém dos soldados uruguaioes vencedores.

Dando conta, reservadamente, ao governo imperial do lamentavel acontecimento, o almirante exprimiu-se desta maneira: “Leandro Gomes foi aprisionado pelo coronel Belo, que o entregou ao coronel oriental Goyo Suárez, em virtude de reclamá-lo êste em nome do general em chefe (*Flôres*) e preferir aquêle seguí-lo. Daí a poucos momentos eramos informados daquelle fato, e de que o general Leandro Gomes com dois ou três officiais, tinham sido fuzilados. Não pude conter a indignação que se apoderou de mim, por vêr manchar assim uma esplêndida vitória. Grande era a



afronta que tínhamos a vingar, inúmeros os insultos que o Brasil e os brasileiros sofreram dêste homem; contudo eu queria que sua vida fosse respeitada, como havia positivamente recomendado com uma solicitude que não disfarçava. Mas a fatalidade o impeliu a seu destino, fazendo-o, pelo seu orgulho, deixar a proteção da bandeira brasileira, sem se recordar de que os ódios políticos são sempre mais cruéis que os nacionais”.

O visconde do Rio Branco, então nosso plenipotenciário, comunicou a mesma cousa por sua parte. Respondeu-lhe o ministro de estrangeiros Dias Vieira, em 22 de janeiro, cientificando-o de que o governo imperial julgava conveniente solicitasse do general Flôres “a punição de Goyo Suárez e dos outros subordinados do mesmo general que concorreram para levar a efeito semelhante atentado, que tanto deslustra a vitória que obtivemos em Paissandú”. Tamandaré, furioso, pôs em liberdade sob palavra noventa e sete oficiais aprisionados por nós, exprobrou pessoalmente a Goyo Suárez a sua conduta e, com João Propício, reclamou o castigo dos culpados. Apesar do seu valimento junto a D. Venancio, o coronel Goyo, ou melhor Gregorio Suárez, foi afastado. Graças á intervenção do coronel Régules, homem de grande prestígio entre os *colorados*, Belén escapou ao fuzilamento, sendo, porém, expulso do exército uruguaio. “O assassinio de Leandro Gomes é, pois, um ato de barbarie platina, condenado pela civilização brasileira. Praticaram-no os orientais e, desde os primeiros dias, os nossos documentos o profiligam com energia (\*)”. O que não exclúe a justiça

---

(\*) G. Barroso — “O Brasil em face do Prata”,



da opinião do visconde do Rio Branco de que, se elle não devia ter sido fuzilado daquelle modo, o poderia ser regularmente, após o necessário conselho de guerra, pelo que patiou, degolando prisioneiros *colorados* e brasileiros, expondo "as cabeças ainda quentes" sobre as trincheiras!

Entretanto, houve quem, naquêl tempo, accusasse os brasileiros e até nominalmente o almirante do assassinio do chefe prisioneiro. Ainda hoje ha Galvez e Carlos Pereyra para repetirem a calúnia. Aos aborrecimentos que tornavam Tamandaré irascivel juntou-se mais êsse. Os outros eram já de molde a fazer-lhe perder a cabeça. Rio Branco, substituto de Saraiva, como Octaviano, mais tarde, não acertava o passo com elle. Achava erro o ataque a Paissandú, considerando-o "operação secundaria". Tudo se devia cifrar á invasão do exército de Mena Barreto que obrigasse todas as forças de Aguirre a um recuo sobre Montevideo. Destruido o exército *blanco*, o mais se submeteria. O almirante Boiteux justifica tecnicamente a ação do velho marinheiro: "Procedendo como procedeu o almirante Tamandaré apossando-se do baluarte de Paissandú, tomou das mãos do inimigo, para colocar nas nossas, um ponto de apoio admiravel e de vigilancia de toda a fronteira, reconhecido como tal desde as campanhas de 1811 e as que se seguiram. Onde poderia a nossa esquadra fazer uma base de operações no estuario do Prata e estabelecer, assim, pelo Uruguai franca linha de comunicação com o nosso exercito? Haja visto o acontecido, em 1823, e em 1827, com o desastre do Juncal! Tamandaré, que foi parte na luta desde 1826 a 1828, na propria arena estudou o proble-



ma. Olhava-se a guerra que ia ser iniciada por um só prisma, o terrestre, deixando-se de parte o principal, que era a marinha. A tomada de Paissandú foi um audacioso golpe estrategico que abriu as portas de Montevideo ás nossas mesquinhas forças. A visão militar do marinheiro ilustre salvou a nossa honra. Sem o pôrto de Montevideo para base de operações qual teria sido o resultado da campanha? Para ter Montevideo, era preciso antes uma das chaves mesopotâmicas do Prata, que era Paissandú. Preparou êle, com a tomada desta praça, embora cometendo uma falta, qual a de assediá-la com pouca força de ataque, contando sem duvida com os canhões de seus navios, o predomínio naval, portanto, o terrestre, sem o qual desapareceria o nosso prestígio perante as repúblicas do Prata...”

Rio Branco oficiava a Marques Lisboa que se achava autorizado pelo governo imperial a modificar “algumas das suas disposições anteriores” e, depois, que considerava o primeiro ataque de Paissandú uma derrota moral. O lobo do mar retrucava com a sua franqueza selvagem e a sua rispidez habitual em casos tais; que não devia nem de leve acreditar pudesse ser “mero agente secundário” do diplomata, pelo respeito a si proprio e pela dignidade de sua classe; que “não carecia de assessor”; e que dos atos da guerra só êle era juiz e executor. Em 5 de janeiro, Paranhos avistou-se com o almirante e procurou dissipar essa divergência. Ela, continuou, porém, talvez um pouco atenuada.

A 12, o exército chegava a Fray Bento. A 14, a infantaria embarcava e ia desembarcar em Santa



Lúcia, para onde haviam seguido a artilharia e a cavalaria. Depois, avançava sobre Montevideó, onde campeava á solta” a mais desbragdaa demagogia de que ha noticia na America. Suas colunas de batalhões desenvolviam-se em ordem cerrada ao longo do rio. E, nas pradarias vastas dos arredores, galopava a gaúchada uruguaia (\*). A 2 de fevereiro, o almirante notificava o bloqueio á praça e aos almirantes chefes das estações navais estrangeiras. A *Niteroi*, com o pavilhão de Marques Lisbôa a *Jequitinhonha*, a *Belmonte*, a *Parnaíba* e a *Beberibe* estenderam-se em uma linha. A *Amazonas*, a *Araguari*, a *Mearim*, a *Paraense* e a *Araguaia* em outra, mais próxima de terra. A *Ivai*, junto à Barraca do Mar, em frente ao quartel de Bastarrica. Oito mil brasileiros das tres armas e a gaúchada da cruzada libertadora de Flôres investiam a capital pelo lado da terra. João Saá comandava a guarnição. Nas ruas, em poder da canalha, as bandeiras imperiais eram arrastadas pela lama e os tratados queimados. Nêsses autos-da fé fôram os mais exaltados os oficiais libertados em Paissandú. A Junta de Salvação Pública sômente praticava atos de rematada loucura. No prazo de quinze dias dado pelo almirante aos que se quisessem retirar da cidade, atravessaram as linhas do cêrco milhares de estrangeiros e civís com suas famílias. Outros acolheram-se a bordo de nossos navios.

Pouco a pouco, os agitadores fôram desaparecendo. Aguirre passou o governo a D. Tomaz Vialba, presidente do senado, e êste pôde celebrar com Paranhos uma suspensão de hostilidades de

---

(\*) G. Barroso — “O Brasil em face do Prata”.



que resultou o convenio de 20 de fevereiro na vila da União. "A assinatura dêsse documento foi precedida da intervenção amistosa de Rafael Ullises Barbolani, ministro da Itália no Uruguai, junto a Tamandaré, Mena Barreto e Flôres, para as treguas necessárias. Firmaram-no o último, Paranhos, e D. Manuel Herrera y Obes. Começava por declarar textualmente: "... evitando-se nova efusão de sangue e novas desgraças entre irmãos e uma nação vizinha, cuja amizade deve ser empenho honroso e grato para ambos os governos". Depois, estatuiu a reconciliação da família oriental, a igualdade política e civil de amigos e inimigos, a punição dos crimes cometidos, a governança provisória do país pelo general Flôres, as eleições, o reconhecimento dos emprêgos e propriedades, o licenciamento e desarmamento dos guarda-nacionais. O governo imperial aprovou a convenção de 20 de fevereiro, mas censurou e demitiu o seu plenipotenciário por julga-la deficiente. Em virtude dêsse acordo, as tropas imperiais e libertadoras ocuparam pacificamente Montevideo (\*).

Era o aniversário da batalha do Passo do Rosário, que os argentinos e uruguaioes chamam de Ituzaingó.

Os entendimentos para essa conclusão haviam ainda mais acirrado a divergência entre o visconde do Rio Branco e o almirante. Esse manifestou-se em particular e de público em "absoluto desacôrdo com o senhor Paranhos, na fórma e substância dêste convenio em que mui pouco se fala no Brasil, sendo êle a principal parte". Os comandantes das estações navais sarda e francesa

---

(\*) G. Barroso — "A guerra do Flôres".



lhe haviam feito proposições de paz, a que êle respondêra claramente que nenhuma seria aceita sem ser nestas bases: entrega da praça, segundo as leis da guerra, satisfação do insulto á bandeira com a prisão, demissão e punição dos culpados, inclusive dos membros do governo que consentiram na prática daquele ato ou dêle participaram, como era notório. Os oficiais estrangeiros deram-lhe razão. Depois dessa conferência e duma outra com o contra-almirante francês, Tamandaré partiu para a vila da União, onde Paranhos negociava o acôrdo. "Fiquei pasmado — confessa ao ministro da Marinha — das bases ajustadas com o senhor Vilalba por intermédio do sr. Barbolani. Sou por demais franco para reprimir o que sinto, e protestei no ato contra um acôrdo com o qual não podia, nem devia combinar, tanto no fundo, como na fôrma; porque êle devia sancionar as reparações que exigimos, e ser firmado como uma capitulação militar com os governos beligerantes. Pelas instruções do governo imperial, me julgava com o direito de só terminar esta questão quando obtivesse plena reparação: infelizmente, reconheci, bem tarde, a posição inferior em que me achava colocado, e que os negócios, tão adeantados por meio das armas, com o sacrifício de nossos bravos, teriam uma solução que muito deixa a desejar a quem só aspira a glória de seu país e a sustentar a honra da bandeira nacional. Tanto mais devia firmemente ter aquela persuasão, porque não via, no Estado Oriental, governo algum junto do qual pudesse haver um enviado extraordinário do Brasil acreditado; porque o reconhecido na praça nos era hostil, e o general Flôres não era mais do que



um chefe militar que se colocara á frente duma revolução". Com um laivo de tristeza, acrescentava: "Enganei-me nêste juízo e bem sinto a situação falsa em que me acho colocado, que é por demais desairosa..." E terminava com serena dignidade: "Nesta circumstancia, não posso prescindir de solicitar a V. Ex. que apresente aos pés do trono de sua majestade imperial o pedido da minha exoneração do comando que exerço, porque assim convem ao serviço público; visto que, para com os almirantes estrangeiros que me julgavam competentemente autorizado para tratar destas questões, fiquei em uma posição bem inconveniente; e, se, para obter esta exoneração, fôr necessario demittir-me do posto honroso e de tudo quanto tenho adquirido em minha longa vida militar, não duvidou fazer êste sacrifício, contanto que salve a dignidade do meu país e a minha propria". Êste documento engrandece a figura do velho marinheiro.

"As informações de Paranhos ao ministério do Exterior narram que, logo ás primeiras trocas de idéas entre os negociadores, na vila da União, notara no almirante gestos de profundo desagrado; que êste declarara deante de Flôres, "o que tornou a ocorrência para mim mais sensível", não lhe reconhecer competência de intervir no ajuste, porque o competente era "o geenral encarregado de fazer a guerra"; que difficilmente o acalmara, procurando provar ter "a direção política da guerra" de acôrdo com seus poderes; que Tamandaré não se deu por vencido nem convencido, máu grado a intervenção amistosa de Flôres e João Propício; que essa desinteligencia intimamente o afetara e *quasi amorteceu o prazer de ver o Brasil*



*livre duma guerra, quando outra já reclamava imperiosamente a sua atenção.* As cenas entre o lobo do mar e o diplomata, sente-se pelo que transudam os documentos devem ter sido bastante violentas, cabendo a parte do leão nas frases trocadas ao gênio assomado do primeiro. Paranhos atribúe claramente essa atitude a um mal entendido pun-donor em vista das notas da imprensa montevidéana que o haviam desafiado a tomar desforço da afronta á bandeira, e, veladamente, ao despeito de se ver em posição inferior ao plenipotenciário. Não tem razão. Na sinceridade do que escreve o almirante e no exame dos fatos se compreende que, se os dois sentimentos acima viviam na sua alma, mais alto grita a sua brasilidade ferida. Ele exigia, como bom brasileiro e como bom soldado, a vitória inteira e definida. A capitulação feita por uma combinação política não lhe convinha, nem à dignidade da pátria, ali tão ofendida sempre. Veterano da campanha de 1826 a 1828, queria a reparação dos ultrajes acumulados, a entrada pelas armas ou pela rendição incondicional em Montevideó, a punição integral dos que haviam arras-tado pela lama o pavilhão auri-everde. Achava uma diminuição que tudo se resolvesse como se não houvera vencidos nem vencedores e que uma simples salva fôsse o único desagravo ás côres da pátria.

Nessa questão, é forçoso confessar que o almirante Tamandaré foi mais brasileiro que o visconde do Rio Branco. O governo imperial deu-lhe tacitamente razão e reconheceu isso quando, de modo quasi acintoso, demitiu Paranhos que aludia á retirada do barão como meio de dirimir a



desinteligencia entre ambos, achando falha a convenção que assinara, e conservou no seu posto de confiança, apesar do pedido formal de demissão, o grande marinheiro.

Na ante-vespera da entrada de nossas tropas em Montevideo, a 18 de fevereiro, o imperador o havia elevado de barão a visconde com grandeza (\*), em reconhecimento dos serviços prestados.

Ao notificar o bloqueio e o ataque da capital do Uruguai aos chefes das estações navais francesa e inglesa ali, Tamandaré teve com êles uma conferência em que se portou com a mesma energia com que repelira os comandantes das canhoneiras estrangeiras em Paissandú, com que replicara aos ofícios do visconde do Rio Branco e com que protestara contra o convenio da União. O contra-almirante francês fez-lhe vêr “os grandes interesses neutros vinculados em Montevideo” e que se os mesmos fôsem ofendidos, “se veria forçado a tomar uma attitude conveniente”. O vice-almirante brasileiro interrompeu-o nêsse ponto.

— Não reconheço aqui ninguém com a competência de erigir-se em meu juiz a respeito do modo por que faça uso do poder que me conferiu o meu governo, no direito que tinha e tem de exercer o rigor da guerra contra Montevideo! Hei de agir livre e independente de qualquer coação que me queiram impôr!

O francês sorriu amarelo e declarou-se contente com a segurança de que seria feito o possível para poupar prejuízos aos bens e pessoas dos estrangeiros. O inglês mostrou-se de acôrdo. Mais

---

(\*) O titulo com grandeza passava de pais a filhos. O titulo simples morria com o titular.



tarde, os comandantes das estações sarda e espanhola conversaram com Tamandaré e não lhe criaram a menor dificuldade. A sua firmeza já havia posto, como se diz, a regra na bôca do saco em relação aos capitães das canhoneiras que reclamaram contra o bombardeio de Paissandú. Ele proprio confessara ao ministro da marinha: “Quiseram vêr se, por meio de intimidações, embarçavam minha ação; reconheceram que marchavam em caminho errado, e já recuarâm de novo”.

Tamandaré prezava muito a sua dignidade pessoal, o decôro do seu cargo e a representação de seu país, que exercia. Decidido a manter êsse conjunto, que era apanágio de sua vida, agia com energia, com autoridade e até com violencia, sem medir as consequencias. Conta-se que, em Paissandú, numa reunião após a tomada da praça a que compareceram os oficiais das canhoneiras européas surtas no pôrto, deixando-se levar pelos boatos que culpavam o velho, glorioso e honrado marinheiro da morte de Leandro Gomes, o comandante do navio espanhól *Val de Rios* negou-se a apertar-lhe a destra com estas palavras:

— Não dou a mão a quem derrama sangue de prisioneiros!

O rubor subiu ás faces do almirante, seus olhos fusilaram, recuou um passo, ergueu a mão e uma bofetada estalou na cara do insolente!



## A TRIPLICE ALIANÇA

Quando o governo paraguaio procurou intervir na questão entre o Brasil e o Uruguai, obedeceu, no fundo, á fatalidade geográfica que o impelia, julgando-se forte, ao imperialismo do Plata no sentido de vir debruçar-se sobre o oceano; e, na fórmula, ás ligações já feitas com a política dos *blancos*. E em fevereiro de 1862, o presidente Berro enviara a Assunção, o ministro Juan José de Herrera, com o fito de obter a aliança de D. Carlos Lopes, pai de Francisco Solano. Êste, apesar da arrogancia de suas atitudes em face da inação ou longanimidade brasileira, negou-se a tanto. Considerava seus vizinhos, Argentina e o Imperio, indignos de confiança, os primeiros “falsos e corrompidos”, os segundos “macacos e cobarde”. Escreveu mesmo que eram êstes os peores inimigos do seu país, o qual estava preparando para enfrentá-los, ainda que se aliassem com seu “macaquismo” aos “anarquistas” de Buenos-Aires (\*).

Os sucessores de Herrera, Lapido em 1863 e Carreras, depois, renovaram as propostas de alian-

---

(\*) Luiz Alberto Herrera — “La diplomacia oriental en el Paraguai”.



ça ofensiva e defensiva, pouco adeantando; mas já em 1864, D. José Vasques Sagastume, lisonjeando Solano Lopes, que sucedeu ao pai, influenciou-o no sentido dos seus desejos e obteve formais promessas de "cooperação e intromissão nas contendas políticas que se agitavam entre o Uruguai, o Brasil e a Argentina". Daí o memorandum a Mitre sobre a proteção prestada a Flôres. Daí o protesto ameaçador de 30 de agosto, entregue ao nosso ministro na capital guaraní, Viana de Lima, declarando que "qualquer ocupação do território oriental por forças imperiais seria considerada *casus belli*, como atentatória ao equilíbrio dos Estados do Prata". Atrás dessa nota, estava um exército organizado e preparado desde 1844, cujo efetivo podia ser calculado em cerca de cem mil homens e uma esquadra apropriada aos seus rios. Daí aquelas palavras de Solano Lopes em discurso pronunciado de público: "O Paraguai não deve consentir por mais tempo que prescindam, como se tem feito, de seu concurso ao agitarem-se nos Estados vizinhos questões internacionais que teem influido, mais ou menos diretamente, para o menoscabo de seus mais caros direitos".

Sagastume aproveitou a oportunidade para insinuar ao tirano, num memorial celebre, que o Brasil, cheio de dissensões, sobretudo no Rio Grande, com uma escravatura facil de se fazer rebelar, não era poder temível; que nenhum outro povo republicano do continente se aliaria ao Império; que Urquiza e Entre Rios ficariam do seu lado; que a mobilização paraguaia e a invasão do território brasileiro de surpresa seriam a morte da monarquia; e que, libertando o Uruguai, Lopes



garantiria o futuro de sua pátria e se cobriria de louros (\*).

Como o governo imperial tivesse dado á intervenção do Paraguai a mesma atenção que ao zumbir duma môsca, Solano Lopes, violando a fé dos tratados e o direito das gentes, aprisionou, em novembro de 1864, o paquete brasileiro *Marquês de Olinda*, em viagem para Mato Grosso, do qual era passageiro o coronel Carneiro de Campos, presidente daquela província. Assoberbado com o caso uruguaio, o Imperio não pôde tomar logo as medidas dessa afronta. Nem dispunha de meios para isos graças á imprevidência de seus estadistas. Começou a preparar-se e, logo que se liquidou a situação criada em Montevideó, pôde fazer frente ao novo, tenaz, perigoso inimigo que se antolhava, esmagando-o, embora após cinco anos de luta.

Dêsde outubro, Tamandaré julgava bem grave a situação. Referindo-se á insólita intervenção diplomática do governo paraguaio, escrevia ao ministro da Marinha, no dia 10 dêsse mês: "Não me cansarei de repetir que, nesta intervenção, como em qualquer outra em que nos tenhamos de haver com qualquer dos Estados do Rio da Prata, não devemos olhar para a questão como reduzida a um só dos tais Estados, mas sim devemos contar com a possibilidade de os termos todos reunidos contra nós". Linguagem da prudência e da previsão ditada pela sua experiência de veterano nas lutas platinas. O que êle não queria foi o que aconteceu: abraçamos-nos á Argentina e libertámos em seis mêses Corrientes, deixando Mato Grosso ocupado quatro anos!

---

(\*) Baez — "Resumen de la Historia del Paraguai".



No seu delírio mavórtico, o Paraguai invadiu o território argentino, afim de atingir nossas fronteiras meridionais. Francisco Otaviano, sucessor de Paranhos como plenipotenciário no Prata, aproveitou êsse erro e fez o tratamento da tríplice aliança, que, se nos trouxe alguma vantagem imediata, nos causou os peores males no futuro. Entretanto, antes de qualquer grande choque militar, já o tirano de Assunção podia considerar-se politicamente vencido. A rendição de Montevideo deu-nos o apoio e a base do Uruguai. A invasão de Corrientes atirou Mitre aos nossos braços. Nossa diplomacia não aproveitou tão bem como devia a oportunidade, porque estávamos militarmente fracos. De maneira que o tratado, feito com alguma antecedência e mal feito, nos sujeitou a certa dependência da Argentina, grandemente prejudicial aos nossos interesses. Ela enriqueceu-se com o nosso ouro, prestando um concurso militar quasi nulo, que lhe serviu para a intriga política e para hoje vangloriar-se.

Tamandaré, mantido no comando em chefe da esquadra, não o viu com bons olhos. Para êle, o Brasil acima de tudo. Data daí a sua divergência com o diplomata, que o não poupou em sua correspondência oficial e privada. Carater inteiriço e cheio de franqueza rude, o almirante jamais poderia viver bem com as hipocrisias, ziguezagues e alicantinas da diplomacia. Os conflitos sucediam-se. A sua presença ao ato solene da assinatura daquêle instrumento não implicava na inteira anuência a todos os seus termos. E, no decorrer dos acontecimentos, mostrou-se muitas vezes des-



gostoso com as lamentáveis situações de fato por êle criadas.

Tendo recebido instruções para subir o Paraná e bloquear o Paraguai, a 10 de abril comunicou aos governos platinos e aos agentes estrangeiros o início das hostilidades. A 14, a primeira divisão da esquadra, capitaneada pela *Jequitinhonha*, em cujo mastro grande flutuava o pavilhão do capitão de mar e guerra Secundino de Gomensoro, movia-se rio acima. A 28, partia o chefe Francisco Manuel Barroso na *Amazonas*, seguido pela *Parnaíba*, pela *Ivaí* e alguns transportes, a assumir o comando das forças em operações, enquanto êle ficava em Montevideo e Buenos Aires resolvendo os múltiplos problemas que dificultavam a nossa ação naval: organizando os fornecimentos, preparando todos os imprescindíveis serviços de retaguarda, auxiliando a solver as dificuldades de ordem política, alojando as tropas que chegavam, estabelecendo, hospitais e depósitos, armazenando o combustível, realizando a hercúlea tarefa de abastecer de homens, material, viveres e munições uma grande esquadra. Ela era a garantia de nossa vitória, porque nos dava o domínio das comunicações e impedia o inimigo de municiar-se. Tinha-se de cuidar carinhosamente de seus meios de vida em águas de navegação difícil, a grande distância das bases, em situação de poder ser engarrafada pela fortificação das margens fluviais, num território conquistado pelo inimigo, no seio de populações pouco simpáticas, senão hostis. Perdida ela, estaria perdida a guerra, que tinha de ser feita às apalpadelas pelo completo desconhecimento topográfico da região onde se ia processar. Os navios não podiam arris-



car-se rio acima sem que a província de Corrientes estivesse livre de inimigos, sem o apoio em terra do exército, o qual devia acompanhá-la passo a passo. Além disso, não se deve esquecer que eram de madeira e rodas, construídos para o mar, com tamanho e calado maiores do que permitiam a estreiteza do curso de água e a sua profundidade.

Todavia, as mofinas da imprensa portenha, montevideana e mesmo carioca duramente o atacavam. Umas criticavam-no por não ter partido logo para o bloqueio na primeira canhoneira. Outras o injuriavam por sua aparente inação militar. Ainda outras insinuavam, que em Buenos Aires e Montevideo, tinha as suas Cápuas e não as queria deixar para sofrer os maus tratos da campanha. Inveja, despeito, injustiça, ódios partidários, tudo desabou sobre ele.

Ora, Tamandaré criado na dura, sadia escola do mar, cruzando na *Niteroi*, combatendo no estuário platino e na Patagônia, dominando revoluções, caçando jacarés no Amazonas, era um homem de "presteza e lucidez", de ação rápida e pronta, de hábitos frugais e de costumes simples que se não entregaria facilmente às delícias do ócio e do luxo, esquecendo a pátria que idolatrava. Dormia comumente sobre um estrado de madeira com travesseiro duro, como nas tarimbas dos alojamentos ou nos catres de prôa. Andava em casa até a mais avançada idade descalço, como no convés dos veleiros. A propósito do primeiro desses hábitos, Artur Azevedo narrou a seguinte anedota, quando ele morreu, no *O Paiz*: "O ilustre marquês de Tamandaré, além de ter sido um grande marinheiro, foi uma das figuras mais originais da



nossa terra. Ninguém aqui ha que nunca o visse de chapéu na mão, fôsse qual fôsse a estação do ano, sempre descoberta a veneranda cabeça que jamais se curvara para as balas do inimigo passassem algumas polegadas mais alto.

—Não tenho medo de trazer a calva á mostra, respondia o velho a sorrir, quando alguém se mostrava receioso de que se resfriasse.

E, falando assim, Tamandaré aludia ao seu invejavel organismo, experimentado na mais rude das profissões, e á moralidade da sua vida impecavel, de uma pureza angelica, de uma correção exemplar (sic).

Contam que, certa noite, achando-se de visita em casa de uma família conhecida, num arrabalde longínquo, desabou aguaceiro tal que inundou ruas e interrompeu a circulação dos carros, de modo que não o deixaram sair e foi obrigado a pernoitar onde estava. Mas, na ocasião de se recolher, vendo que lhe preparavam uma grande cama, com dois colchões, não sei quantos travesseiros e grande luxo de fronhas, côlchas e lençóis, o velho marreiro protestou:

— Não! Não se incomodem! Eu não me utilizo de nada disso! Não ha por aí uma táboa?

— Uma táboa?

— Sim, basta-me uma táboa.

Trouxeram-lhe a táboa de engommar.

— Esta serve?

— Serve, contanto que lhe tirem essa baêta e êsse lençól que a envolvem. Eu só durmo no páu.

E, quando lhe quiseram dar uma almofada para a cabeça:

— Nada! nada! Tragam-me um caixãozinho,



um jogo de dicionários ou uma pedra, que foi o travesseiro de Cesar na véspera de Farsália! Isto é muito mole! (\*)”

Na mesma ocasião, em folhetim, o *Jornal do Comercio* prestava seu depoimento quanto ao primeiro e ao segundo daquêles costumes: “Ha uns dez anos acompanhei uma grande comitiva em digressão pela rêde mineira das linhas férreas da companhia Leopoldina, na qual ia o marquês de Tamandaré. Chegámos á cidade de Presídio ás dez horas da noite, o jantar-ceia prolongou-se até a meia-noite e o marquês foi deitar-se *na táboa* lá pelas duas horas. Eu, que mal dormi, fui para a estação antes das seis. A primeira pessoa que encontrei a passear, rubicunda e frêska como um rabanete, foi... foi o marquês. Saudámo-nos.

— V. Ex. madrugou!

— Não. Dormi umas quatro horas regaladas e já cá tenho o meu banho frio do costume.

— Pois, com o frio que está fazendo e na sua idade, V. Ex. toma banhos frios?!

— Sempre, meu amigo, no mar ou em terra, quer de inverno, quer de verão, nunca dispensei os meus banhos frios.

Era geralmente sabido que o marquês, logo que chegava em casa, se punha a frescata e andava descalço. Um belo dia, um pretendente, portador de uma carta de apresentação, procurou o marquês na sua residência. Não o conhecia. Chegando á porta, viu um velhinho de camisa desabotoada, de casaco e calça de riscado, descalço, a regar umas roseiras.

---

(\*) “Necrologio do almirante Tamandaré”.



— Está em casa o senhor marquês? perguntou-lhe.

— Está, sim senhor.

— Diga-lhe que está aqui um senhor que deseja falar-lhe.

— Será servido; e o velhinho depôs o regador e entrou em casa, para assomar logo á porta e dizer ao pretendente:

— V. S. póde entrar.

O individuo entrou na sala e sentou-se. Momentos depois appareceu-lhe o velhinho, calçado, abotoado, de gravata e, com o melhor dos sorrisos dêste mundo:

— Deseja falar-me? Estou ás suas ordens.

— E' ao senhor marquês que eu desejo falar!!!

— Pois fale, sou todo ouvidos: o marquês sou eu, a menos que não haja em minha casa outro marquês sem eu saber (\*)”

Não podia ser inclinado a Cápuas um homem de vida tão sóbria, simples e pura. O depoimento do almirante barão de Jaceguai é precioso a êsse respeito: “Não era nem podia ser de gôzo e conforto a situação do almirante brasileiro e do seu estado-maior como a maledicência murmurava até em mofinas anónimas no *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro. A resenha dos gravíssimos acontecimentos do ano de 1865 o demonstra para aquêles que souberam haver o govêrno imperial conferido a Tamandaré a direção política da guerra, por ocasião da nomeação do brigadeiro Manuel Luiz Osorio para comandar em chefe o 1.º corpo do nosso exército, ao qual estava cometida a missão de enfrentar o inimigo onde quer que êle se apre-

---

(\*) “Jornal do Comercio” 5-4-1897.



sentasse, no principal teatro da contenda. Para ser justo, cumpre reconhecer que, em nenhuma outra fase de sua gloriosa vida militar o almirante Tamandaré desenvolveu mais superioridade de ânimo, mais devoção de espírito, do que naquela época em que era vítima de pungentes afrontas ao seu imaculado patriotismo e á sua bravura jamais desmentida... A tudo prevê o gênio de Tamandaré: é êle quem fornece os meios de transporte da infantaria e artilharia brasileiras, por agua, pelo Prata e pelo Uruguai, á foz do S. Francisco e, depois, do Dayman, em frente a Concórdia, onde Mitre reúne e disciplina as forças argentinas; êle vai pessoalmente inspecionar a passagem do Uruguai, nêste último ponto, onde operam sua junção as fôrças dos tres Estados provocados pelo déspota paraguaio; ao mesmo tempo, atende solícito e impaciente aos movimentos de Gomensoro, que, ao longo do Paraná, opera pelo flanco do invasor, de combinação com a brigada argentina de Paunero. No meio de tanta labuta e das preocupações correlativas, toma parte nas conferências dos diplomatas que protocolizam a aliança de fato das tres nações sul-americanas, ultrajadas pela insensatez de Solano Lopes; e corresponde-se com o presidente do Rio Grande do Sul, já ameaçado na fronteira do alto Uruguai pelo delírio hostil do inimigo mais gratuito que o destino das nações jamais deparou ao Brasil (\*)”

Assim, enquanto o caluniavam, êle preparava a vitória. Graças ás suas medidas de retaguarda, pôde a esquadra viver e agir. Assumiu o comando

---

(\*) Barão de Jaceguai — “De aspirante a almirante”.



em chefe da esquadra depois que a derrota do Riachuelo afundara as esperanças de Lopes e verificou *in loco* as graves dificuldades do prosseguimento da campanha. Como transpôs as baterias da curva de Humaitá sem navios encouraçados? Insistiu junto ao governo para que os construísse. Praticante, oficial e comandante dos veleiros que sustentaram a honra de nossa bandeira na independência e no Prata, comandara a *D. Afonso*, determinara os planos e dirigira a construção das canhoneiras de rodas, a vapor, que os substituíram, dando-nos o triunfo no Uruguai e no Paraguai, e acabara por indicar o courado para que se cobrisse de glória a terceira marinha do Brasil, sob o fogo da bateria Londres, das peças do Timbó e dos canhões de Angostura. Contemporâneo dos brigues e fragatas, chegou a ver a hélice e a casamata. E a tríplice aliança lhe deve tanto os seus louros militares quanto a Caxias e a Osório.







## A RENDIÇÃO DE URUGUIANA

O domínio das águas é a vitória. Assegurou-a Tamandaré com o bloqueio efetivo do Paraguai, que tolheu o folego aos nossos inimigos e nos deu a livre circulação de tropas e munições. A esquadra garante a nossa retaguarda e é ela quem permite a Paunero, com um dos nossos corpos de 1.<sup>a</sup> linha e a artilharia de Tiburcio, desembarcar em Corrientes e ocupá-la, embora sem se poder manter naquela posição ante os vinte mil paraguaios de Robles.

Em meados de 1865, a situação dos aliados era difícil. O sul de Mato Grosso, invadido, Corrientes, nas mãos do inimigo. Doze mil homens de Estigarribia e Duarte, em marcha sobre o Rio Grande do Sul. Mitre, esforçando-se na Concórdia por ajuntar elementos militares que a nação argentina lhe negava. “Contó con el patriotismo de todo el país e ese patriotismo le faltó” — confessa Manuel Galvez, acrescentando que, em um ano, o exército de linha só lhe dera cento e trinta e tres homens e que os guardas nacionais se revoltavam para não irem combater. Foi preciso ordenar-se ao coronel Acasubi, agente argentino na Europa, que engajassem mercenários espanhóis e italianos. Enquanto



isso, graças às comunicações fluviais e marítimas, à posse do rio e ao número de seus navios, a frota de Tamandaré auxiliava eficazmente a obra de Osório, concentrando o exército imperial. Essa tarefa “não recebe em cheio os refletores da glória e fica sempre numa meia luz de esquecimento. Falta-lhe o brilho das epopéias. Não a apregôam as fanfarras da vitória. Não a saúdam os clarins das cargas gloriosas. Entretanto, ela vale mais do que dez batalhas, porque foi a base de todas as operações e o êxito de toda uma campanha dela dependeu. Foi ela, pois, que Osório teve de realizar, vencendo milhares de tropeços, antes de penetrar de lança em riste no ínvio território inimigo (\*)”.

Nessa fase preparatória da grande campanha, escreve Jaceguai com todas as razões no *De aspirante a almirante*: “Nos dois centros políticos de Buenos Aires e Montevideú, Tamandaré observa de resto, cada dia naturalmente mais perspicaz, como a guerra contra o Paraguai é impopular nas duas repúblicas, nossas aliadas necessárias. Em semelhante situação, trocar a alta missão em que o investia a confiança do governo imperial, de diretor supremo da guerra, pela do comando secundário, por êle mesmo deferido a Barroso, em quem confiava tanto para a ação, como em si mesmo, seria a maior das inépcias. Entretanto, sátiras acerbas ao procedimento do almirante brasileiro eram os temas favoritos da imprensa nos três países aliados”.

---

(\*) G. Barroso — “Osorio — o Centauro dos Pampas”.



A lentidão, a impassibilidade da esquadra eram o *leit motif* diario das mofinas, das picuinhas, dos comentários impressos e de todas as cavaqueações dos estrategistas de cafés e botequins. A opinião achava que as canhoneiras deviam subir o rio, cuspendo fogo para todos os lados, até chegar em Assunção e bombardea-la. Estaria, assim, finda a guerra. Ninguém pensava nas dificuldades da navegação, nos bancos traidores, nos passos artilhados, nas gargantas que podiam ser fortificadas á retaguarda dos navios, nas bases de abastecimento, nos arsenais para concertos, nas baterias de Curupaiti e Humaitá, na impossibilidade duma ação naval sem o necessário acompanhamento das forças de terra. Mais tarde, as tentativas abortadas de engarrafamento em Cuevas, e Mercedes não serviram para emenda dessa crítica imbecil. Ela continuou e continúa hoje ainda, com a velocidade adquirida nas paixões do passado, tanto em livros de historiadores conspícuos como na bôca dos personagens dos romances guerreiros de Galvez.

O almirante Tamandaré tinha, porém, a grave responsabilidade do seu cargo. Era um técnico. Um erro seu poderia comprometer a sorte da campanha, a honra do Império, os destinos do seu país. Fez como a princeza dum conto das *Mil e uma noites* que subiu a montanha magica em busca de tres cousas preciosas sem olhar para trás e sem prestar ouvidos aos insultos que vozes invisiveis lhe atiravam. Antes dela, todos os que haviam tentado a escalada replicaram a essas injurias e se transformaram em pedras. O velho marinheiro olhou para a frente, traçou o seu rumo e não prestou atenção á gritaria dos jornais. E' curioso, po-



rém, que a nenhum dos tres governos aliados tivesse ocorrido aplicar a censura á imprensa durante a campanha. Ninguém pensou nisso e o resultado foi lamentavel. O mais réles foliculário fazia a crítica das operações militares ou afrontava os generais em chefe. As gazetilhas e rodapés se enchiam de correspondencias da guerra, nas quais não se poupavam comentários desairosos aos estados maiores e aos govêrnos, assinados até por oficiais de terra e mar! Não houve estado de sítio no Brasil durante os cinco anos de luta e a nossa sensibilidade nunca se doeu com o fusilamento de um espião...

Sobre a Argentina e o Brasil, Lopes lançou de repente 32 mil homens. Nenhum dos dois, nem os dois unidos tinham com que fazer frente a essa massa. Sobretudo, se ela fôsse bem comandada e dirigida. Felizmente para os atacados, os erros militares do tirano vieram do início. Esse exército saiu do Paraguai dividido já em duas colunas: a de Corrientes, de 20 mil homens, com Robles; a do Rio Grande, de 12, com Estigarribia. Êste ultimo, ao chegar á fronteira do Império, fraciona a sua gente em dois corpos e põe-lhes o rio Uruguai de permeio. Comandando o primeiro, tála e assola a raia gaúcha. Dá a chefia do segundo a Duarte, que caminha em socorro dos blancos do Uruguai.

No dia 11 de junho, enquanto os guaraníes fardados de vermelho pisam o nosso território, em S. Borja, o chefe Barroso derrota a esquadra paraguaia no Riachuelo. Nove navios imperiais com 59 canhões e 2.287 homens recebem o ataque de oito navios e seis chatas com 47 canhões e 2.500 homens, auxiliados da barranca do rio por 22 ca-



nhões e uns dois mil fuzileiros de Brúguez. Combateu-se bravamente até quasi escurecer. “Resultado da batalha: o chefe paraguaio Meza mortalmente ferido; os comandantes paraguaios Robles, Alcaráz e Ortiz, mortos; tres navios tomados com suas bandeiras; todas as chatas destruidas; 1.500 homens fóra de combate; os navios paraguaios restantes fugindo rio acima, uns a reboque dos outros, perseguidos até cair a noite pela *Araguari*, comandada pelo bravo barão de Tefé. E o poder naval do Paraguai para sempre liquidado (\*)” Na opinião de Osório, a marinha salvara ali a causa da aliança. Declarou-o uma feita, pessoalmente, ao visconde de Tamandaré. E quando suas tropas, marchando para Corrientes, tiveram de transpôr o Riachuelo, mandou pedir permissão para isso ao chefe Barroso (\*\*).

“A invasão do Rio Grande punha em relevo a previdência de Tamandaré, ocupando a posição de onde mais prontamente poderia punir a audácia do invasor. Os resultados da batalha do Riachuelo evidenciaram o acerto da escolha de Barroso para comandar as divisões avançadas da esquadra operando no rio Paraná. Seguiu-se o progresso da incursão da coluna paraguaia ao longo da nossa fronteira do Rio Grande e as passagens de Mercedes e Cuevas, no Paraná. Não se concebe atividade maior e mais fecunda que a desenvolvida por Tamandaré dêsde o momento em que tem ciência de haver uma divisão paraguaia transposto o alto Uruguai e penetrado no sólo sagrado do Rio Grande do Sul e, todavia, o Salto Grande do Uruguai

---

(\*) G. Barroso — “O Brasil em face do Prata”.

(\*\*) F. Osorio — “Historia do general Osorio”.



está intransponível, devido á baixa do rio. Mas éle espreita o movimento das águas e, na primeira oportunidade, vence o temível óbice natural com o pequeno e frágil 11 de junho, o vaporzinho *Iniciador*, construído em Buenos Aires, e por éle logo adquirido para o nosso serviço (\*)”.

A 10 de junho, os paraguaios atravessaram o Uruguai no passo de S. Borja. Era a vanguarda de Estigarribia ao mando do major José Lopes, com quatro peças. Os oitocentos voluntarios e guardas nacionais de João Manuel Mena Barreto contiveram-nos até a noite, dando tempo a que a população evacuasse a cidade. A 11, a coluna inimiga acaba de passar o rio e a 12 entra em S. Borja, que saqueia. A 19, marcha sobre Itaquí. A 26, fere-se o combate de Botuí. A vanguarda dos invasores, ainda comandada pelo major Lopes, é atacada pelos guardas nacionais dos coroneis Antonio Fernandes Lima e Sezefredo de Mesquita, e derrotada. Salva-se, atravessando um pantanal; mas deixa em nossas mãos duas bandeiras e quatrocentos corpos deitados na macéga. Em julho, o imperador chega ao Rio Grande, os generais Caldwell e Canabarro reúnem já forças consideraveis, a coluna invasora vê-se perseguida e atacada por todos os lados, e o tenente Floriano Peixoto arma o rebocador *Uruguai* e dois lanchões, com os quais totalmente impede as comunicações entre Estigarribia e Duarte através do rio.

A 17 de agosto, o segundo é envolvido e esmagado pela vanguarda do exército aliado sob o comando de Venâncio Flôres, composta de orientais, dos argentinos de Paunero e dos brasileiros de

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



Coelho Kelly. Com o flanco desamparado sobre o rio e o outro ameaçado pelas concentrações que se faziam em todo o Rio Grande, afastado da sua base de operações, as comunicações com Robles e o Paraguai cortadas, perdido o domínio das águas, Esitgarríbia meteu-se em Uruguaiana e ali se fortificou. Deante dessa vila, a 21 de agosto, o general Manuel Marques de Sousa, conde de Porto Alegre, assumiu o comando do exército brasileiro que situava o invasor. No mesmo dia, mandado por seu primo Joaquim Marques Lesbôa, visconde de Tamandaré, chegava ali o capitão de fragata Lomba com os vapores *Taquari*, *Tamandaré*, *Uruguai* e duas chatas para completar o assédio e transportar as tropas necessárias. Flôres iniciou também a travessia do rio com a sua gente.

O general Mitre e o conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro da guerra do Brasil, chegam ao acampamento de Uruguaiana a 10 de setembro. O primeiro foi trazido pelo almirante, que, já a 31 de agosto, viera no 11 de junho ao passo de los Libres, onde conferenciara com os generais em chefe, voltando á Concordia para trazer mais infantaria. A 12, chega D. Pedro II, com o conde d'Eu, o duque de Saxe e seus ajudantes de campo — Caxias e Itapagipe.

Houve desinteligências entre os generais aliados sobre o exercício do comando em chefe em frente a Uruguaiana. Mitre entendeu de exercê-lo quando a letra do tratado mandava que coubesse ao general da nação em cujo território se estivessem processando as operações.

Ora, ali os paraguaios haviam sido cercados pelos soldados de Caldwell, Canabarro e Marques



de Souza, e o território era brasileiro. Mitre lançou mão dum subterfúgio: comandante em chefe do exército cuja vanguarda batera o inimigo em Jataí e viera em sua perseguição, assistia-lhe continuar no mando.

D. Venâncio Flôres lançara mão do mesmo raciocínio. Porém topou á sua frente “o conde de Porto Alegre e Tamandaré, duas sentinelas da brasilidade, duas energias, duas vontades contra os quais não poderia ser vencedora a apatia proverbial do *hombre de las frases* (\*)”. No insuspeito dizer de O’Leary, cabeça do lopismo e nosso inimigo, Marques de Souza replicou ao presidente argentino *con su proverbial altivez*. E a ação de ambos impediu que Mitre exercesse o tão desejado comando.

Todos os documentos sobre o cêrco de Uruguaiana — intimações, projetos de convenios, planos, ata de rendição — trazem as firmas dos nossos chefes e nenhum tem a assinatura do general argentino. Schneider, Rio Branco, Joaquim Nabuco, Pereira Pinto expõem claramente esta questão e demonstram á saciedade que Mitre não teve o comando, como queria. Angelo Moniz da Silva Ferraz, no discurso que renunciou na Camara a 13 de abril de 1866, declarou categoricamente: “O comando do exército não foi exercido por nenhum general estrangeiro!”

Tamandaré, *con su empeño tenaz y fuerte amor proprio*, foi o apoio de Porto Alegre nessa grave questão. Já em 1.º de setembro, tinha havido uma discussão desagradavel entre êles e Flôres, conta

---

(\*) G. Barroso — “O Brasil em face do Prata”.



Jourdan, porque êste mandara um recado a Marques de Souza para avançar o seu acampamento. O último declarou não lhe reconhecer autoridade para dar-lhe ordens. O uruguaio ameaçou abandoná-los e voltar á margem direita, deixando-os sós com os paraguaios. Porto Alegre disse-lhe que iso era fanfarronada e nada mais, pois não precisava de auxilio estranho para levar a cabo a sua empresa. Tamandaré foi mais violento: “dijo que tenia los cañones de sus buques para impedir esa operación (\*)”.

A 14 de setembro, “reuniram-se a bordo do vapor 11 de *junho*, em conselho, os tres chefes de Estado e seus generais e decidiu-se que o general Mitre não podia assumir o comando em território do Brasil e que as operações militares ficariam a cargo de Flôres, Paunero e Porto Alegre, sem que um estivesse subordinado a outro, deliberando-se por mútuo acôrdo (\*\*). A 18 de setembro, a praça rendia-se. Mais de cinco mil e quinhentos homens entregaram 7 bandeiras e 6 canhões a um pouco mais de dezesete mil homens, dos quais 12.393 brasileiros. Uma esquadilha cruzava no rio. “Compunha-se de 5 vapores e 2 chatas: nela estava o almirante Tamandaré, comandante em chefe da esquadra em operações (\*\*\*)”.

Por êsse tempo, começava já a organizar-se a terceira esquadra do Império; a couraçada, que êle proprio sugerira e encomendara como a única

---

(\*) Seeber — “Cartas sobre la guerra del Paraguay”.

(\*\*) G. Barroso — “A guerra do Lopez”.

(\*\*\*) Rio Branco — “Efemérides”.



capaz de suportar o fogo dos fortes inimigos, passar Humaitá e levar a guerra ao coração do Paraguai. Tres meses antes da rendição de Uruguaiana, a 23 de junho, era lançado ao mar dos estaleiros do Arsenal de Marinha da Côrte o primeiro navio encouraçado construido na America do Sul, que recebeu o nome já por demais glorioso de *Tamandaré*.



## A INVASÃO DO PARAGUAI

O primeiro período da campanha do Paraguai é duro para o almirante. Os jornais, a opinião pública, os proprios chefes aliados querem que a esquadra avance e prepare o caminho. Tamandaré tem de resistir a essas forças todas, porque sabe que seus navios de madeira não podem ser expostos á artilharia pesada e raiada das fortificações paraguaias, senão quando de absoluta e indispensavel necessidade. Arriscá-los é perdê-los. Perdê-los é sofrer um grande golpe moral e sacrificar a sorte da guerra. E, quando, transpõdo o rio, as partidas paraguaias surpreendiam e derrotavam os guardas nacionais de Buenos Aires, chacinando-os, a culpa dêsses revêzes era atribuida á esquadra, que não vigiava as águas como devia e não alimpava de inimigos os territórios marginaes.

Os tres chefes aliados: Osório, Mitre e Flôres haviam-se reunido em Cuenca no dia 20 de outubro. A 23, a vanguarda de Cáceres entrava em Corrientes evacuada e a 25 a nossa esquadra ancorava no seu pôrto. As divisões imperiais acamparam na Laguna Brava. As fôrças de Flôres, das quais fazia parte a brigada brasileira de Coelho Kelly bivacaram em Itatí. Robles fôra demitido,



preso e substituído pelo general Resquin, que recuara diante das forças da triplíce aliança, recolhendo-se ao Paraguai, onde Lopes concentrava seu exército no Passo da Pátria, ao norte da fortaleza do Itapirú, na ponta do território onde se encontram as águas dos dois grandes rios que o limitam.

Em novembro, Tamandaré encontrava-se em Montevideo e, no dia 24, datava de bordo da corveta *Recife* um ofício ao ministro da Guerra, no qual expunha com a maior clareza e o mais largo sentimento de brasilidade o que pensava da cooperação argentina nas operações. Recordava a "posição que quis assumir Mitre em Uruguiana" para calcular o que a sua vaidade exigirá agora em frente dos exércitos aliados." Despia de *ambages* e sofismas o seu pensamento: "Tudo revela que sua idéa é nulificar completamente os generais brasileiros e converter o nosso grande exército em parte integrante do argentino, no qual mande absolutamente, como manda neste. Uma prova mais, além de outras, se acha na ordem do dia de seu chefe de estado-maior, apresentando-o como general em chefe em frente a Uruguiana. Seria um absurdo e uma indignidade monstruosa sujeitarmos nossas forças duma maneira tão completa a um general estrangeiro que não póde nem deve dispor do sangue brasileiro e de nossos recursos a seu arbítrio." Nesse notável documento, o velho marinheiro mostra todos os meios já postos em prática por Mitre para ir-se apoderando de toda a direção da guerra, aponta seus passos junto a Barroso e Osorio nesse sentido e lembra as consequências possíveis dum conflito originado nessa pretensão.



Pede poderes para um entendimento amplo com Osório, afim de impedir o domínio de Mitre e afim de que, tendo superiodidade de meios, não nos devamos ater a um papel secundário.

As apreensões de Tamandaré eram justissimas, suas sugestões lógicas e do seu ofício se depreende como foi grave o erro de Otaviano no tratado de aliança, sugeitando-nos ao mando do estrangeiro.

A 21 de fevereiro de 1866, Joaquim Marques Lisboa assumia em Corrientes o comando em chefe da esquadra e a 25 reunia-se o primeiro conselho de generais para resolver qual o ponto do território inimigo por onde se efetuaría a invasão. Mitre e Osorio julgaram que a passagem do Paraná deveria ser feita em Itati, que tinha a conveniência de ficar entre o Passo da Pátria e Itapuan. Lembraram, para isso, a vinda do corpo do exército do barão de Porto Alegre, acampado em Uruguaiana, que conquistara, o qual ameaçaria o segundo desses pontos, podendo, em caso de necessidade, atravessar o rio e avançar para Assunção pela estrada de Vila Rica. Lopes seria obrigado a correr em defesa de sua capital. Enquanto isso, o exército desembarcaria em Itati, tendo como objetivo Humaitá. Depois, penetraria em cheio no território da República.

Tamandaré opinou contra, dando como mais apropriado para a passagem do rio o Passo da Pátria. Flôres aprovou-o. Tínhamos como base a provincia de Corrientes e naquela ponta, tomado o Itapirú, ficaríamos com os flancos defendidos pelos dois rios sob o domínio da esquadra. Osorio não era muito favoravel á invasão por aquêlê lu-



gar, “porque entendia que das trincheiras do campo inimigo á margem do rio não havia espaço que o exército occupasse, podendo sustentar a cavalaria e animais de artilharia e bagagem, que deviam por isso inutilizar-se antes de concluida a passagem do exército (\*).”

Fizeram-se tres explorações da região e o almirante apresentou um esboço do terreno, afirmando que efetuaria o transporte do exército e seu desembarque sem a perda dum homem. Cumpriu efetivamente a promessa e realizou essa operação com a maior segurança e habilidade. Hoje a esqueceram, porém é um de seus mais belos títulos de glória. Já em Corrientes flutuavam algumas balsas mandadas fazer pelo general Mitre para condução de tropas e cavalhadas. Tamandaré verificou que eram imprestáveis por demasiado pequenas e fez preparar outras. A 17 de março, a esquadra reconhecia as aguas paraguaias do Paraná. O veterano da independência e da Cisplatina comandava, então, “a força naval mais imponente, que já se constituiria na America do Sul (\*\*).” Ele que capitaneára os veleiros de guerra cobertos de pano via agora, rompendo a marcha da sua frota, os pesados encouraçados com a artilharia protegida em casamatas. Eram quatro com peças de 68, 70, 120 e 150: *Tamandaré, Barroso, Baía e Brasil*. Seguiam-se-lhes as canhoneiras de rodas, vencedoras de Cuevas, Mercedes e Riachuelo: *Parnaíba, Belmonte, Beberibe, Araguari, Itajai, Magé, Ivaí, Mearim, Araguaí, Iguatemi, Ipiranga,*

---

(\*) Fernando Osorio — “Historia do General Osorio”.

(\*\*) Ouro Preto — “A marinha de outróra”.



*Greenhalg* e *Henrique Martins*. Depois, os avisos a vapor: *Chuí*, 11 de junho, *Lindoia*, *Voluntário* e *General Osório*; e os transportes: *Apa*, *Marcílio Dias*, *Isabel*, *Princesa de Joinvile* e *Iguassú*, êste a vela. A gloriosa fragata *Amazonas* com o vapor *Igurei* e a canhonheira *Maracanã* ficaram em Corrientes. O governo imperial fretou mais os transportes: *White-Inch*, *Viper*, *Suzan-Bearn*, *Riachuelo*, *Presidente*, *Galgo* e *Duque de Saxe*. A Argentina não tinha um barco de guerra, salvo o ridículo *Guardia Nacional*.

A esquadra foi distribuida em tres divisões. A segunda bloqueou a foz do rio Paraguai. A primeira e a terceira tomaram posição de combate em face do forte do Itapirú. Testa de coluna, o *Apa* com o pavilhão do vice-almirante *Marques Lisboa*, cujo chefe de estado-maior era *Francisco Manuel Barroso*, o vencedor do *Riachuelo*.

“Até as Tres Bôcas fôra o Paraná explorado anteriormente pelas divisões de *Barroso*, logo que subiram a *Corrientes*, mas daí para cima, no trecho denominado *Alto Paraná*, os nossos vasos de guerra tinham deante de si os mistérios do desconhecido. Examinar todos os canais e passos, medir-lhes a profundidade, verificar a força da correnteza, determinar com precisão todos os bancos e arrecifes, estudar todas as dificuldades a vencer, tal era o melindroso e arriscado encargo da comissão hidrográfica nomeada pelo vice-almirante e que se compôs dos primeiros tenentes *Silveira da Mota*, depois vice-almirante barão de *Jaciguai*, ajudante de ordens do comandante em chefe, *Hoonholtz*, depois vice-almirante barão de *Tefé*, comandante da *Araguari*, e *Cunha Couto*, co-



mandante do *Iguassú*. Ela o executou com perícia e denodo, nas varias expedições que se organizaram para êsse fim, uma das quais dirigida pelo próprio vice-almirante, achando-se presentes o plenipotenciário brasileiro Francisco Otaviano e os geenrais Osório, Mitre e Flôres. Sempre que os navios chegavam ao alcance das baterias eram vivamente hostilizados e, às vezes, como sucedeu na ilha de Sant'Ana, súbito troava o canhão de dentro das matas, que se supunham desertas, ou crepitava nutrida fuzilaria dos destacamentos ali emboscados. Nada, porém, perturbava a serenidade dos exploradores: batiam-se as guarnições, enquanto êles, impassíveis, prosseguiam nos seus estudos. Êste serviço fez honra á proficiência dos oficiais da Marinha Brasileira (\*).” Os serviços que, por êsse tempo, prestou a esquadra chefiada por Marques Lisboa fôram reconhecidos — como acentúa Ouro Preto no seu opúsculo *A esquadra e a opposição parlamentar* — até por um parcialissimo propagandista de Solano Lopes como era Benjamim Poucel, autor do livro *Le Paraguay moderne*.

A ação da armada era prejudicada diariamente por um novo engenho de guerra naval que os paraguaioes haviam apresentado na batalha do Riachuêlo: a chata ou, como alguns a chamaram, o monitor de madeira. Era uma embarcação rasa, de tão pouco pontal que parecia uma jangada, feita de rijas madeiras. Pouco mais de cem pés de comprimento. Sem nenhum meio de mobilidade. Destinada, pois, a ser rebocada. No centro do convês, uma escotilha com o reparo dum rodi-

---

(\*) Ouro Preto — “A marinha de outróra”.



zio de 68, que os tripulantes, ocultos no porão, manobravam. Invisível a certa distância, era alvo difícil. Oculta na sombra da ramaria das margens, quasi impossível. Suas balas, deslizando á flôr dagua, feriam os cascos dos navios de madeira na linha de flutuação, pondo-os em perigo. No dia 25 de março, quando o almirante dava um almoço a bordo do *Apa* para comemorar o aniversário da Constituição, vários dos seus projeteis penetraram no navio e lhe causaram estragos.

Amparadas pelos canhões do Itapirú e pelas peças das baterias volantes, elas empreenderam contra os navios de Tamandaré a chamada *guerra das chatas*. A pontaria dos nossos artilheiros, quando as descobria, fazi-as voar pelos ares ou desmontava-lhes a peça. Uma delas, porém, a 27 de março, acertou uma bala pela escotilha adentro da casamata corrida do *Tamandaré*, matando e ferindo trinta e sete oficiais e marinheiros, entre os quais o bravo Mariz e Barros, filho do almirante José Joaquim Inácio.

Tomada a ilha da Redenção, fronteira ao Itapirú, depois duma ação combinada das forças de terra com a esquadra; destruída pelo tiro dos navios a flotilha de canôas que trouxera assaltantes paraguaios destinados a reconquistá-la; batida consecutivamente pela artilharia de bordo a fortificação da margem; concluída a exploração do rio, resolveu-se a grande operação do transporte e desembarque do exército aliado.

Tudo estava pronto para isso. Sòmente se esperava que Mitre desse a ordem. Porém ao exército argentino faltava tudo e ao seu general a decisão. Palleja confessa a demora causada pelas



“contrariedades que experimenta el presidente: respecto al abasto”.

Emfim, a 15 de abril de 1866, Osório faz a sua famosa proclamação ao 1.º corpo do Exército Brasileiro. A’ noite, começam a embarcar tropas em Corrales. Pela manhã de 16, Tamandaré aproxima-se com toda a esquadra da margem direita do Paraná e bombardeia as posições inimigas do Itaipirú e do Passo da Pátria. A’s oito e meia, movem-se os primeiros transportes com as divisões brasileiras de Argolo e Sampaio, dez mil homens. Na reunião de generais em que se decidira o feito, conta com letra de seu proprio punho Osório, anotando a *História da guerra do Paraguai* de Teodoro Fix, Mitre ofereceu para pisar primeiro o territorio paraguaio *um general argentino*, com o qual “poderiam ir” algumas tropas imperiais. O almirante protestou com veemência: “a operação deveria ser cometida aos brasileiros!” Osorio secundou-o, declarando que iria, embora o general em chefe mandasse outro. Tamandaré levantou-se e abraçou-o. Mitre não insistiu e a 14 de abril perguntou a Herval se ainda estava disposto a ir, recebendo resposta afirmativa. Osório é o primeiro a saltar em terra, acompanhado por sua escolta, meia legua acima da confluência do Paraguai com o Paraná e á margem do primeiro. Logo a seguir desembarcam algumas companhias do 2.º de voluntarios do major Deodoro da Fonseca. As avanzadas da columna paraguaia de Hermosa e Venegas trocam tiros com os nossos. O piquete de Osório carrega-as e leva-as de vencida á lança. Já estão no territorio inimigo o 13.º de infantaria de linha, o 11.º e o 26.º de voluntários. Argolo fá-los carre-



gar á baioneta. As fardas vermelhas debandam e fogem até Laguna Sirena. Um aguaceiro formidável põe fim ao combate. Estava invadido o Paraguai.

Enquanto isso, a esquadra, que simulara atacar o Passo da Pátria e fizera os transportes virarem águas abaixo, de modo a penetrarem no rio Paraguai, efetuando a passagem sem inconveniente, arrazava a derradeira bateria do Itapirú e varria as margens de inimigos, garantindo plenamente o êxito da difficilima operação que não nos custou uma vida.

Na noite de 16 e na manhã de 17, fez-se o desembarque dos sete mil homens de Flôres: orientais, argentinos e a brigada brasileira do coronel Pecegeuiro, que derrotaram a coluna de Basilio Benitez dirigida contra êles. Os paraguaioes evacuaram o Itapirú sob o fogo da armada imperial. Tamandaré, depois que a *Henrique Martins* e a *Greenhalgh* sondaram o canal entre a ilha de Sant'Ana e o acampamento fortificado do inimigo, levou ali seus grandes navios e concentrou os tiros sobre os entrincheiramentos do Passo da Pátria, onde se haviam reunido os paraguaioes. "Os grandes estragos causados pelo canhoneio da esquadra — afirma o visconde de Ouro Preto — obrigaram Lopes a nova retirada."

O resto do exército saltou em terra nas proximidades do Itapirú, onde flutava, içada pelo coronel Carlos de Carvalho, a bandeira imperial, hoje conservada no Museu Histórico. Mitre desembarcou ás onze horas da manhã de 18 de abril. A 25, Osório datava sua ordem do dia no acampamento abandonado pelo ditador.



Tamandaré e Osorio apagam a figura pálida de Mitre nessas jornadas gloriosas. O primeiro planeja, prepara e executa a ação naval com prudência, sem que se perca uma canôa ou um soldado. O segundo entusiasmo, eletriza o exército, pisa com doze companheiros o terreno inimigo, carrega os guaranis que pretendem fazer-lhe frente, derrota-os e desfralda o pavilhão brasileiro onde estivera a barraca de Lopes.

Começava a resposta á invasão de Mato Grosso e ao assalto da fronteira do Rio Grande. Resposta que levámos cinco anos escrevendo com sangue para que até hoje perdurasse na memória da nação que injustamente nos agredira e lhe tirasse para sempre as veleidades da desforra.



## O DESASTRE DE CURUPATI

A invasão continuou com Flôres vanguardeando e Osório comandando e combatendo, sem que a figura de Mitre se projetasse com glória no panorama da campanha. A 2 de maio de 1866, no Estero Belaco, os paraguaios surpreendem o caudilho oriental, que se bate como um herói. O barão do Herval vem socorrê-lo e destroça o inimigo que sofre graves perdas. No dia 20, a trincheira do Passo Cidra, defendida pelo tenente coronel Avelino Cabral, que impedia o avanço do exército, é tomada pelos infantes brasileiros de Wanderlei Lins, que formavam a vanguarda de D. Venâncio. A 24, trava-se a maior batalha campal da América do Sul. Lopes lança quasi de surpresa a melhor parte do seu exército sobre os aliados. Mitre, segundo o testemunho dos mais sisudos historiadores, conforme a prova dos documentos, não parece ser o general em chefe. Não dá uma ordem, não pratica um feito e acaba confessando que Osório "mostrou dotes de comando no momento da ação, tendo verdadeiras inspirações oportunas, reparando os revezes sofridos pela primeira linha, completando a vitória com um golpe decisivo, pagando valorosamente o triunfo com o ris-



co de sua vida, infundindo entusiasmo aos soldados e constituindo-se o seu idolo." Assim, foi tudo. Comandou, salvou, venceu, socorrendo Flôres, socorrendo Argolo, ordenando a Mallet sustentasse a posição, fulminando a cavalaria de Marcó, revelando-se o grande chefe diante do qual Garmêndia se extasia e que o próprio O'Leary reconhece.

Após a vitória em que os paraguaios perderam doze mil homens, começou a guerra de posição. Êles fortificaram-se nos seus paúes, hostilizando-nos por trás das linhas de Rojas. Nós nos entrincheirámos em Tuiuti. Começava a inação que o marquês de S. Vicente profetizara quando sugerira ao governo imperial, como conhecedor profundo do Paraguai, o ataque pelo norte. Além disso, o gênio apático de Mitre, sua incapacidade técnica para o comando em chefe e seu interesse em demorar a guerra, que enriquecia a Argentina e poderia nos enfraquecer, aumentava a paralisia dos invasores após o triunfo. Osório, doente, passou o comando do Exército Brasileiro ao marechal de campo Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Teresa, no dia 15 de julho e retirou-se a 18. Tamandaré ficou tão triste com essa retirada coom se visse enrolar-se a bandeira da vitória e escreveu ao governo que uma "profunda sensação se desenhava no semblante dos soldados do Brasil e da Aliança".

A esquadra dominava os rios, menos o Paraguai do ponto em que começavam as fortificações afamadas qe mais de dez anos antes haviam detido a expedição de Pedro Ferreira de Oliveira. O conjunto de baterias de Humaitá era julgado inexpugnável do lado do rio e mesmo do lado da



terra, — a Sebastopol sul-americana! A esquadra ainda não podia iniciar o seu ataque. Era necessário que o exército a pudesse apoiar e não convinha agir em desacôrdo com a sua situação. Continuou, pois, a vigiar os rios, transportando tropas, fazendo o abastacimento, impedindo quaisquer comunicação fluviais do inimigo e defendendo-se, sobretudo á noite, dos brulotes e torpedos lançados correnteza abaixo. Reforçaram-na os encouraçados *Lima Barros* e *Rio de Janeiro*, as bombardeiras *Pedro Afonso* e *Forte de Coimbra*.

Livre pelo tratado da tríplice aliança do comando em chefe de Mitre, Tamandaré era o único general brasileiro que gozava de liberdade de ação. Assim, podia “empreender qualquer cometimento que julgasse útil á mesma Aliança, sob sua única inspiração, motivo pelo qual, na imprensa do Prata, se estranhou que não tivesse, logo depois da invasão do Paraguai, destruido as fortificações de Curuzú e Curupaiti, forçando as de Humaitá. Não escapava, porém, á proficiência do valente marinheiro que inútil seria atacar aquelas duas fortalezas (baterias de terra e barro solto, de pronta reparação), sem poder ocupá-las e nelas manter-se, para o que não dispunha de tropa de desembarque suficiente, visto não passarem de novecentas praças as que para êsse fim tinha a bordo. Quanto ao forçamento de Humaitá, mais que temeridade haveria em tentá-lo, antes que o exército se apoderasse de alguma posição, rio acima, onde os navios se abastecessem de viveres, combustivel e munições de guerra (\*)”.

---

(\*) H. Boiteux — “Os nossos almirantes”.



Por êsse tempo, o 2.º corpo do Exército Imperial comandado pelo barão de Porto Alegre acampava nas imediações de Itapuan. O almirante convidou-o a operar com a esquadra no rio Paraguai, depois de ter proposto, defendido e feito vingar essa idéa na junta de generais reunida a seu convite. A 11 de junho, primeiro aniversario da vitória do Riachuelo, a divisão do capitão de mar e guerra Torres e Alvim, depois de lenta navegação, sondando aguas desconhecidas, sob incessantes hostilidades dos paraguaios, fundeou nas cercanias da ilha do Apipé e entrou em comunicação com o general Marques de Sousa. Depois, em duas viagens transportou os seus onze mil homens que, “na conformidade das determinações do govêrno imperial, poderiam operar reunidos aos exércitos aliados ou separadamente, em concêrto com a esquadra (\*)”. Essa independência do 2.º corpo Porto Alegre e Tamandaré procuraram defender á *outrance* do açambarcamento de Mitre, que os levou com a sua ação inepta ou malévola ao desastre de Curupaiti.

Em meados de agosto de 1866, o 2.º corpo acampava no Passo da Pátria, tendo deixado a divisão de Portinho em observação nas cercanias de Itapuan. Polidoro, que perdera muita gente nos combates da Bocaina, em julho, desejava reunir os dois corpos em Tuiuti. Porto Alegre e Tamandaré eram de parecer contrário, pois isso seria entregar aquela força á proverbial inação de Mitre. Além disso, agindo independente, de combinação com a esquadra, pela margem esquerda do Paraguai, Marques de Sousa poderia prestar inestimáveis serviços. Esta opinião, “sus-

---

(\*) Ouro Preto — “A marinha de outróra”.



tentada com ardor pelo almirante (\*)", prevaleceu no conselho de generais reunido no dia 18 de agosto, ficando assentado o seguinte plano: o 2.º corpo desembarcaria abaixo do forte de Curuzú e o atacaria, protegido pela esquadra; tomado êle, marcharia sobre os entrincheiramentos de Curupaiti, enquanto, para fazer uma diversão que impedisse a concentração paraguaia nos pontos atacados, Flôres com toda a cavalaria realizaria um reconhecimento no flanco esquerdo e o exército aliado avançaria sobre as linhas de Rojas.

De tres horas da madrugada às oito da manhã de 1.º de setembro, embarcaram os 8.350 homens de Porto Alegre nos transportes da esquadra, que subiram o rio e fôram fundear junto á embocadura da laguna Piriz, fóra das vistas dos guaranis. Com a sua insignia no *Magé*, o almirante levou a esquadra até a ilha do Palmar. Pouco antes de meio dia, o *Lima Barros* iniciava o fogo contra o Curuzú. Depois, os encouraçados e a canhoneira *Ivaí* sustentaram o bombardeio até o cair da noite. Os paraguaios responderam com violência e cada navio nosso recebeu mais de 40 balas. No dia 2, ás uma e meia horas da tarde, começou o desembarque, enquanto troavam os canhões do *Tamandaré*, da *Forte de Coimbra*, da *Pedro Afonso* e de tres chatas, varrendo os bosques da margem e castigando as estacadas do forte.

Ia em meio o desembarque, quando formidável explosão abalou os ares. Assombrados, todos os rostos se voltaram para o rio. Era o encouraçado *Rio de Janeiro* que tocara num torpedo, o

---

(\*) T. Meireles — "Historia naval brasileira".



qual lhe levantou á pôpa grande massa de agua que o submergiu. Antes, porém, de ir a pique, outro dêsses engenhos soltos pelos inimigos na correnteza explodiu á prôa do navio, vitimando grande parte da tripulação.

O mau agouro dessa catastrophe não deteve o barão de Porto Alegre, veterano de Monte-Caseros. A's tres horas, tinha a sua gente em terra e, rompendo as dificuldades da selva hostil e do banhado traíçoeiro, colocava-se por trás de trincheiras, com a artilharia em posição, defronte da fortificação inimiga. Ao clarear o dia 3, os paraguaaios romperam fogo contra os brasileiros. Mas as colunas de assalto de Albino de Carvalho e Gonçalves Fontes correram ás estacas e taludes do Curuzú, escalaram-nos e tomaram-nos a arma branca. A guarnição debandou e foi perseguida até o pé dos entrincheiramentos de Curupaiti.

A notícia da tomada do Curuzú entusiasmou a soldadesca do 1.º corpo, em Tuiutí. O general em chefe não teve o mesmo sentimento, pois os brasileiros haviam vencido sòzinhos sob o comando do general que determinára outróra o triunfo de Caseros, quando êle era simples tenente-coronel. Antes que o 2.º corpo se apoderasse de Curupaiti, o que descobriria o flanco de Humaitá, provocou diversas conferências, nas quais andou tomando parte o ministro Otaviano, que nada tinha a vêr com as operações navais e militares. A nossa política, infelizmente, sempre se estendeu aos acampamentos. Teotonio Meireles, bem documentado, conta na sua *História Naval Brasileira* os seguintes acontecimentos que considera *notaveis e enigmaticos*.

“No dia 1.º de setembro, quando as fôrças do



2.º corpo do Exército Brasileiro desembarcavam para atacar Curuzú, á mesma hora, no flanco esquerdo dos paraguaio, em Tuiuti, aparecia uma *bandeira branca*, que, empunhada por um oficial paraguaio, se encaminhava para a direita, onde a fôrça argentina aliada se achava acampada; parece que regressara logo depois, visto sobre ela terem os argentinos disparado alguns tiros. Essa mesma *bandeira branca*, depois da tomada do Curuzú, e das diversas conferências havidas entre os generais aliados e o ministro Otaviano sobre o ataque a Curupaiti, e assentado êste; depois de decidida a questão suscitada sobre a pessoa que em chefe devia dirigir a ação, e do protesto assinado em 1.º de setembro pelos almirantes Tamandaré e barão de Porto Alegre, referente á questão do comando, essa mesma *bandeira branca* tornou a aparecer no dia 11 de setembro; sendo o parlamentar recebido pelo general Mitre”.

Era o portador da carta em que Lopes o convidava para uma entrevista *pessoal*, no dia e hora que marcasse. Consultado sobre o assunto, Polidoro recuou-se a qualquer entendimento com o tirano. Mitre aceitou-o e levou consigo Flôres, amuado. O encontro realizou-se nos palmeirais de Iatati Corá, no dia 12, e não produziu para os aliados senão os peores resultados. Solano Lopes, lisonjeando a vaidade mórbida de Mitre, quis sòmente ganhar o tempo necessário para que os soldados de Dias pudessem, trabalhando noite e dia, reforçar as fortificações de Curupaiti. O general em chefe sacrificou, assim, o êxito da manobra empreendida pelo comandante do 2.º corpo e tão bem iniciada com o



assalto vitorioso de Curuzú. Godoi quer mesmo que êle tenha revelado o plano de ataque.

Máu grado os protestos de Tamandaré e Porto Alegre, de bôca e por escrito, insistiu em assumir o comando em chefe na ação de Curupití. Enquanto pensava que o movimento preconizado pelo almirante fôsse temerário e inutil, ficara nas escô-lhas. O trunfo do Curuzú abriu-lhe o apetite: queria a chefia e trazia o exército argentino para ter as glórias do feito. Tamandaré declarou-lhe categoricamente que o fáto de tirar o comando a Porto Alegre, quando acabava de colher o mais belo florão da campanha, só podia considerar-se como receio de novos triunfos sem sua influênciã. Mas iam-lhe ser fatais as delongas das conferências e da entrevista com o ditador. A sorte das armas mostraria de vez que nenhum valor tinha como general. Dêsde êsse dia doloroso, eclipsou-se para sempre a sua estrela militar. Dentro em pouco, ninguém mais falaria dêle e a figura de Caxias o relegaria definitivamente ao limbo do esquecimento.

O ataque de Curupaití que devia ser, como o queriam Tamandaré e Porto Alegre, imediato ao do Curuzú, o que se não fez por não virem refôrços de Tuiutí, em tempo, só se efetuou no dia 23 de setembro, por causa do transporte do exército argentino. A's sete da manhã, o almirante mandou começar o bombardeio na distância de duas amarras. Por trás dos couraçados, mais longe, as canhoneiras faziam fogo. A estacada que defendia a aproximação do barranco do forte foi rompida; porém o canhoneio era pouco eficaz contra as trincheiras de barro sôlto, facilmente reparáveis, e



sitas em alta barranca. Entretanto, desmontou algumas peças de 68.

Mitre lançou contra Curupaití as suas colunas de assalto: brasileiros á esquerda, argentinos á direita. Eram dezenove mil homens que avançavam “de peito descoberto, músicas tocando e bandeiras desfraldadas contra um colosso de argila coroadado de canhões e carabinas (\*)”.

Atravessaram um paúl coberto de espinheiros. Transpuseram a primeira linha de defesa com o seu fôssco de 12 palmos de largura, seus abatizes e bôcas de lobo. Chegaram á segunda linha, traçada pelo engenheiro Wisner de Morgenstern, em que o fôssco tinha 27 palmos e em cuja crista seis mil atiradores e 32 canhões vomitavam a morte. Quarenta soldados brasileiros escalaram o talude e fôram cravar suas baionetas no peito dos artilheiros. Nenhum voltou.

As tropas detiveram-se ante a fortificação tornada inexpugnável, os brasileiros um tanto defendidos pelo fogo da esquadra, os argentinos caçados a tiro na contra-escarpa dos fôsscos. Porto Alegre, a pé, de grande gala, espada na mão, percorria as nossas linhas, incitando os seus bravos. Talvez J. Artur Montenegro tenha razão quando diz que, “mais um esforço naquêlê inferno de lama e sangue e a mais estrondosa vitória assinalaria a quêda do famoso quadrilatero!” Mitre, porém, não entendeu de fazê-lo e ordenou a retirada ás duas horas e um quarto. Marques de Sousa teimou em ficar, obstinando-se no ataque ao bastião que destinha a sua gloriosa avançada. Só as tres horas

---

(\*) J. Artur Montenegro — “Album da guerra do Paraguai”.



começou seu movimento de recuo para o Curuzú, em ordem, lentamente, guardando os batalhões a formatura e as distâncias, como num dia de parada. Os paraguaios de Dias não ousaram pôr o pé fóra do baluarte...

Detido o exército pelas linhas de Rojas, só uma marcha de flanco o poderia levar ao coração do país inimigo e á vitória definitiva. Caxias teve de fazer duas: a de Tuiú-cué e a do Chaco. Tamarandé ideou a primeira. Porto Alegre executou-a com habilidade e bravura, conquistando a primeira posição. Mitre, porém, interveio e tudo estragou. Agora, o 2.<sup>o</sup> corpo, ilhado entre os pantanais do Curuzú, ia apodrecer na inação geral e ser devorado pelo cólera.

O almirante indispusera-se de tal fôrma com o general em chefe e creára pelas suas atitudes decididas e sua franqueza rude tão grande numero de inimigos que lhe era impossível continuar na campanha. Além disso, nunca fôra, não era e jamais seria político. Nem liberal como Osório, nem conservador como Caxias. Em agosto, embora sem encontrar eco, sua substituição fôra proposta no conselho de ministros. Em fins dêsse mês, antes do malogrado ataque de Curupaití, já êle pedia reservadamente ao visconde de Ouro Preto, ministro da Marinha, licença para vir ao Rio tratar de sua saúde, a qual lhe fôra concedida em outubro. Caxias assumiu o comando do exército e êle continuou ainda em serviço, esperando, sem aproveitar-se da permissão que tinha, fôsse com brevidade feita a nomeação de seu substituto.

Depois de elogiado pelo Imperador, entregou o comando em chefe da esquadra no Curuzú, ao



seu amigo e velho companheiro de lutas Joaquim José Inácio, no dia 22 de dezembro, e regressou ao Rio no vapor *Apa*. Fôra a sua última campanha e dela “voltava com a consciência tranquila de haver feito tudo pela grandeza da pátria”.

Quando desembarcou na Côrte, a 12 de fevereiro de 1867, já tinha sido promovido a almirante por decreto de 21 de janeiro.

Joaquim José Inácio, ao assumir o posto que êle ocupara durante dois anos a fio nas aguas territoriais do Paraguai, disse em ordem do dia estas palavras: “Substituindo tão importante homem de mar e guerra, conheço quanta responsabilidade vai sobre meus ombros, responsabilidade duplicada, pois importa, além do cumprimento dos deveres árduos de meu cargo, o de sustentar a reputação bem merecida que, sob o ilustrado comando de meu antigo e prezado chefe, tão heroicamente alcançou a fôrça naval...”







## A QUEDA DO IMPÉRIO

O grande almirante no seu bem ganho repouso, acompanhou de longe o desenvolvimento das operações que iniciara. Exultou com as marchas de flanco, que conduziram Caxias, primeiro a Tuiúcué e ao Tají, o que permitiu á esquadra forçar a passagem de Humaitá, depois a Avaí e Lomas Valentinas, que fizeram Lopes fugir para as Cordilheiras, por fim á terminação da campanha com a morte do despota á margem do Aquidaban.

Ocupou os ócios de sua velhice no alto cargo de ministro do Supremo Tribunal Militar. Por êsse tempo, um primeiro tenente secretário do Batalhão Naval recusou-se a cumprir uma ordem do seu comandante por achá-la absurda e ilegal. Levado a conselho de guerra, e condenado, recorreu á instância superior. Procurou o visconde, então enfermo, em sua residência, afim de explicarlhe o caso e pedir-lhe que o protegesse no julgamento. Tamandaré interrompeu-lhe a exposição, dizendo serenamente:

— Não conclua. Seu comandante deu-lhe uma ordem e o senhor devia cumpri-la. Faltou com o respeito devido ao seu superior. Peça, portanto, a Deus que eu continue doente, porque, se comparecer á sessão, votarei por sua condenação.



As anedotas pintam o carater dos homens melhor do que muitas páginas de psicologia. De outra feita, sabendo que ia ser submetido á assinatura da Princeza Imperial Regente o decreto da reversão ao serviço da Armada dum official que fôra obrigado a pedir demissão por ter praticado atos de deshonestidade, fardou-se, cingiu a espada e dirigiu-se ao paço. Recebido por Sua Alteza, entregou-lhe a arma que tanto soubera honrar, com estas palavras:

— Peço a minha demissão do posto de almirante. Não posso pertencer a uma corporação de que faça parte um official deshonorado!

D. Isabel acalmou-o, ouviu dêle o relato do que praticara o demissionário e não assinou o decreto.

Tamandaré gostava de passear á tarde pelas ruas centrais da cidade, de chapéu na mão. O vento brincava com suas barbas e cabelos brancos. Toda a gente o cumprimentava com respeito e muitas pessoas paravam para lhe apertar a mão.

Gabava-se da rijeza de sua saúde em tão avançada idade. Devia-a á vida rude que passara, quando moço, nos navios á vela, verdadeira escola do official de marinha. Não usava colchões nem travesseiros, tomava banhos frios ao romper da manhã, de inverno ou verão, comia e bebia pouco, limpava os dentes que ainda lhe restavam, sãos e brilhantes, com cognac, e tinha o maior prazer em contar os episódios de sua movimentada juventude.

Enojavam-no as lisonjas. Repelia-as com aspereza. Ao médico da Armada Sinfrônio Alvares,



que num jantar a bordo recitara em sua honra esta péssima quadra:

*Em tua fronte reluz  
uma estrela tão feliz,  
que por ela te bendiz  
a terra de Santa Cruz*

respondeu agastado e têsso:

— Pare com isso doutor! Não bendigo o seu estro poético que o leva a dizer que uma feliz estrela me conduz, porque, graças a Deus, tenho feito para merecer o que me teem dado, sem confiar nela!

O Imperador não esqueceu na paz os serviços que êle prestara na guerra. Em 13 de dezembro de 1887, elevou-o a conde e, em maio de 1888, a marquês, o mais alto titulo conferido na Marinha Brasileira. E deu-lhe, como ao duque de Caxias, o colar da ordem da Rosa.

A monarquia tombava para o ocaso como o velho almirante que a vira nascer e que, ininterrupta e lealmente, a servira dêsde 1822. Amigo íntimo do soberano que nêle depositava toda a confiança, foi com intensa magua que o viu deposto a 15 de novembro de 1889 e partir para o exílio. Não exercia nenhuma função de comando e, entregue unicamente á tarefa de juiz militar, nenhuma ação ou interferência poderia ter nos acontecimentos. A situação que se criára da noite para o dia, afastando ou amedrontando a grande maioria dos servidores do Império, não teve sobre seu espirito o menor efeito. Êle foi tranquilamente a bordo da *Parnaíba*, onde fôra embarcada a família imperial,



levar seu triste abraço de despedida ao soberano e ao amigo. De volta, quando pisou o cáis do Arsenal de Marinha, cercaram-no, curiosos, alguns oficiais. Olhou-os com serena tristeza, cumprimentou-os com afeto e disse, como a querer mostrar que, para êle, o Brasil estava acima dos homens e das próprias instituições:

— Meus, senhores, o que está feito está feito. Cuidemos agora de trabalhar e engrandecer a nossa pátria!

A vida ativa do marquês de Tamandaré finou-se com a quédá do Império. Embora o governo provisório, atendendo aos relevantíssimos serviços que prestara nas organizações da paz e nas operações da guerra, dêsde praticante de piloto na campanha da independência até comandante em chefe da esquadra na do Paraguai, resolvesse, por decreto de 30 de dezembro de 1889, que não fôsse passível de reforma compulsória e ficasse considerado, extraordinariamente, sempre em atividade, sem prejuízo do quadro de oficiais gerais da Armada, a qual teria outro almirante efetivo, além dêle, pediu para ser reformado.

O marquês, entretanto, insistiu no requerimento sendo êle deferido em janeiro de 1890. Continuou no lugar de membro do Supremo Tribunal Militar, vendo desenrolarem-se os tristes fatos do início do período republicano: o golpe de Estado de Deodoro, a presidência de Floriano, a revolta da esquadra, cujo espírito êle encarnava e que morreu com a vitória do poder constituído, torpedeado no *Aquidaban* e lanceado em Campo Osório.

Quando do manifesto dos generais ao presidente da República, que levou treze altas patentes



à prisão e ao degredo de Cucuí, apresentou-se no Itamarati para declarar-se a Floriano solidário com seus colegas e considerou-se preso em sua residência, irmanado pela alma aos signatários daquêle protesto histórico.

Esse gesto, que pareceu ridículo pela sua inutilidade aos críticos parciais daquêle momento, hoje nos aparece, na perspectiva da história, como espontaneamente brotado do seu carater altivo e nobre, flôr dos seus sentimentos de cavalheirismo, coragem cívica, brio militar e galhardia. Ele, que recusara o serviço ativo da República, agora, como um personagem do *Aiglon*, poderia dizer:

*...maintenant qu'on arrête, j'en suis!*







## A BAIXA DO SERVIÇO

Seu precário estado de saúde não lhe permitindo mais dedicar-se ao julgamento das causas que lhe eram afetas como ministro do Supremo Tribunal Militar obrigou-o a resignar êsse cargo, o que foi aceito por decreto de 14 de março de 1897. Seis dias depois, a 20, Deus lhe dava baixa do serviço do Brasil para sempre, com quasi noventa anos de idade. Faleceu ás cinco e meia da tarde duma síncope cardíaca na sua casa da rua Marquês de S. Vicente, na Gávea. Antes de exalar o último suspiro, pediu a sua filha, D. Maria Eufrásia Marques Lisbôa, que dispensasse as honras militares a que tinha direito, que o seu caixão fôsse carregado por simples marinheiros, tanto de casa para o côche funebre, como dêste para a sepultura, e coberto com a bandeira da Brasil.

No dia 21 de março, diz o *Jornal do Comercio*, "ás quatro e tres quartos da tarde saiu da modesta residência do glorioso decano da Marinha Brasileira o féretro que encerrava seus preciosos despojos. Não havia na pequena sala nenhum adôrno, nenhuma ornamentação funebre. Seis marinheiros nacionais levantaram o féretro da mesa, coberta com um pano preto agalado de ou-



ro, junto a um aparador, onde quatro velas de cêra alumiam um crucifixo. A encomendação foi feita pelo reverendíssimo pároco da freguesia da Gávea. O caixão era de primeira classe e o carro, de primeira. Sobre as maçanetas e presas às colunas do carro, viam-se muitas corôas, notando-se entre elas as da família do ilustre finado, da Escola Naval, do Club Naval e da "Gazeta de Notícias". Depositado o féretro sobre o estrado do carro, em cumprimento da vontade do morto, foi sobre êle colocada a âncora que, em 1892, os alunos da Escola Naval, dirigidos pelo contra-almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama, lhe levaram á casa, em lembrança do seu 85º aniversário natalício. Essa âncora de flôres naturais, renovada pela piedade filial, desceu á cova, com o caixão. O acompanhamento foi de cêrca de 50 carros."

Esta trivial notícia do enterro do almirante é significativa. Que pobreza e que simplicidade a dêsse varão espartano que vivera e morria tão modestamente, levando para o túmulo, como símbolo, não a espada com que combateu, porém a âncora com que salvara os navios encalhados, naufragados, desmastreados e incendiados! Cincoenta carros!!! Mais do que isso tem qualquer burguês rico, para não falar nas celebridades momentâneas que abiscoitam, graças às explorações políticas, enterros triunfais. O presidente da República, os ministros da Guerra e da Marinha, o Ajudante General do Exército e o Chefe do Estado Maior da Armada, fizeram-se representar por seus ajudantes de ordens. E' incrível, porém, nenhum dêles compareceu pessoalmente, embora o velho almirante, marinheiro do primeiro e segundo Im-



pério, que nascera ao tempo da colônia, vira o Brasil Reino, guerreara na Independência e no Prata, tomara parte ao lado da legalidade em quasi todas as convulsões da Regência, criara e levava á vitória no Uruguai e no Paraguai a marinha do segundo reinado, assistira á proclamação da República, á ditadura florianista e á revolta da esquadra, pisara o convéz de taboas dos veleiros e a coberta chapeada de ferro dos encouraçados, vira a nau e o brigue, o vapor de rodas e o monitor, a couraça e o torpedeiro destinado á vencê-la, fôsse uma relíquia viva de glorioso passado, o derradeiro comandante em chefe das forças brasileiras contra Solano Lopes e, mais do que afirmou Garcez Palha, a história viva da Armada Nacional, a história viva da propria nacionalidade!

O povo, porém, encheu as ruas por onde passou o préstito rumo á necrópole do Cajú, descoberto, silencioso, de cabeça inclinada para o chão. Um jornal da época registrou essa atitude da população em significativas palavras: "... para que maior apoteóse do que êsse respeitoso e sagrado recolhimento com que a multidão acolheu a passagem do côche fúnebre que o levava á última morada?"

Parecia que o povo via passar o próprio enterro da Velha Marinha!...







## I N D I C E

|                                       | Pag. |
|---------------------------------------|------|
| A marinha e a independência . . . . . | 5    |
| O cruzeiro da Niterói . . . . .       | 15   |
| A primeira promoção . . . . .         | 23   |
| O bloqueio do Rio da Prata . . . . .  | 23   |
| Carmen de Patagones . . . . .         | 35   |
| O oculo de Brown . . . . .            | 43   |
| A setembrizada e a abrilada . . . . . | 49   |
| A cabanada . . . . .                  | 55   |
| O caçador de jacarés . . . . .        | 65   |
| A sabinada . . . . .                  | 71   |
| Gaúcho contra gaúchos . . . . .       | 77   |
| A balaiada . . . . .                  | 81   |
| O "Ocean Monarch" . . . . .           | 93   |
| A revolta praieira . . . . .          | 93   |
| A espada de ouro . . . . .            | 105  |
| O criador da nova marinha . . . . .   | 111  |
| O titulo de Tamandaré . . . . .       | 115  |
| "Blancos" e "Colorados" . . . . .     | 121  |
| A bofetada de Paissandú . . . . .     | 135  |
| A tríplice aliança . . . . .          | 153  |
| A rendição de Uruguaiana . . . . .    | 165  |
| A invasão do Paraguai . . . . .       | 175  |
| O desastre de Curupaiti . . . . .     | 185  |
| A queda do Império . . . . .          | 197  |
| A baixa do serviço . . . . .          | 203  |



# Gustavo Barroso

**RE-EDITA 7 VOLS.**

- 1 *Guerra do Lopez*
- 2 *Guerra do Flores*
- 3 *Guerra do Rosas*
- 4 *Guerra de Artigas*
- 5 *Guerra do Vidéio*
- 6 *Tamandaré*
- 7 *Osorio*

8 NOVIDADE:  
O LIVRO DOS *ENFORCADOS*

O livro  
brasileiro  
para os  
Brasileiros  
que desejam  
conhecer os  
episodios  
mais  
vibrantes  
da  
Historia  
do  
Brasil

\_\_\_\_\_ edit. *Getulio M. Costa*  
**EM TODAS AS LIVRARIAS-6\$000**